



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística**



Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.ppgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE SALVADOR:
*DUAS REALIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS***

por

CONSTÂNCIA MARIA BORGES DE SOUZA

**MARÇO
2009**



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**



Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 - Campus Universitário Ondina Salvador-BA
Tel.: (71)3283 - 6256 – Site: <http://www.pgll.ufba.br> - E-mail: pgletba@ufba.br

**A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE SALVADOR:
*DUAS REALIDADES SOCIOLINGÜÍSTICAS***

por

CONSTÂNCIA MARIA BORGES DE SOUZA

Orientador: Prof Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Letras.

**MARÇO
2009**

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa - UFBA

Souza, Constância Maria Borges de.
A concordância verbal na fala de Salvador : duas realidades sociolinguísticas /
Constância Maria Borges de Souza. - 2009.
198f.: il.

Inclui anexos.

Orientador : Prof. Dr. Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti.

Co-orientadora : Prof^a Dr^a Norma da Silva Lopes.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, Salvador,
2009.

1. Língua portuguesa - Português falado - Salvador (BA). 2. Língua portuguesa -
Variação. 3. Contato vernacular. 4. Linguística. 5. Sociolinguística. I. Ramacciotti,
Dante Eustachio Lucchesi. II. Lopes, Norma da Silva. III. Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Letras. IV. Título.

CDD - 469.798142

A Deus que me deu serenidade para concluir este trabalho.

Aos meus pais que continuam me apoiando.

A minha família (irmãos, cunhadas e sobrinhos) que tanto vibra com minhas conquistas.

A Norma Lopes pelo apoio e incentivo constantes.

A Dante Lucchesi pela atenção e firmeza nos ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Dante Lucchesi, pela orientação e apoio durante o fechamento dessa tese e por ter me permitido entender um pouco mais do Português brasileiro.

À Profa. Dr^a Myriam Barbosa da Silva, pelo empenho e segurança nas suas orientações na primeira fase desse trabalho.

À Profa. Dr^a Maria Marta Pereira Scherre, pela atenção a mim dedicada nas orientações sempre seguras.

À Profa. Dr^a Norma da Silva Lopes, pela co-orientação desse trabalho e pela amizade de tantos anos.

À Profa. Dr^a Josane Moreira de Oliveira, que me permitiu desvendar os segredos do GoldVarb.

Aos meus professores, em especial a Jacyra Andrade Mota, Suzana Alice Marcelino Cardoso e Rosa Virgínia Matos e Silva, que me despertaram cada vez mais o desejo de estudar a Língua Portuguesa.

Aos meus colegas de turma, pelo convívio e encorajamento nesta trajetória acadêmica.

À UNEB – Universidade do Estado da Bahia – pela licença remunerada, no período da Qualificação e conclusão deste trabalho.

Aos colegas do Colegiado de Letras da UNEB / Campus I, que concordaram com a minha liberação, assumindo as aulas.

Aos meus amigos do DCH do Campus I, pelo carinho e atenção.

A minha amiga Eva Maria Neri Rocha, companheira da mesma jornada, com quem dividi estudos e discussões durante o curso, sobretudo, no período final do trabalho.

As minhas amigas Emília Helena Portela Monteiro de Souza, Olímpia Ribeiro de Santana, Alvanita Almeida Santos, Eliete Maria Araújo Santana, Lúcia Maria Parcero de Jesus, Lucília Santa Rosa e Silva, Teresinha Machado Cafezeiro, Ana Maria Sales Moura de Oliveira, pela amizade e solidariedade.

Aos meus amigos do CEFET-Ba, que continuaram acompanhando minha caminhada de estudos.

A Clese, companheira de tantas jornadas, pela ajuda na construção do abstract deste trabalho.

Aos informantes do PEPP e do NURC que permitiram registrar suas falas para as análises desenvolvidas neste trabalho.

Aos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos: Carlos Augusto, Valdete, Ana Carolina e Carla; Heleniwal, Sônia, Adriana, André e Cristiano, por me apoiarem constantemente com muito entusiasmo.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre a variação da concordância verbal e o processo de formação do português brasileiro. A concordância, tanto a verbal quanto a nominal, apesar de ser um fenômeno variável, é exigida socialmente e quem não segue a tradição é avaliado negativamente, devido à forte pressão escolar e exigência da sociedade dominante. Com base na sociolinguística variacionista, este trabalho busca explicações para a variação na concordância verbal no português falado em Salvador, analisando fatores linguísticos (internos à língua) e fatores sociais (externos à língua). Observando-se a interação desses fatores, verifica-se de que modo eles condicionam a presença ou ausência de marcas flexionais no verbo. Esta pesquisa toma como embasamento teórico a teoria da variação, segundo Labov (1972, 1982, 1994), e o conceito de transmissão linguística irregular, postulado por Lucchesi (2000, 2001), além de outros trabalhos de abordagem sociolinguística. Com o estudo do fenômeno da variação da concordância verbal na fala popular de Salvador, constata-se que o português brasileiro foi formado no cenário de uma realidade lingüística bipolarizada, tendo, de um lado, a norma culta e, de outro, a norma popular ou vernácula (LUCCHESI, 2001, 2002). Neste estudo, analisou-se uma amostra constituída de inquéritos extraídos do **Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP/SSA)** e inquéritos extraídos do **Programa Norma Urbana Culta de Salvador (NURC)**. A concordância verbal é uma regra variável com grande ausência de marcas na fala popular, sendo marcada pelos falantes cultos em razão da pressão escolar e exigência do mercado ocupacional.

Palavras-chave: Português do Brasil, variação e mudança lingüísticas, contato entre línguas, concordância verbal.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the relation between the verbal agreement variation and the formation process of Brazilian Portuguese. Although a changeable phenomenon, the verbal agreement, as well as the nominal one, is socially demanded, and those who do not follow the tradition is negatively evaluated, due to a strong school pressure and dominant society requirement. On the basis of the variationist sociolinguistics, this work tries to explain the verbal agreement variation in Portuguese spoken in Salvador (BA), through the analysis of linguistic factors (internal to the language) and social factors (external to the language). By the interaction of these factors, it is verified how they determine the presence or absence of flexional marks in verbs. As theoretical bases, this research takes the theory of variation, according to Labov (1972, 1982, 1994), and the concept of irregular linguistic transmission, postulated by Lucchesi (2000, 2001), besides others works based on sociolinguistics approach. The study of verbal agreement variation phenomenon in Salvador popular speech brings evidences that Brazilian Portuguese was formed in a set of bipolarized linguistic reality that had the formal language on one side and the vernacular on the other one (LUCCHESI, 2001, 2002). In this study, it was analyzed a sample of inquiries extracted from the **Programa de Estudos do Português Popular Falado em Salvador (PEPP/SSA)** and from the **Programa Norma Urbana Culta de Salvador (NURC)**. With great absence of marks in popular speech, the verbal agreement is a changeable rule marked by cultured speakers because of school pressure and occupational market requirement.

Keywords: Brazilian Portuguese, linguistic variation and change, languages and contact, verbal agreement.

LISTA DE ABREVIATURAS

CV	Padrão silábico consoante-vogal
DID	Diálogo entre informante e documentador
D2	Diálogo entre dois informantes
EF	Eloquções Formais
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
NURC	Norma urbana culta
NURC/RJ	Norma urbana Culta do Rio de Janeiro
NURC/SSA	Norma urbana Culta de Salvador
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
PEPP	Programa de estudos do português popular brasileiro
PEUL	Programa de Estudo sobre o uso da Língua
PPB	Português popular brasileiro
SN	Sintagma Nominal
VARSUL	Banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul.
3PP	Terceira pessoa do plural

ÍNDICE DE TABELAS

No. da tab	Título da Tabela	Pág.
01.	Concordância Verbal e Escolaridade.....	117
02.	Concordância Verbal e Gênero.....	119
03.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Escolaridade..	121
04.	Concordância Verbal e Faixa Etária.....	123
05.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Faixa Etária....	124
06.	Concordância Verbal no Cruzamento Faixa Etária e Escolaridade.....	126
07.	Concordância Verbal e Mercado Linguístico.....	128
08.	Concordância Verbal no Cruzamento Mercado Linguístico e Faixa Etária.....	130
09.	Concordância Verbal no Cruzamento Escolaridade e Mercado Linguístico.....	131
10.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Mercado Linguístico.....	132
11.	Concordância Verbal e Realização e Posição do Sujeito.....	133
12.	Concordância Verbal e Concordância Nominal no Sujeito.....	136
13.	Concordância Verbal no Cruzamento Posição do Sujeito e Concordância no SN Sujeito.....	138
14.	Concordância Verbal e Caracterização Semântica do Sujeito...	141
15.	Concordância Verbal no Cruzamento Caracterização Semântica do Sujeito e Escolaridade.....	143
16.	Concordância Verbal e Saliência Fônica.....	147
17.	Concordância Verbal no Cruzamento Saliência Fônica e Escolaridade.....	149
18.	Concordância verbal e Tempo Verbal.....	150
19.	Concordância Verbal no Cruzamento Tempo Verbal e Saliência Fônica.....	152
20.	Concordância Verbal e Tipos de Verbos.....	154

ÍNDICE DE GRÁFICOS

No. gráfico	Título do Gráfico	Pág.
01.	Concordância Verbal e Escolaridade.....	118
02.	Concordância Verbal e Gênero.....	119
03.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Escolaridade	122
04.	Concordância Verbal e Faixa Etária.....	124
05.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Faixa Etária..	125
06.	Concordância Verbal no Cruzamento Faixa Etária e Escolaridade.....	126
07.	Concordância Verbal e Mercado Linguístico.....	129
08.	Concordância Verbal no Cruzamento Mercado Linguístico e Faixa Etária.....	130
09.	Concordância Verbal no Cruzamento Escolaridade e Mercado Linguístico.....	131
10.	Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Mercado Linguístico.....	132
11.	Concordância Verbal e Realização e Posição do Sujeito.....	135
12.	Concordância Verbal e Concordância Nominal no Sujeito.....	136
13.	Concordância Verbal no Cruzamento Posição do Sujeito e Concordância no SN Sujeito.....	140
14.	Concordância Verbal e Caracterização Semântica do Sujeito	142
15.	Concordância Verbal no Cruzamento Caracterização Semântica do Sujeito e Escolaridade.....	144
16.	Concordância Verbal e Saliência Fônica	148
17.	Concordância Verbal no Cruzamento Saliência Fônica e Escolaridade.....	149
18.	Concordância Verbal e Tempo Verbal.....	152
19.	Concordância Verbal no Cruzamento Tempo Verbal e Saliência Fônica.....	153
20.	Concordância Verbal e Tipos de Verbos.....	155

ÍNDICE DE FIGURAS*

No. da figura	Título da Figura	Pág.
01.	Etnias (MUSSA, 1991).....	26
02.	Etnias (LOBO, 1996).....	26
03.	Mapa de Concentração de falantes bantos e oeste-africanos no Brasil.....	34
04.	Contínuo crioulo.....	41
05.	Saliência Fônica (NARO, 1981).....	62
06.	Posição do Sujeito (NARO, 1981).....	63
07.	Saliência Fônica (RODRIGUES, 1987).....	65
08.	Saliência Fônica (GUY, 1981).....	67
09.	Saliência Fônica no português medieval (NARO e SCHERRE, 2007).....	72
10.	Caracterização Semântica do Sujeito no português medieval (NARO e SCHERRE, 2007).....	72
11.	Variável tipo de verbo (SOUZA, 2005).....	80
12.	Gradação etária (NARO, 2003).....	91
13.	Distribuição dos informantes por bairros de Salvador.....	104
14.	Gênero e Escolaridade (LOPES, 2001).....	120
15.	Gênero (SILVA, 2003).....	120
16.	Tabela comparativa: Faixa Etária e Escolaridade..... (LOPES, 2001 e SOUZA, 2009)	127
17.	Tabela comparativa: Faixa Etária e Gênero (LOPES, 2001 e SOUZA, 2009).....	128
18.	Realização e Posição do Sujeito (SILVA, 2003).....	135
19.	Concordância Nominal no Sujeito (SILVA, 2003).....	137
20.	Caracterização Semântica do Sujeito (SILVA, 2003).....	142
21.	A importância da Saliência Fônica (GUY, 1981).....	146
22.	Saliência Fônica (SILVA, 2003).....	146
23.	Tendências de Mudança na Concordância Verbal em diversas variedades do Português brasileiro (LUCCHESI, 2006).....	159

* Foram consideradas figuras todas as ilustrações, tabelas e gráficos referidos neste trabalho para melhor compreensão dos assuntos discutidos.

SUMÁRIO

LISTA DAS ABREVIATURAS.....	9
ÍNDICE DAS TABELAS.....	10
ÍNDICE DOS GRÁFICOS.....	11
ÍNDICE DE FIGURAS.....	12
1 INTRODUÇÃO.....	15
2 AS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	18
2.1 LÍNGUAS INDÍGENAS.....	30
2.2 LÍNGUAS AFRICANAS.....	33
2.3 LÍNGUAS PIDGINS E LÍNGUAS CRIOULAS.....	38
2.4 A TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA IRREGULAR.....	43
3 A CONCORDÂNCIA VERBAL.....	48
3.1. AS GRAMÁTICAS NORMATIVAS / PEDAGÓGICAS.....	48
3.2 GRAMÁTICA E ENSINO.....	56
3.3 A VISÃO DOS SOCIOLINGUISTAS.....	60
4 A TEORIA.....	81
4.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA LABOVIANA.....	85
4.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	92
4.3 OS CINCO PROBLEMAS PARA A MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	94
5 O MÉTODO.....	97
5.1 PACOTE DE PROGRAMAS DE ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	99
5.2 CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	101
5.3 GRAVAÇÃO DOS INQUÉRITOS.....	105
5.4 TRANSCRIÇÕES.....	107
5.5 VARIÁVEIS.....	108
5.5.1 Variável dependente.....	108
5.5.2 Variáveis explanatórias.....	108
6 ANÁLISE DOS DADOS.....	116
6.1 VARIÁVEIS SOCIAIS.....	116
6.1.1 A variável escolaridade.....	117
6.1.2 A variável gênero.....	118
6.1.3 A variável faixa etária.....	123
6.1.4 A variável mercado linguístico.....	128
6.2 VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	133
6.2.1 Realização e posição do sujeito.....	133
6.2.2 Concordância nominal no sujeito.....	136
6.2.3 Indicação de plural no sujeito.....	140
6.2.4 Caracterização semântica do sujeito.....	141
6.2.5 Saliência fônica.....	144
6.2.6 Tempo verbal.....	150
6.2.7 Tipos de verbo.....	153

6.2.8 Efeito gatilho	156
6.3 RESULTADOS DAS ANÁLISES	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS	163
ANEXOS	180
ANEXO 1 – Quadro geral dos inquéritos.....	181
ANEXO 2 – Quadro resumo dos dados cadastrais PEPP.....	182
ANEXO 3 – Quadro resumo dos dados cadastrais NURC.....	185
ANEXO 4 – Ficha cadastral do informante.....	187
ANEXO 5 – Guia-questionário.....	190
ANEXO 6 – Chave de codificação.....	194
ANEXO 7 – Codificação.....	196
ANEXO 8 – Quadro mercado linguístico.....	197

1 INTRODUÇÃO

O estudo de uma língua nos permite observar sua história, a cultura e, sobretudo, a identidade de seu povo. A língua se mostra, no seu dia a dia, nas manifestações de seu povo, que a enriquece com toda a sua história, o que possibilita a variação e a mudança linguística.

A concordância, tanto a verbal quanto a nominal, apesar de ser um fenômeno variável, é exigida socialmente e quem não segue a tradição é avaliado negativamente, devido à forte pressão escolar e exigência da ideologia dominante. Com base na sociolinguística variacionista, este trabalho vai buscar explicações para a variação na concordância verbal junto à 3ª pessoa no português falado em Salvador, analisando fatores linguísticos e fatores sociais, observando a interação entre esses fatores e verificando de que modo eles condicionam a presença ou ausência de marcas flexionais no verbo.

Este trabalho toma como embasamento teórico a teoria da variação, (Cf. Labov, 1972, 1982, 1991, 1994, 1996, 2008), e o conceito de transmissão linguística irregular, postulado por Lucchesi (2000, 2001), além de outros trabalhos de abordagem sociolinguística.

Estudar o fenômeno da variação da concordância verbal na fala popular de Salvador é, sobretudo, fazer um estudo sobre a variação e a mudança linguística. Constata-se que o português brasileiro foi formado no cenário de uma realidade linguística bipolarizada, tendo, de um lado, a norma culta e, de outro, a norma popular ou vernácula (LUCCHESI, 2001, 2002). A partir desse cenário, pode-se analisar a história do português brasileiro e estabelecer o seu processo de formação, observando os efeitos causados pelas línguas que, com ele, estiveram em contato, como as línguas africanas e as línguas indígenas.

Este estudo tem como objetivo geral *analisar a relação entre a variação da concordância verbal e o seu processo de formação*. Defende-se, neste trabalho, que a língua foi aprendida de forma simplificada em decorrência do processo de transmissão linguística irregular, deixando como resultado, de um lado, uma norma culta, que tem como antecedente histórico a variedade do português empregada pelas elites coloniais e do Império e, por outro lado, as variedades do português brasileiro, mais diretamente afetadas pelo contato entre línguas.

São também objetivos deste trabalho:

- Constituir *corpus*² do português popular, da cidade de Salvador;
- Destacar as relações de concordância entre sujeito e seu verbo em falantes de Salvador, considerando fatores estruturais e fatores sociais: sexo/gênero, idade, escolaridade;
- Levantar, com o auxílio do Programa VARBRUL, os pesos relativos correspondentes às frequências observadas nos percentuais;
- Testar hipóteses para as relações detectadas entre a variável dependente e os fatores observados, em função do embasamento teórico adotado;
- Apresentar contribuições ao estudo da língua falada em Salvador, que permitam aos docentes das escolas de primeiro e segundo graus encontrar caminhos facilitadores para o desenvolvimento do seu trabalho, sobretudo no que diz respeito à concordância verbal.

O trabalho constitui-se de cinco capítulos, além das Considerações Finais e Referências, assim distribuídos:

O primeiro capítulo trata das origens do português brasileiro, apresentando a visão de alguns estudiosos do português. O português brasileiro é resultado da deriva lingüística ou tem uma origem de base crioula? As explicações para as origens do português brasileiro são definidas pela sua sócio-história e pelos contatos lingüísticos, principalmente com as línguas indígenas e africanas.

O segundo capítulo explora o fenômeno da concordância verbal, nas gramáticas normativas e na visão de sociolingüistas, discutindo alguns estudos realizados no Brasil. As gramáticas normativas consideram as regras de concordância verbal como categóricas, apresentando a variação como regras facultativas ou regras de exceção. A gramática utilizada pela escola não tem a preocupação de mostrar a variação, não trabalha a diversidade, a língua é tida como “ideal”, “homogênea” como pretendiam os estruturalistas. Discute-se, também, a relação Gramática e ensino, fechando-se o capítulo com a discussão de trabalhos de alguns pesquisadores sociolingüistas de orientação laboviana..

² Este objetivo foi atingido na primeira etapa do Doutorado.

O terceiro capítulo explora a sociolingüística laboviana, analisa a teoria da mudança lingüística e os problemas em que consiste seu estudo. Labov propõe o estudo da mudança lingüística, através do conceito de mudança em progresso, observando-se as faixas etárias de uma comunidade de fala em estudo. Desse modo, a sociolingüística analisa o processo de implementação da mudança, observando a variação entre formas concorrentes. O processo difere dos adotados por teorias anteriores que admitiam se estudar a mudança lingüística através de sua diacronia.

O quarto capítulo tem como objetivo analisar o método de trabalho, descrever a constituição do *corpus*, gravação dos inquéritos, transcrições. Além de apresentar informações referentes ao Projeto NURC, explica-se de que modo foi criado o PEPP (Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador), quais suas características e quais são suas semelhanças com o NURC. Apresenta uma breve descrição dos informantes e as condições de suas entrevistas. Além disso, apresenta as variáveis alvo de estudo: dependente e independentes.

O quinto capítulo concentra-se na análise dos dados, observando, primeiramente, as variáveis sociais e, em seguida, as lingüísticas. Na seqüência, observa-se a interação entre essas variáveis, através de cruzamentos e apresentam-se os resultados e interpretações. São tecidas considerações sobre o português falado em Salvador, confrontado com o de outras regiões do país, a fim de ampliar o mapeamento da concordância verbal no Brasil. Esta análise é acompanhada de tabelas e gráficos que refletem os dados estatísticos.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, bem como desdobramentos futuros descortinados pela presente pesquisa, e as referências que serviram de suporte ao texto.

2 AS ORIGENS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A formação do português brasileiro tem explicações diferenciadas, segundo a posição de seus analistas. Há os que defendem a deriva lingüística, os que fazem referência a uma origem de base crioula e os que analisam a condição social do povo brasileiro, além do contato lingüístico.

Para traçar a história do português brasileiro, é necessário reconstruir o processo de convivência que, aqui no Brasil, o português teve com outras línguas. A caracterização sócio-histórica da realidade lingüística brasileira chama a atenção de estudiosos há mais de cem anos. Coelho (1967) busca equacionar a questão, através das semelhanças entre o português do Brasil (PB) e os crioulos de base portuguesa. Já Mendonça (1933) e Raimundo (1933) atribuem à influência das línguas africanas as causas das características que distinguem o português brasileiro do português europeu.

Para Silva Neto (1988), a presença dos portugueses em várias regiões brasileiras foi determinando o tipo de influência transmitida para a fala da região onde estes se instalavam de acordo com suas atividades de colonizadores. Destaca-se a influência dos açorianos, na região de Santa Catarina, os quais, estimulados, vieram para o Brasil em casais.

As características da fala brasileira se assemelham às do sul de Portugal, porque ambas resultam de um nivelamento lingüístico, que ocorre em zonas de colonização, onde se reúnem indivíduos de origens e falares diversos. Portanto, o PB, segundo Silva Neto (1963), não reteve, nem as características específicas do norte de Portugal, nem as do sul:

É que tanto o sul de Portugal como o Brasil são regiões de colonização, isto é, regiões onde entraram em contato (e conseqüente interação) falares pertencentes a uma *estrutura lingüística comum*. Assim, a pronúncia do Sul já era, ela própria, o resultado do contato entre portugueses de todas as partes do País. A fonética do Norte duas vezes se encontrou com a do Sul: durante a Reconquista e durante a obra da colonização ultramarina. Realmente, a pronúncia brasileira, ainda que, no conjunto, seja bastante conservadora, não guarda nenhum dos traços típicos da pronúncia do Norte de Portugal. (SILVA NETO, 1988, p. 589)

Silva Neto comenta que os portugueses contactaram com índios e africanos pela exigência dos trabalhos, apontando uma nova situação “Um novo problema assim se põe diante de nós: a assimilação destes indivíduos e a sua incorporação na cultura portuguesa”. (*op. cit.* p. 593)

A respeito desta situação, Silva Neto define como crioulo ou semicrioulo essa modalidade lingüística que se formou nesse contato:

É natural, portanto, que, no decorrer deste primeiro século de colonização, se tenha formado entre estes índios, negros e mestiços, uma linguagem rude de gente inculta, denominada *crioulo*, ou *semicrioulo*.

Nos grandes centros, graças à escola e à influência das altas classes, esta linguagem foi sendo pouco a pouco eliminada em proveito de uma linguagem mais culta e aperfeiçoada. Nas regiões rurais, entretanto, ela sobrevive ainda, sobretudo nos lugares mais isolados. (*op.cit*, 1988, p.593)

Resumindo seus estudos a respeito do português do Brasil, ele estabelece as variedades dos usos do português, a ação e origem dos colonizadores, a língua que se formou no litoral brasileiro, destacando as características que ele considera de maior relevância para o português brasileiro, que tem como base um crioulo ou semi-crioulo usado pelos europeus, negros, aborígenes e mestiços para se comunicarem:

- 1) O português do Brasil *não é um todo, um bloco uniforme*. É preciso distinguir-lhe os vários matizes, de acordo com as ocasiões, as regiões e as classes sociais. Assim temos: 1) *uso literário, culto*; 2) *uso corrente (familiar, popular, gíria)*; 3) *uso regional*.
- 2) Os colonizadores vinham de todas as partes de Portugal, de modo que, em contato e interação, se fundiram num denominador comum, de notável unidade.
- 3) Acompanhando o destino dos homens, o português primeiro se estabeleceu no litoral. Aí se constituiu, nos dois primeiros séculos da colonização, um falar de marcante unidade, uma *koiné*, em suma. E foi esta *koiné*, falada na costa, que invadiu o interior com as bandeiras e as entradas. Daí, evidentemente, as raízes das características do português brasileiro: *a unidade e o conservadorismo*.
- 4) É indispensável distinguir, desde os tempos mais antigos, os estratos sociais da língua portuguesa usada no Brasil. Por isso estabelecemos que os portugueses da Europa, e seus filhos falariam um português de notável unidade, enquanto os aborígenes, os negros e os mestiços se entendiam num

crioulo ou *semi-crioulo*. À proporção que se ia firmando a civilização, o português, graças ao seu prestígio de língua dos colonizadores e de língua literária, foi-se irradiando. (SILVA NETO, 1963, p.14-15)

Elia (1979), assim como Silva Neto (1963) e Melo (1971), defendem a unidade da língua portuguesa como podemos ver na passagem seguinte:

A notável unidade da língua portuguesa no Brasil, quer na sua feição culta, quer na popular, já tem sido assinalada, desde muito, por vários dos nossos melhores pesquisadores.

O princípio da “unidade na diversidade e da diversidade na unidade”, tão reiteradamente proclamado pelo saudoso Prof. Serafim da Silva Neto, que o foi buscar a Meillet, parece ter-se convertido numa *communis opinio*” (ELIA, 1979, p.12)

Elia destaca uma língua padrão brasileira dentre os fatos de cultura do país. Para ele, não há pintura, música ou literatura com padrão brasileiro, mas afirma que para a língua há esse padrão. A língua é um fato histórico a que os homens têm de submeter-se, sendo indispensável para a formação das sociedades organizadas. Do ponto de vista lingüístico, o Brasil teve quatro grandes movimentos: o agrícola, o desbravador, o pastoril e o minerador. Cada período se caracterizou por um tipo de sociedade e de língua por ela veiculada. Refere-se a um falar simplificado, de base portuguesa, falado entre os portugueses e africanos para se entenderem. Segundo Elia, houve no Brasil um processo de criouliização da língua portuguesa e não a formação de um crioulo verdadeiro. Para ele, o que houve foi a vitória da língua portuguesa motivada pelas condições histórico-sociais. Conclui que a língua portuguesa é a responsável pela unidade do país, permitindo que a população espalhada pelo litoral se sentisse como um só povo.

Cunha (1972), que não compartilha as idéias de Elia, afirma que datam do século XIII os primeiros documentos redigidos em galego-português. Segundo Cunha, inicia-se aí a fase propriamente histórica do português, destacando a vitalidade da língua que não se mantém uniforme nem no tempo nem no espaço, isto é, o português se caracteriza como uma língua que apresenta variações diacrônicas e diatópicas. Refere-se à unidade defendida por Silva Neto, porém destaca as variações existentes nessa unidade como característica previsível pela lingüística, quando cita:

Essa reconhecida unidade superior da língua portuguesa no Brasil e no Portugal peninsular não impede que haja sensíveis diferenças de pronúncia, de vocabulário e de construções de região para região dos dois domínios, pois que em lingüística a unidade nem sempre é incompatível com a variedade. Por vezes, até a pressupõe, como é o caso das relações entre uma língua nacional e seus dialetos, falares e subfalares. (CUNHA, 1972, p.27)

A diversidade da língua portuguesa é observada nos estudos dialectológicos de carácter científico, que se iniciaram no Brasil com “O dialeto caipira”, de Amaral (1976). Cunha destaca os falares e subfalares apresentados por Nascentes (1953)³ que, segundo ele, “cada um apresenta variedades que são de grande importância”: A respeito do assunto, ele declara:

As condições peculiares de nossa formação lingüística revelam uma dialectalização que não parece tão variada e tão intensa quanto a portuguesa. Revelam, também, estas condições que a referida dialectalização é muito mais instável que a europeia. Sirva de exemplo o falar caipira, cuja análise e descrição foi em boa hora empreendida por Amadeu Amaral; hoje certamente não poderíamos fixar a fisionomia desse falar, que em poucas décadas se deixou absorver numa unidade lingüística maior.

Estas duas características – número relativamente restrito de falares, e falares relativamente instáveis – são, do nosso ponto de vista, as coordenadas sociais e naturais que não só os justificam, mas também os condicionam. Porque, em verdade, tudo faz crer que estamos no limiar de uma era sociopolítica em que as grandes línguas nacionais tendem a apresentar progressivamente uma coesão mais profunda, uma unidade superior, fruto da disseminação do ensino e, sobretudo, da consciência cada vez mais da nacionalidade. (CUNHA, 1972, p.33)

Sodré (1960) admite que a língua portuguesa do Brasil tem suas características embasadas no passado colonial, quando no Brasil a língua dominante era a língua dos índios – a língua geral, era usada forçosamente por todo catequista. Esta língua foi utilizada em toda a zona litorânea, quando o povoamento estava atrelado ao oceano. Nas zonas onde se estabeleceram os africanos, por conta do trabalho escravo, a influência desse contingente foi enorme e variada devido à diversidade dessa mão-de-obra trazida para o Brasil.

³ Antenor Nascentes dividiu o falar brasileiro em seis subfalares reunidos em dois grandes grupos: o grupo do norte (o *amazônico* e o *nordestino*) e o grupo do sul (o *baiano*, o *fluminense*, o *mineiro* e o *sulista*)

Segundo Sodré, de início, a influência do negro se deu por baixo (ele se detinha no trabalho rural); posteriormente, o escravo doméstico e o escravo urbano influenciam até a classe média. Distingue-se, mais adiante do português escrito e do português falado influenciado pela língua indígena e pela língua africana. Após a Independência do Brasil (fins do séc. XIX), com o desenvolvimento da classe média, distinguem-se claramente duas formas de expressão no Brasil: uma culta com base nos modelos europeus e outra popular, com expressões e modismos próprios das classes populares. Havia, já nessa época, um policiamento do idioma.

Com o Modernismo (séc. XX), a literatura utiliza normas populares e formas livres de expressão, estreitando as diferenças e aproximando as duas vertentes da língua: o culto e o popular. A língua literária do Brasil já é bastante diferente da utilizada pelos portugueses, também para fins literários. É no dizer de Sodré:

perdeu-se, aqui, o respeito pelas normas lusas, a superstição do clássico distante, ganhando a expressão em liberdade, em movimento, em riqueza, numa transformação que, longe de limitar-se às palavras, ao léxico, o que seria pouco, amplia-se em todo o sistema que configura o idioma e lhe dá uma fisionomia realmente brasileira. (SODRÉ, 1960, p. 259)

Naro e Scherre (1993) defendem que o PB tenha se formado seguindo naturalmente uma deriva prevista na língua e que as mudanças que se observam no PB já estariam prefiguradas ao longo dos séculos no sistema lingüístico do português. Essas mudanças afetaram a concordância nominal e verbal no Brasil: mudanças fonéticas que se teriam iniciado em Portugal, sob a ação das forças de uma deriva romântica. As simplificações ocorridas nas línguas indo-européias estariam se repetindo no português europeu e também no português do Brasil, segundo Naro e Scherre, estariam caminhando em direção a um sistema sem marcas. Admitem o contato lingüístico e a transmissão lingüística irregular, mas não consideram esse fato como responsável pelas modificações na concordância verbal e nominal do português do Brasil comprovado, segundo eles, pela perda da nasalidade iniciada nos nomes e expandida para os verbos, como em *garagem/garage*; *virgem/virge* estendendo-se aos verbos *sabe/sabem*; *vende/vendem* (esse processo se iniciou nos ambientes de menor saliência fônica como na oposição singular/plural desses tipos de verbo e mais tarde a outras formas mais salientes). Segundo eles, a mudança ocorrida no PB não se explica na

crioulização, e, sim, em uma confluência de motivações, conforme o depoimento a seguir:

Em síntese, o modelo que assumimos para dar conta da mudança que ocorreu no PB é o da CONFLUÊNCIA DE MOTIVAÇÕES, SEM CRIOLIZAÇÃO PRÉVIA. Transcrevendo nossas palavras já publicadas em outros textos, nossa conclusão é que o português moderno brasileiro é o resultado natural da deriva secular inerente na língua trazida de Portugal, indubitavelmente exagerada no Brasil pela exuberância do contato de adultos, falantes de línguas das mais diversas origens, e da nativização desta língua pelas comunidades formadas por esses falantes e seus descendentes. (SCHERRE & NARO, 2001, p.47)

Silva Neto, romanista reconhecido internacionalmente e conhecedor dos estudos geodialetais da *România Antiga*, ou seja, a *România da Europa*, defendia a tese da unidade da língua portuguesa no Brasil, cujas delimitações dialetais espaciais não eram tão marcadoras, como as isoglossas da *România Antiga*. Silva Neto fazia referências à língua padrão, em direção à qual todos os falantes se orientariam, não reconhecendo os usos vernáculos existentes em torno da língua padrão. A defesa da unidade lingüística era tão forte que Silva Neto afirmava serem poucas as divergências que separavam o português brasileiro do europeu, admitindo que estas seriam de ordem sintática e lexical.

Melo (1971) refere-se ao português popular do Brasil como um português arcaico e deformado, tendo sofrido influência dos índios e dos negros na morfologia e na fonética. Dessa forma, Melo reconhece que índios e negros deram uma grande contribuição na formação do português popular brasileiro. Melo não vê o contato lingüístico como determinante para provocar as alterações no português falado no Brasil, mas admite esta justificativa para a simplificação da morfologia flexional do português brasileiro.

Câmara Jr. (1972) nega a influência dos crioulos no PB, em função do modelo teórico que seguia: o Estruturalismo, que encenava na lógica interna do sistema lingüístico os fatores determinantes do desenvolvimento histórico da língua. Câmara Jr. discute a origem do português brasileiro, referindo-se à incorporação de etnias em uma sociedade branca, admitindo que esse contato foi responsável pelo desenvolvimento de uma língua de intercurso – a língua geral tupi.

O autor aponta o PB como língua transplantada que teve uma colonização em massa e que, nos tempos modernos, envolve problemas técnicos de análise

comparativa entre o PB e o PE⁴. A língua colonial transplantada era vista do mesmo modo que os dialetos da metrópole, isto é, eram tidas como maneiras rudes e grotescas de falar. A língua padrão era o objetivo que se buscava através da educação e do trato social, tanto na metrópole quanto na colônia.

Segundo Câmara Jr. (1972, p.73), com a independência, as línguas transplantadas para a América, incluindo o português brasileiro, ficou no mesmo nível que o português lusitano e isso não era bem observado. Tentou-se manter a norma da metrópole na colônia, que, em certas situações, teve seguidores fortes, como no Brasil da época de Rui Barbosa e outros, mas também houve quem afirmasse (o filólogo e dicionarista Macedo Soares) que já era tempo de se escrever como se falava no Brasil e não como se escreve em Portugal, diante das evidentes diferenças entre os dois países.

Discutia-se a existência de uma língua brasileira, distinta da portuguesa, principalmente na obra de Mendonça (1933). Discutia-se, de um lado, a teoria da evolução lingüística, e, de outro, a teoria dos substratos. A primeira defende a evolução lingüística (o latim evoluindo para as línguas românicas e estas para novas variedades nas colônias para onde foram transplantadas). A segunda defendia a influência das línguas indígenas e africanas, considerando o contato com os índios e com os negros importados como escravos.

Para Câmara Jr. (1972), as línguas indígenas pouco interferiram no PB, deixando vestígios apenas nos empréstimos lexicais que se adaptaram à fonologia e morfologia do português. Em relação às línguas africanas, a situação foi diferente. Os escravos adaptavam-se ao português sob a forma de um falar crioulo (CÂMARA JR., 1972, p.77), devido ao envolvimento de negros com os brancos nas fazendas cujo contato foi intenso e estreito: desde as crianças brancas com suas “mães-pretas”. Observam-se no PB inovações e simplificações em face do português europeu.

A respeito da diversidade entre o PE e o PB, Câmara Jr. assim se pronuncia:

A diferenciação dialetal se estende por todo o território de Portugal e pelo Brasil afora. Mas seria um erro concebê-la como uma rede contínua, abrangendo o território europeu e o americano sem solução de continuidade. A língua está de tal modo ligada à sociedade e à cultura, que a diferenciação cultural e social entre a população européia e a congênere americana, desde a época em que uma representava a metrópole e a outra a colônia, determinou

⁴ PE – Português Europeu

uma dicotomia lingüística. Não é uma ficção falar num português americano, em bloco, em face do bloco do português europeu. Talvez o quadro mais exato da dialetologia portuguesa ampla, compreendendo um e outro lado do Atlântico, seja a de dois grandes dialetos, o lusitano e o brasileiro, que por sua vez se diferenciam numa multiplicidade de subdialetos.(CÂMARA JR., *op. cit*, p.81

Na língua coloquial oral, ele afirma existir uma rede de subdialetos atrelados a dois grandes dialetos: o lusitano e o brasileiro. Para a língua escrita, o autor defende uma norma única, entre Portugal e Brasil, mas que está se modificando no Brasil sob a influência do português coloquial oral, não acreditando na existência de uma norma escrita exclusiva para o Brasil.

Segundo Mattos e Silva (2004b), o português do Brasil tem sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial. Para a autora, “a história de uma língua realmente se esclarece pela história social e política do povo que usa essa língua”. Explica a formação do português brasileiro, concordando com Baxter e Lucchesi (1993) quanto à crioulização prévia para certos locais nos interiores rurais, mas afirma que tal situação não se justifica para o geral do Brasil. Mattos e Silva (2004a) analisa a formação do português brasileiro a partir de fatores sócio-históricos. A volta ao passado do português brasileiro permitirá a reconstrução da história geral do PB. Nesta busca, a pesquisadora aborda os seguintes fatores:

- A. a demografia histórica do Brasil do século XVI ao XIX;
- B. a mobilidade populacional dos africanos e afro-descendentes no Brasil colonial e pós-colonial;
- C. a escolarização, ou sua ausência, do século XVI ao XIX;
- D. as reconfigurações socioculturais, políticas e lingüísticas ao longo do século XIX.

Há muita dificuldade para se apresentar números exatos com relação à demografia histórica que é sempre aproximativa. No caso do Brasil, Mattos e Silva (2004b) faz referência ao trabalho de Silva Neto quanto à origem geográfica dos colonizadores. É também de Silva Neto a recuperação da primeira estimativa demográfica, o censo realizado pelo Padre José de Anchieta, que aponta a população brasileira com 57.000 habitantes. Nesse censo, somando-se índios aculturados e negros, trinta e dois mil eram não-europeus.

Sobre a população brasileira, a autora destaca dados extraídos de Mussa⁵ e sintetizados por Lobo⁶.

A partir dos quadros apresentados, Mattos e Silva constata que esses dados mostram que, durante o período colonial até o pós-colonial, predominam etnias não-brancas (aproximadamente 70% para as não-brancas e 30% para a etnia branca), sendo a etnia branca, até meados do século XIX, representada pelos portugueses e luso-descendentes, quase que na sua totalidade.

Em situação oposta aos indígenas, os africanos e afro-descendentes atingiram o patamar de 60% da população do Brasil entre os séculos XVII ao XIX e, para estabelecerem comunicação, aprenderam a língua da colonização, de maneira irregular, e, juntos com os indígenas integrados ao processo colonizador, deram forma ao *português geral brasileiro*, antecedente do português popular ou vernáculo brasileiro. (MATTOS E SILVA, 2004a).

A população africana e afrodescendente continuou crescendo no Brasil e, nos finais do século XVI, já perfazia 42% da população e estava presente em todas as capitanias, deixando a população branca, até meados do século XIX, com cerca de 30% da população, que só veio a crescer na segunda metade do século XIX, com a política migratória do Império. Os imigrantes vindos para o Brasil se localizaram de S. Paulo para o Sul, em propriedades rurais, atuando como trabalhadores urbanos e inseridos nas camadas mais baixas da sociedade brasileira.

5

Etnias	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
africanos	20%	30%	20%	12%	2%
negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
mulatos	-	10%	19%	34%	42%
brancos brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
européus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Figura 1 – Etnias. (MUSSA, 1991, p. 163)

6

Séculos	etnias não-brancas	etnia branca
1538-1600	70%	30%
1601-1700	70%	30%
1701-1800	68%	32%
1801-1850	69%	31%
1851-1890	59%	41%

Figura 2 – Etnias. (LOBO, 1996, p. 16)

A autora coloca a mobilidade social como responsável pela generalização do português no território do Brasil, discordando de Silva Neto (1963), Melo (1971) e de Elia (1979), defensores da vitória da língua portuguesa em função da “superioridade cultural do colonizador”.

Sobre a questão da escolarização, Mattos e Silva, citando Houaiss (1985), afirma que no fim do século XVIII, havia apenas 0.5% de letrados no Brasil:

No primeiro censo oficial do Brasil, de 1872, na população entre seis e quinze anos, 16.8% freqüentavam escolas. Havia menos de 12 mil dos 4 milhões e seiscentos habitantes no Brasil em colégios de nível secundário. Contudo, chegava a 8 mil o número de pessoas com educação superior. A tal situação o historiador Boris Fausto (1994) designa, apropriadamente, de “abismo” que separava a elite letrada da grande massa de analfabetos e de educação rudimentar. (MATTOS E SILVA, 2004a)

Só na segunda década do século XX, o Brasil atinge 25% de indivíduos escolarizados (RIBEIRO, 1999), quando menos de 20% da população brasileira conseguem concluir o segundo grau; e só no século XX cerca de 10% da população brasileira alcançam o nível superior. Para Mattos e Silva, esta situação explica a *polarização sociolingüística* defendida por Lucchesi (2001) para explicar a heterogeneidade social do português brasileiro.

A segunda metade do século XVIII coloca, a partir das leis pombalinas, a língua portuguesa como língua oficial do Brasil e o ensino deixa de ser realizado pelos jesuítas (expulsos em meados do século XVIII), deixando para a autora o seguinte panorama lingüístico:

Do ponto de vista lingüístico, propriamente dito, destacarei que, ao longo do Brasil colonial, pode-se dizer que havia um multi/bilingüismo generalizado, principalmente entre a população africana e afro-descendente e a lusitana e luso-descendente, reduzidas, certamente, a certas comunidades de línguas indígenas. No século XIX se pode dizer que o multi/bilingüismo se torna localizado, caracterizando certas áreas brasileiras, mas já com outra configuração: as línguas dos imigrantes no Sudeste/Sul e as línguas indígenas, principalmente, no Centro-oeste e na Amazônia, onde se concentraram os indígenas remanescentes. (MATTOS E SILVA, 2004a)

A autora conclui que os fatores e fatos sócio-históricos que modelaram o português brasileiro levam à tese do caráter inovador do português brasileiro e acrescenta:

Na heterogeneidade complexa e mestiça, o português brasileiro é fruto renovado do português europeu, pela sua sócio-história passada e presente, fato que não podemos ignorar, é “desejável observar” e, sem dúvida, é um fenômeno de “águas profundas”,

expressões retomadas da epígrafe escolhida para o epílogo deste artigo. (MATTOS E SILVA, 2004a)

Para Guy (1981), o Português Popular Brasileiro (PPB) é resultante de um processo prévio de crioulização (século XVII) seguido de um processo posterior de descrioulização (em função do prolongado contato com o português culto). Guy afirma que o português popular do Brasil é de origem crioula devido a seus sistemas de concordância verbal e nominal resultante de uma simplificação nas flexões, característica das línguas crioulas de base portuguesa, francesa e espanhola. Guy considera a crioulização como base para o português popular brasileiro e também admite a descrioulização na formação de uma variante do português mais próximo da variante urbana e, conseqüentemente, culta. A evidência mais forte da descrioulização, para Guy, seria a aquisição de marcas de concordância verbal nos elementos mais salientes, isto é, elementos que se mostram mais distintos entre singular e plural.

Lobo (1994) destaca que o português do Brasil, face ao português europeu, tem sido objeto de interpretações controversas, em virtude da sua condição de língua transplantada. Uma delas é considerar o português como sistema lingüístico autônomo e outra (contrária) se reporta ao caráter conservador e unitário do português.

Lobo aponta o movimento romântico no Brasil como um dos motivos para a ruptura com a tradição literária portuguesa, assumindo, através do nacionalismo aflorado, um desejo de se expressar através de uma língua literária diferenciada que pudesse ser considerada nacional. A geração romântica foi, portanto, aspiradora a uma língua própria, a língua brasileira, que teve sua manifestação mais evidente nas produções dos escritores modernistas que buscaram na realidade as formas mais expressivas dessa língua. Lobo amplia seu comentário a respeito da língua brasileira, destacando o posicionamento de Serafim da Silva Neto sobre as principais características do português: a unidade e o conservadorismo; cita Mendonça (1933) e seu livro "*O português no Brasil*" e Elia (1961) com "*O problema da língua brasileira*", embora este último tenha concluído que Brasil e Portugal mantenham uma unidade lingüística entre eles.

Discordando de Silva Neto (1963), Lobo (1994) atribui à visão de mundo desse autor o porquê de ele defender a unidade e o conservadorismo do português brasileiro e comenta:

Assim é fundamental ressaltar que está na base do pensamento de Serafim da Silva Neto a convicção da superioridade étnica e cultural dos colonizadores brancos portugueses em relação aos índios e negros. Decorrência imediata da convicção de existência de hierarquia de cultura é que a língua portuguesa, língua literária e de *cultura*, fosse considerada, embora o autor não o diga de forma explícita, intrinsecamente superior às línguas *exóticas* com as quais entrara em contato. (LOBO, 1994).

Lobo acredita que a tese da unidade e do conservadorismo ou até de uma tese contrária só poderiam se legitimar se estivessem baseadas em uma sistemática verificação empírica dos dados linguísticos, o que afirma não ter ocorrido, daí o caráter impressionístico do posicionamento de Silva Neto. Lobo assim se reporta à situação em questão:

Ao fazer tal afirmação, não pretendo, contudo, vincular-me aos que defendem que a linguística histórica deva ocupar-se exclusivamente da história interna das línguas. Ao contrário, julgo indispensável que metodologicamente se estabeleça uma aliança entre a história interna e a história externa. Nesse caso específico, todavia, cumpre ressaltar que o autor extrapola os limites do que se propõe, fazer história externa, quando, quase sem lançar mão de elementos da história interna da língua, adianta conclusões que se mostram mais pertinentes a esse domínio. (LOBO, 1994)

Lobo faz referência ainda a Elia que também defendia a unidade lingüística da língua portuguesa no Brasil. Elia é contestado por Rossi (1980) que defende as características pluriculturais tanto do passado quanto do presente. Lobo destaca o trabalho de linguistas seguidores da linguística histórica⁷. Ressaltando o papel da linguística histórica na investigação linguística, Lobo afirma:

A reentrada em cena da lingüística histórica vem, por outro lado, como que fechando um círculo, trazer de volta um tipo de preocupação que parece estar ligado à própria história das línguas transplantadas (como se também não dissesse respeito às línguas que se mantêm em seu local de origem), ou seja, a preocupação atinente à sua mudança, ou não, para outros sistemas lingüísticos. Trata-se, sem dúvida, de uma das questões mais candentes da lingüística, para a qual já se tentaram respostas várias, não existindo, porém, uma que se possa considerar definitiva. (LOBO, 1984)

⁷ Lobo (*op. cit*) destaca Mattos e Silva (1995), Tarallo (1993), Faraco (2005).

2.1 LÍNGUAS INDÍGENAS

A colonização portuguesa se iniciou gradativamente, no Brasil, em 1532 pelo litoral, com o sistema de capitanias hereditárias. Com a fundação de São Vicente por Martim Afonso de Souza, chegaram ao Brasil grupos de colonos formados exclusivamente por homens. Só mais tarde começam a aportar no Brasil casais portugueses. Os homens desacompanhados passaram a viver com mulheres indígenas. A população mestiça resultante dessa mistura tinha como língua materna o tupi de suas mães e dos parentes da mãe, já que não havia parentes por parte dos pais portugueses. Essa situação perdurou por mais de 100 anos, em São Paulo. Mais tarde, nas famílias formadas de casamentos entre mamelucos brasileiros, falava-se originalmente a língua indígena e apenas o marido e os filhos homens (bilíngües), a partir de uma certa idade, falavam o português.

O contato inicial da língua portuguesa, trazida pelos colonizadores, com os indígenas que habitavam no Brasil foi dificultado pela existência de vários grupos indígenas com línguas diferentes. Aprender a língua dos indígenas foi a primeira solução, a segunda foi a definição de uma língua geral, de caráter veicular, que possibilitasse esse contato. A partir do tupinambá, falado pelos grupos mais abertos ao contato com os colonizadores, criou-se uma língua geral comum a índios e brancos para ser usada no processo comunicativo. Quando o Marquês de Pombal decretou a obrigatoriedade do português no Brasil, os falantes brasileiros já haviam incorporado diversas palavras de origem tanto indígena quanto africana no seu vocabulário. Os índios deixaram, no português, contribuições lexicais que se adaptaram à fonologia e à gramática portuguesa. Muitas dessas contribuições são nomes de plantas, frutas e animais: abacaxi, araticum, buriti, caatinga, caju, capim, capivara, carnaúba, cipó, cupim, curió, ipê, imbuia, jaboticaba, jacarandá, mandacaru, mandioca, maracujá, piranha, quati, sucuri e tatu. Há exemplos também na toponímia, como se pode observar em: Aracaju, Avaí, Caraguatatuba, Guanabara, Guaporé, Jabaquara, Jacarepaguá, Jundiá, Parati, Piracicaba e Tijuca.

Segundo Rodrigues (2000), quando o Brasil foi descoberto pelos portugueses, havia mais de 1.000 línguas no país faladas por índios de diversas etnias. A região de Salvador era habitada pelos índios tupinambás e a costa de Pernambuco, pelos índios caetés. Na costa paulista, havia índios tupis e os tupinambás ficavam no Rio de Janeiro, e na costa do Maranhão e do Pará. (Rodrigues, 2000, p. 542-3). A

população indígena existente, hoje no Brasil, é de cerca de 190.000 pessoas, mas destas apenas cerca de 160.000 falam as 180 línguas indígenas⁸ restantes em solo brasileiro que foram desaparecendo gradativamente como comenta Aryon Rodrigues:

A lentidão com que se tem desenvolvido a pesquisa científica das línguas indígenas no Brasil revela-se extremamente grave quando se verifica que essas línguas, desde o descobrimento do Brasil pelos europeus, têm estado continuamente submetidas a um processo de extinção (ou mesmo de extermínio) de espécies de conseqüências extremamente graves. Hoje há cerca de 180 línguas indígenas neste país, mas estas são apenas 15% das mais de mil línguas que se calcula terem existido aqui em 1500 (Rodrigues 1993a, 1993b). Essa extinção drástica de cerca de 1000 línguas em 500 anos (a uma média de duas línguas por ano) não se deu apenas durante o período colonial, mas manteve-se durante o período imperial e tem-se mantido no período republicano, às vezes, em certos momentos e em certas regiões, com maior intensidade, como durante a recente colonização do noroeste de Mato Grosso e de Rondônia. Quase todas as línguas indígenas que se falavam nas regiões Nordeste, Sueste e Sul do Brasil desapareceram. (RODRIGUES, 1999)

Os contatos iniciais entre os índios brasileiros e os colonizadores portugueses foram se estreitando com a continuidade, a ponto de os brancos aprenderem a língua dos índios. Outra possibilidade de aprendizado da língua pelo contato se dava através do casamento de mulheres indígenas com portugueses. Os filhos desses casamentos (mestiços mamelucos) adquiriam o português como segunda língua, permanecendo como primeira língua a língua das mães, isto é a língua indígena.

Nesta situação de contato, Rodrigues (1999) distingue duas línguas gerais⁹: a paulista (de base tupiniquim e/ou guarani) e a língua geral amazônica (de base tupinambá). A língua geral amazônica surgiu, na primeira metade do século XVII. A língua se formou nas mesmas condições ocorridas entre portugueses e mulheres tupis, sendo que o contato-formação de famílias, na região amazônica, se deu com o grupo tupinambá. A língua é documentada amplamente, e continua ainda em uso – o Nheengatu, do médio Rio negro, do rio Xié, da Bacia do Içana, das fronteiras com

⁸ As 180 línguas indígenas brasileiras se distribuem em cerca de 40 conjuntos, a que se costuma dar o nome de famílias lingüísticas. As línguas da família Tupi-Guarani são as mais distribuídas no território brasileiro. Há línguas no Amapá, no norte do Pará, no Paraná, em Santa Catarina, no litoral atlântico, no Rio Grande do Sul, Tocantins, dentre outros lugares. (RODRIGUES, Aryon, 1999)

⁹ Aryon Rodrigues propõe que se use a expressão “*Língua Geral*” como um termo técnico para se designar as línguas surgidas nas situações de contato entre indígenas e entre indígenas e portugueses, na América do Sul, nos séculos XVI e XVII. (RODRIGUES, 1996)

a Venezuela. A língua geral paulista, precariamente documentada, foi a língua da colonização de São Paulo e suas extensões interioranas (áreas de Minas Gerais e de Mato Grosso e Goiás). A língua geral formada na Amazônia tinha o objetivo de exploração e defesa por parte dos portugueses com relação aos ataques dos estrangeiros, como os franceses. Após o período desses combates, é que alguns portugueses se juntaram aos índios da região, constituindo família, após receber dos índios permissão para alianças matrimoniais, aumentando o número de mestiços que passaram a falar o tupinambá como língua materna.

No século XX, nos meios intelectuais brasileiros, discutia-se a confusão a respeito do significado da expressão língua geral, identificada como sendo a língua falada pelos tupis ou tupinambás; língua criada, moldada ou disciplinada pelos jesuítas; *pidgin* ou crioulo, a partir do contato do *pidgin* com línguas indígenas ou mesmo formada antes da colonização. As línguas gerais se formaram em três situações de miscigenação, em larga escala, de portugueses com índios, com rápida formação de população de mestiços. A língua materna era a língua indígena das mães e não a língua européia dos pais.

O auge do predomínio das línguas gerais ocorreu, no século XVII. Apontam-se como acontecimentos da história colonial associados ao sucesso da língua lusitana, a política pombalina e a vinda de D. João VI e a corte portuguesa para a Colônia. Na Amazônia brasileira, sobretudo no período colonial, a língua geral amazônica foi a língua de comunicação interna, a língua em que brancos, índios, negros e todo tipo de mestiços se relacionavam socialmente.

As línguas indígenas serviram ao colonizador quando seu domínio se dava através da fé cristã; o uso da língua portuguesa se torna parte dos padrões civilizatórios necessários para o domínio do colonizador através do estado absolutista, quando as línguas indígenas perderam a importância. Os índios foram dizimados gradativamente pelos colonizadores portugueses e muitas tribos foram extintas. Ainda assim, o português brasileiro conserva, no seu léxico, marcas das línguas e culturas indígenas.

2.2 LÍNGUAS AFRICANAS

Outro contato que influenciou a língua portuguesa na América foi o contato com as línguas dos negros trazidos como escravos para o Brasil. Só com o primeiro Governo Geral (1549), inicia-se o tráfico regular de escravos para o Brasil. Os primeiros negros chegaram ao Brasil, oficialmente em 1549, autorizados por D. João III para o trabalho nos canaviais e nos engenhos, embora se admita que os negros já teriam vindo para o Brasil, ainda no início da colonização. O tráfico dos escravos se iniciou com a introdução do cultivo da cana-de-açúcar na capitania de São Vicente, Recôncavo baiano e em Pernambuco, no começo da colonização, intensificando-se no século XVII e espalhando-se por todas as regiões comandadas por portugueses. A não escravização dos índios favoreceu a importação dos negros. Os africanos de diferentes línguas vindos para o Brasil eram aqui misturados pelos portugueses com o objetivo de se evitarem rebeliões. Essa prática coibia uma possível unidade nos grupos que se formavam e ainda os mantinha submissos para que não se rebelassem. Esta prática, além de falta de registros, dificultou a identificação da procedência dos negros que aqui desembarcaram. A metrópole portuguesa adotou sempre a política de misturar as diferentes etnias africanas, para impedir a concentração de negros de uma mesma origem numa só capitania. Foi essa diversidade linguística, que impedia uma comunicação em língua materna, que direcionou esses africanos para o aprendizado de uma língua comum – o português – que foi transmitido de modo irregular como segunda língua¹⁰.

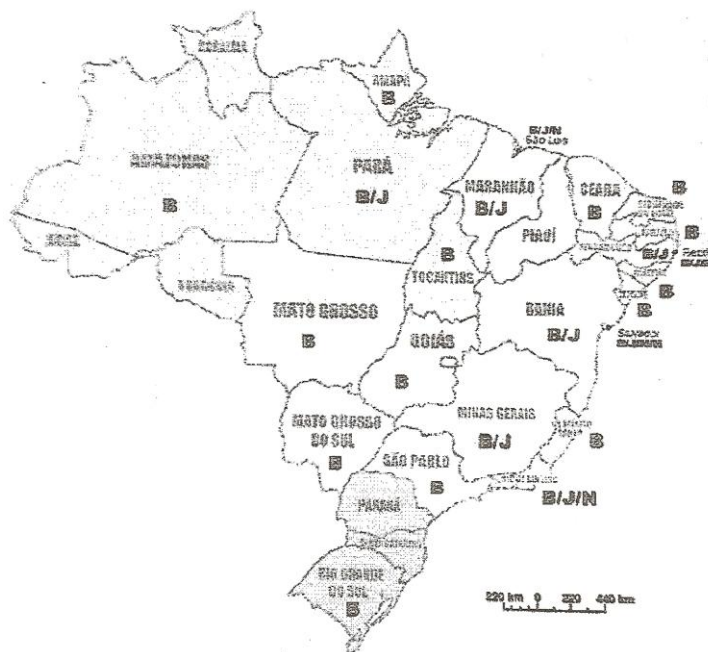
A Bahia se tornou o principal ponto de chegada de escravos que eram distribuídos para outras regiões do Brasil. Era o chamado tráfico interno praticado pelos senhores donos de escravos. Os africanos foram chegando em proporções cada vez maiores e, já no século XVIII, os negros ultrapassavam o restante da população de portugueses e índios. Vejamos alguns dados históricos sobre as línguas africanas faladas no Brasil – 4 grandes ciclos de importação dos escravos relacionados com a história econômica do Brasil, segundo Mattoso (1979).

- Século XVI: Ciclo da Guiné – chegaram a Bahia “sudaneses” originários da parte da África situada ao norte do Equador;

¹⁰ Alguns africanos já tinham tido contato com a língua portuguesa, aprendida em outras regiões colonizadas pelos portugueses.

- Século XVII: Ciclo do Congo e de Angola – chegaram os “bantos” vindos da região abaixo do Saara e foram levados para Minas Gerais;
- Século XVIII: Ciclo da Costa da África – novamente aportaram no Brasil, em São Paulo, os “sudaneses”¹¹;
- Século XIX: procedência variada, com predominância dos negros de Angola e Moçambique.

Os escravos se distribuíram por várias regiões do Brasil. Pessoa de Castro (2008, p. 66) apresenta uma distribuição para os negros *banto*, *mina-jeje*, *nagô-iorubá* e *hauçá*, conforme mapa seguinte:



B – banto J – mina-jeje N – nagô-iorubá H – hauçá

Figura 3 - Mapa de concentração de falantes bantos e oeste-africanos no Brasil.

Segundo Pessoa de Castro (2008), esses cativos que aqui chegavam falavam uma diversidade muito grande de línguas (estimadas entre 200 a 300) relacionadas ao tráfico, distribuídas em duas grandes áreas de proveniência: a *área oeste africana* – falada pelo menor número de escravos - caracterizada pelo maior número de línguas tipologicamente muito diversificadas; e a *área banto* – falada pelo maior

¹¹ A partir da segunda metade do século XIX, este ciclo irá desdobrar-se para dar lugar ao ciclo propriamente dito da “Baía do Benin”.

número de escravos – caracterizada por um número muito reduzido de línguas; tipologicamente, é uma área mais homogênea. Inicialmente, limitava-se à Costa Oeste (atuais Congo, Zaire e Angola), atingindo, mais tarde, Moçambique. O tráfico de escravos da África para o Brasil ocorreu do século XVI ao século XIX, trazendo de quatro a cinco milhões de falantes africanos procedentes de duas regiões subsaarianas: a região banto e a região sudanesa (oeste-africana). A constante banto no tráfico negreiro é representada por Alberto Mussa nos seguintes percentuais: 35% (séc. XVI); 65% (séc. XVII); 64% (séc. XVIII); 50% (séc. XIX).

Da região banto, destacam-se três línguas com maior número de falantes no Brasil: quicongo, quibundo e umbundo; da região oeste-africana, os principais representantes no Brasil foram os povos do grupo *ewe-fon* provenientes do Congo, Togo e Benim (apelidados de minas-jeje) e os iorubás vindos da Nigéria e do Reino do Queto (conhecidos no Brasil como nagôs).

Segundo Pessoa de Castro, para se explicar a participação das línguas africanas na construção do português brasileiro, não se pode deixar de se fazer referência à atuação do negro africano como “personagem falante”, além de “procurar entender os fatos relevantes de ordem sócio-econômica e de natureza lingüística que favoreceram o avanço consecutivo do componente africano nesse processo”. (PESSOA DE CASTRO, 2008, p. 61)

A população negra e afro-descendente, aqui no Brasil, era superior ao número de portugueses e de outros europeus durante três séculos consecutivos. Os negros, na sua convivência diária e nas suas relações de trabalho, contribuíram para a formação da língua portuguesa falada no Brasil, pela atuação da mulher negra inserida na família colonial (mãe-preta¹² com função de cuidar dos filhos dos patrões) e pelas relações sociais dos negros ladinos junto aos demais escravos, atuando como leva-e-traz entre as duas comunidades devido à sua condição de bilíngüe¹³. O negro também se destacou nas lideranças religiosas, deixando como legado uma linguagem litúrgica de base africana.

¹² A influência da mãe-preta se fez notar no ambiente doméstico, no comportamento da criança. Ela introduziu na culinária o azeite de dendê; nos contos populares e cantigas de ninar, os seres fantásticos, tais como: tutus, mandus, boi-da-cara-preta, além de expressões afetuosas como dengo e xodó. (PESSOA DE CASTRO, 2008)

¹³ Ladinos eram os negros que desde cedo aprendiam a falar português, pois participavam dos trabalhos junto aos patrões como empregados domésticos. Neste caso, participavam de duas comunidades sócio-lingüisticamente diferenciadas: a casa-grande e a senzala. (PESSOA DE CASTRO, 2008).

Nas palavras de Pessoa de Castro, temos:

Não podemos ignorar o fato de que o português foi imposto de qualquer maneira como segunda língua a uma população majoritária de falantes africanos por três séculos consecutivos e o Brasil, hoje, possui a maior população afro-descendente concentrada fora do continente africano. (PESSOA DE CASTRO, 2008, p. 61)

Com o fim do tráfico dos escravos africanos para o Brasil, intensificou-se o tráfico interno. Os negros foram levados para várias partes do Brasil: para as plantações de cana-de-açúcar do nordeste, para a região sul e sudeste e também para a região norte para explorar a floresta amazônica. Essa mobilidade deu ao negro um grande papel de difusor da língua portuguesa, deixando sua influência em várias expressões. Da influência africana, podem ser apontadas vocábulos como: *samba, xingar, muamba, tanga, sunga, jiló, maxixe, candomblé, forró, banguela, cachaça, fubá, etc.* A influência iorubá se fez sentir com muita força em Salvador devido à grande concentração de falantes do iorubá na cidade. Os aspectos religiosos da cultura iorubá e seus orixás são os destaques: Iemanjá, Oxum, Xangô, Oxóssi, etc.

O português do Brasil não poderia ter as mesmas características do português europeu, depois de quatro séculos de contato com falantes africanos. Estes receberam o português como segunda língua e seus descendentes, nascidos no Brasil, como primeira língua¹⁴. Os estudos lingüísticos apontam semelhanças entre as duas línguas (o sistema vocálico e o padrão silábico CV.CV), além de destacar as interferências da língua africana no português do Brasil, no vocabulário, na morfologia, na sintaxe, além da fonologia, com a omissão das consoantes finais ou da sua vocalização.

Os anos 30 se caracterizam como o momento em que se apresenta a problemática da relação entre línguas africanas e o português brasileiro. É de 1933 o livro de Renato Mendonça: *A influência africana do português do Brasil e O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jaques Raimundo. Ambos concluem que as particularidades do português brasileiro se devem à influência das línguas africanas, principalmente o Quimbundo e o Iorubá. Outro ponto discutido é a

¹⁴ Pessoa de Castro fala que ocorreu uma africanização do português e, em sentido inverso, um aportuguesamento do africano.

hipótese de crioulização do português brasileiro, no contato com as línguas africanas. (MATTOS E SILVA, 1998)

Após mais de dois séculos de condição minoritária do uso do português no Brasil em relação à língua dos nativos, sua predominância começa a se dar a partir da segunda metade do século XVIII. O interior do Brasil começou a ser explorado pelos bandeirantes, no final do século XVII e com a descoberta das minas de ouro e diamantes, aumentou o número de portugueses que imigraram para o Brasil. A massa africana chegada ao Brasil teve de aprender o português para se comunicar. Os africanos precisavam de um conhecimento precário da língua que permitisse a compreensão de ordens. Só os escravos domésticos se tornavam bilíngües e os filhos dos escravos aprendiam melhor o português devido ao contato com os filhos do senhor. Mas, a educação escolar do escravo foi proibida até a segunda metade do século XIX. (MATTOS E SILVA, 1998)

Segundo Mattos e Silva (1998), no final do século XVI, os escravos já eram 42%; às vésperas da independência, 1818, mais de 50%. Diante dos dados demográficos, pode-se admitir que os grandes responsáveis pela difusão da língua portuguesa no Brasil foram os africanos e afro-descendentes. A população mestiça que forma a sociedade brasileira vai aos poucos se organizando e aumenta em número, superando a população branca, já no final do período colonial. Era visível a divisão da população entre brancos e negros, pois gradativamente ocorria a diminuição dos brancos.

Para Mattos e Silva (1998), dados históricos demonstram que a maioria da população brasileira – 70% – adquiriu a língua da colonização, a língua alvo, numa situação chamada de *transmissão irregular* ou de *aquisição imperfeita*. Adquiriu, portanto, a maioria o português a partir de modelos precários. Dados da demografia histórica apontam para a transmissão lingüística irregular, ao longo dos séculos XVI ao XIX e os dados da quase ausência de escolarização nesses séculos apontam para a polarização socioletal que caracterizava o português brasileiro da atualidade. A “*multidão obscura*”, os escravos, não teve “voz” na sociedade brasileira, porque desde a terceira década do século XVI até 1888, fins do século XIX, teve o papel social de coisa, de objeto.

A política lingüístico-cultural torna o Português a língua oficial do Brasil, e a massa escrava teve de aprender a língua dos senhores, a partir de situações precárias de exposição à língua alvo, a portuguesa. No cenário colonial estavam em

concorrência: as línguas gerais indígenas, o português europeu e o português geral brasileiro em formação. A língua que vai ser utilizada pela população que aqui habitava se caracteriza em função da sociedade que a usa. O Brasil se estruturava, portanto, em dois pólos lingüísticos: de um lado estavam os portugueses e seus descendentes e do outro, os africanos e seus descendentes. É a polarização lingüística a que Lucchesi (2001) se refere. O primeiro segmento utiliza uma língua mais europeizante e culta, enquanto o segundo utiliza uma língua mais vernacular. A história social brasileira aponta que a língua portuguesa, na sua variante brasileira, deve as suas características inovadoras, em geral simplificadoras, em relação ao português europeu (tanto no plano sintático como fônico) à forma como foi aprendida pela massa populacional, ao longo do período colonial

2.3 LÍNGUAS PIDGINS E LÍNGUAS CRIOULAS

O contato entre línguas – fato relativamente comum na história dos agrupamentos humanos – tem como resultados mais freqüentes empréstimos lexicais, e mais raramente a transferência de estruturas gramaticais de uma língua a outra.

Em certas situações específicas, o contato entre línguas pode gerar uma nova língua. Ao criar historicamente situações socioeconômicas como as *plantations* ou os entrepostos comerciais, surgiram as línguas *pidgins*, como o *tok pisin* ou o *pidgin* inglês de Hong Kong, e as línguas crioulas, como o *forro* e o *angolar*, na Ilha de São Tomé na África, e o *saramacan* e *sranan*, no Suriname, e ainda o *pidgin* e o crioulo inglês do Havaí, formados entre o final do século XIX e o início do século XX.

As línguas emergenciais surgidas desse contato atendem às necessidades comunicativas do grupo (entrepósitos comerciais e *plantations*) e essas línguas sofrem influência da língua lexicadora, língua alvo ou língua de superestrato. O seu uso prolongado pelos adultos possibilita, a partir do nascimento dos filhos, da geração seguinte, a nativização desta língua que possui todas as características de uma língua natural, pois seus falantes são, então, orientados pela faculdade da linguagem e marcam devidamente os parâmetros dessa nova língua. A transformação de uma língua em *pidgin* ou em crioulo é um processo de

reestruturação gramatical, em que ocorre erosão da estrutura gramatical da língua-alvo, seguida de sua recomposição.

Os primeiros registros históricos de línguas *pidgins* e crioulas provêm de missionários e funcionários coloniais. No final do século XIX, ocorreram as primeiras observações sistemáticas acerca da especificidade dos processos lingüísticos ocorridos em situações de contato massivo e continuado entre línguas, destacando-se a figura do filólogo português Francisco Adolfo Coelho.

As propriedades estruturais que caracterizam as línguas crioulas seriam decorrentes das propriedades gramaticais das línguas do substrato e a nativização define a formação de entidades lingüísticas originais nas situações de contato prolongado entre línguas. A situação inicial de contato se dá com o processo de aquisição de segunda língua¹⁵. Por serem adultos, os falantes das outras línguas não têm mais acesso aos dispositivos inatos da faculdade da linguagem, que regem o processo de aquisição da língua materna, logo terão um aprendizado deficiente que vai ser evidenciado na variedade de segunda língua que se forma.

Bickerton (1984) desenvolveu uma teoria, fundamentada no conceito do *Bioprograma da Linguagem*, segundo o qual a nativização é crucial para o nascimento de uma língua crioula. A nativização afigura-se, então, como um divisor de águas no processo de formação de entidades lingüísticas originais nas situações de contato prolongado e maciço entre línguas. Na década de 1960, o lingüista norte-americano Robert Hall Jr (1962) faz a distinção entre línguas *pidgins* e crioulas, sendo as crioulas o resultado da nativização das línguas *pidgins*.

Segundo as reflexões de Bickerton (1984), podem-se destacar as seguintes características para as línguas crioulas:

- (i) focalização do constituinte através do seu deslocamento para o início da oração;
- (ii) sistema de artigos baseado na distinção entre os níveis de referencialidade ‘específico / não específico’, marcados, respectivamente pela presença / ausência do artigo;

¹⁵ No caso do crioulo de Cabo Verde, por exemplo, o surgimento se deu quando os portugueses chegaram lá, por volta de 1456, e começaram a levar escravos de várias etnias. As ilhas do arquipélago funcionaram como um entreposto para a distribuição de escravos para o mundo, criando as condições para o surgimento de uma língua emergencial que permitisse a comunicação entre os diversos escravos que lá estavam e que, além de precisarem se relacionar, eles precisavam entender, pelo menos, as ordens dos dominadores. (COUTO, 1996)

- (iii) sistema analítico, em que partículas independentes marcam as categorias verbais de tempo, modo e aspecto;
- (iv) estruturas de dupla negação, em que a negação é marcada no sujeito e no predicativo;
- (v) uso de um mesmo verbo para indicar 'posse' e 'existência';
- (vi) ausência de verbos copulativos;
- (vii) o uso de adjetivos que funcionam como verbos;
- (viii) ordem invariável para as orações afirmativas, imperativas e interrogativas;
- (ix) forma bimorfêmica analítica assumida pelas palavras interrogativas.

As línguas crioulas diferem das línguas naturais devido ao processo sociolingüístico de sua formação, e, sobretudo, de gramaticalização, que pode ocorrer em um curto espaço de tempo nas línguas crioulas e que se estendeu por muitos séculos de transmissão lingüística regular nas outras línguas.

Muitos dos crioulos que se formaram no sul da Ásia já desapareceram ou estão em vias de extinção. E mesmo os crioulos que ainda se mantêm em uso estão sendo progressivamente influenciados pelas suas línguas-alvo, num processo conhecido como descrioulização. A passagem de um estágio a outro é caracterizado, segundo Holm, por uma reexpansão de vocabulário e de estrutura: as línguas crioulas são *pidgins* "enriquecidos". E este enriquecimento acontece precisamente no momento em que o *pidgin* se torna língua materna de um conjunto de pessoas.

Para Holm (1992), um *pidgin* é uma língua simplificada, emergencial, surgida entre grupos sociais que tinham necessidade urgente de se comunicarem. Esse tipo de língua, por ser muito simplificado, preenche apenas as funções referenciais da comunicação, tendo em vista sua estrutura gramatical simplificada. Os grupos envolvidos continuam falando entre si suas línguas nativas e só utilizam a nova modalidade – o *pidgin* – nos momentos de contato. A simplificação inclui várias reduções gramaticais, incluindo as formas não marcadas, como a ausência de concordância tanto nominal quanto verbal.

A língua de contato, tendo continuidade, pode se converter num *pidgin* estendido ou num crioulo, que passa a ser usado em diversas situações e não apenas na comunicação referencial. O crioulo, na sua continuidade, mistura o léxico

da língua de superstrato à estrutura da língua de substrato, isto é, mantém-se o vocabulário do dominador e utiliza-se a estrutura gramatical do dominado. Ocorre a gramaticalização de alguns elementos da língua alvo: alguns elementos passam a assumir funções gramaticais em função da nova estruturação lingüística. O crioulo é, portanto, um *pidgin* nativizado. A ausência de morfologia decorrente do processo de simplificação na formação de um *pidgin* pode ser recuperada no surgimento do crioulo. A cristalização de um crioulo em uma determinada comunidade é somente uma das três soluções possíveis para a situação de contato. O crioulo pode desaparecer, pode permanecer estável ou pode fundir-se com a língua padrão oficial, desencadeando um processo de descrioulização.

Deve haver mobilidade social via língua-fonte de modo a motivar os falantes nativos do crioulo a modificarem sua fala na direção à língua-padrão oficial. O resultado de tantas pressões não é, evidentemente, um produto homogêneo. O que se tem é um *contínuo lingüístico*. Foi o que se verificou em Cabo Verde, com a cristalização de uma comunidade: o *pidgin (comunicação precária)* transformou-se em crioulo (servindo para todas as necessidades expressivas e comunicativas de seus usuários).

Todo crioulo convive com uma língua lexificadora, assim chamada por ser a que fornece a maior parte do léxico (acima de 90%). Por isso, todas as sociedades crioulas são um *continuum* de variedades lingüísticas que vão desde a *variedade basiletal* (ou *basileto*), que é a mais “pura”, menos influenciada pela língua lexificadora, até uma *variedade acroletal* (ou *acroleto*), que é a mais próxima da língua lexificadora ou dominante. Entre as duas variedades, há uma série de *variedades mesoletais* (ou *mesoletos*).

Muitos crioulos co-existem com suas línguas lexificadoras, constituindo um contínuo crioulo, conforme demonstração na figura seguinte:



Figura 4 – Contínuo Crioulo.(ARENDS, J., MUYSKEN, P. & NORVAL, S., 1995)

Ocorrem mudanças nas regras gramaticais do contínuo crioulo, sendo introduzidos a cópula, o tempo e o aspecto e novos morfemas da língua padrão e assim como pode ocorrer a descrioulização, ocorre também a recrioulização, como a observada entre os jovens negros, adolescentes que rejeitaram o inglês padrão e incorporaram termos crioulos na sua fala que estava se descrioulizando.

As línguas crioulas têm geralmente estruturas gramaticais mais simplificadas, isto é, menos marcadas do que a língua de superstrato e as línguas de substrato. Nas línguas crioulas, o verbo não se flexiona em número-pessoa nem em tempo-modo, como ocorre no português. Vejamos os exemplos seguintes¹⁶:

- (1) i fuma 'ele fuma'
- (2) i fuma ba 'ele fumara, tinha fumado'
- (3) i ba fuma 'ele vai/foi/ia fumar'
- (4) i ta fuma 'ele fuma' (no sentido de quem tem o hábito de fumar)
- (5) i na fuma 'ele está fumando neste exato momento.'

Couto (1996) apresenta, ainda, o equivalente à conjugação verbal desse verbo (fumar) em português, com duas formas pronominais: a que figura entre parênteses é tônica e facultativa, usada quando se quer dar ênfase; a outra forma, átona e obrigatória, é responsável por indicar o número e a pessoa do verbo, deixando o radical 'fuma' sem qualquer alteração. As partículas que acompanham o verbo (geralmente colocadas antes dele) indicam tempo, modo e aspecto:

- (ami) N fuma '(eu) fumei'
- (abo) bu fuma '(tu) fumaste'
- (el) i fuma '(ele) fumou'
- (anó) nó fuma '(nós) fumamos'
- (abó) bó fuma '(vós) fumastes'
- (elis) e fuma '(eles) fumaram'

O grande desafio teórico do campo de investigação das situações de contato entre línguas provém do fato empírico geralmente assumido de que as línguas *pidgins* e crioulas compartilham certas propriedades estruturais, apesar das

¹⁶Os exemplos são do crioulo português da Guiné-Bissau, retirados de Couto.(1996).

diferentes línguas que estiveram em contato em cada situação específica em que cada língua *pidgin* ou crioula se formou. Tendo em vista as simplificações existentes nas línguas crioulas¹⁷, chegou-se a considerar que o português popular brasileiro (apresentando, também, várias simplificações) teria suas bases em dialetos crioulos. O caráter reducionista dessa variedade do português, no início de sua formação, e usado em larga escala pelos iletrados, apresenta perdas fonético-fonológicas como a do *-r* final e marcas de plural nos sintagmas nominais e verbais (eliminação de redundância) devido à presença de marcas em outros vocábulos. Alguns estudiosos apontam para o processo de descrioulização que ocorre, posteriormente, com o português simplificado se modificando em direção à língua alvo.

2.4 A TRANSMISSÃO LINGÜÍSTICA IRREGULAR

A formação sócio-histórica da língua no Brasil é um processo constituído por duas grandes vertentes lingüísticas (uma culta e outra popular). Apesar de sua relativa independência, as duas normas se influenciam. A influência do contato com a norma culta teria produzido o apagamento das marcas mais características do processo de transmissão lingüística irregular em algumas variedades populares. Ocorreram, também, processos de mudanças decorrentes do contato entre línguas que se refletiram nos padrões de fala das camadas médias e altas. Uma população de adultos falantes de línguas diferentes, quando posta em contato, é forçada a adquirir uma segunda língua, em situação emergencial, para estabelecer o contato entre as pessoas dessa comunidade. Isto propicia a formação de uma nova língua que apresenta uma forte redução em sua estrutura gramatical, ficando apenas os elementos essenciais necessários para manter as funções comunicativas básicas. Segundo Lucchesi (2003), essa redução na estrutura gramatical deve-se ao:

- (i) ao difícil acesso dos falantes de outras línguas aos modelos da língua alvo, sobretudo nas situações em que os falantes dessa língua alvo são numericamente muito inferiores aos falantes das outras línguas;
- (ii) ao fato de os falantes dessas outras línguas serem, em sua grande maioria, adultos, não havendo, pois, o acesso aos

¹⁷Para Couto, as línguas crioulas se constituem em verdadeiros laboratórios lingüísticos, por terem a maior parte de suas características gramaticais não-marcadas, diferentes das demais línguas não-crioulas, por apresentar esses traços de forma concentrada, permitindo o exame quase como *in vitro*.

dispositivos da faculdade da linguagem que atuam naturalmente no processo de aquisição da língua materna;

- (iii) à ausência de uma ação normatizadora, ou seja, de uma norma ideal que oriente e restrinja o processo de aquisição/nativização, já que esse processo tem como objetivo fundamentalmente a comunicação emergencial com os falantes da língua alvo.” (LUCCHESI, 2003, p.273)

Para Lucchesi (2002b), o português brasileiro é não apenas *heterogêneo* e *variável*, mas também *plural* e *polarizado*. Dentro do diassistema do português brasileiro, definem-se dois sistemas igualmente heterogêneos e variáveis, daí a *pluralidade* e a *polarização*, designada como *norma culta* e *norma vernácula* (*português brasileiro culto* e *português brasileiro popular*). O português popular brasileiro é resultado de um processo de transmissão irregular desencadeado pelo contato entre línguas. A ação dos aloglotas adultos foi determinante para alterar a estrutura morfossintática da língua adquirida.

Portanto, se, no decurso do século passado, atenua-se o quadro bem polarizado que predominou nos séculos anteriores, diminuindo os abismos que separavam a fala da elite da fala da população pobre, as marcas dessa polaridade ainda se mantêm; até mesmo porque se conservam as profundas desigualdades sociais que fundamentam a divisão lingüística do Brasil em dois subsistemas distintos: uma NORMA CULTA e uma NORMA POPULAR. Para além do respaldo nos dados sócio-históricos e de sua fundamentação teórica, essa análise bipolarizada da realidade lingüística brasileira também assenta sobre os estudos empíricos da variação social no português do Brasil. (LUCCHESI, 2002b, p.81)

A polarização lingüística do Brasil não é estanque, podendo-se detectar influxos que interligam os dois subsistemas distintos, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XX. O processo sócio-histórico de constituição da realidade lingüística brasileira é polarizado (LUCCHESI 1994, 1996, 1998 e 2001). No pólo das camadas populares, ocorreu o contato do português com as línguas indígenas e africanas e os processos de transmissão lingüística irregular. Nos três primeiros séculos da história do Brasil, houve processos de mudança crioulizantes. O contato prolongado entre línguas, como já se disse, pode conduzir à formação de uma nova língua que terá como modelo a língua do segmento dominante. Essa língua surgida desse contato pode ser inicialmente um *pidgin* que pode vir a se tornar um crioulo e, a partir daí, ter desenvolvimento histórico como toda e qualquer língua ou pode durar apenas durante a situação de contato. Na transmissão

lingüística irregular, existem não apenas a pidginização e crioulização, mas também as situações em que a língua do dominador se impõe, diferentemente da língua transmitida. É, provavelmente, dentro desse contexto, que o português brasileiro surgiu: foi adquirido precariamente, de modo defectivo, com grande erosão gramatical, notadamente no que se refere às desinências verbais.

Lucchesi (2006) aponta a realidade sociolingüística brasileira como polarizada, entre uma norma culta, definida a partir dos padrões de fala das classes média e alta e uma norma popular ou vernácula, reunindo os falares das classes baixas. A história da língua portuguesa no Brasil é vista através dessas duas vertentes. A partir do final do séc. XIX e no decorrer do séc. XX, violento e extenso processo de industrialização e urbanização provocaram profundas modificações no panorama sócio-econômico do país. De um lado, o padrão europeu deixa de exercer tão proeminente influência sobre a normatização da língua. De outro lado, o nivelamento lingüístico dos falares rurais e populares brasileiros modifica o panorama lingüístico do Brasil, estabelecendo uma norma lingüística para as camadas populares e outra para a elite do país.

Segundo Lucchesi (2006), a bipolaridade que marca a história sociolingüística do Brasil é destacada por Serafim da Silva Neto (1963). O português sofreu profundas alterações ao ser adquirido inicialmente pelos índios aculturados e, posteriormente, por escravos trazidos da África o que desencadeou um processo de transmissão lingüística irregular que marcou decisivamente a formação das atuais variedades populares da língua portuguesa no Brasil.

Nas primeiras décadas da colonização, a língua usada era a *geral*, oriunda de uma língua franca de base tupinambá. A partir do século XVII, a crescente mão-de-obra escrava de origem africana foi decisiva para a consolidação do português como a língua hegemônica no Brasil. A língua portuguesa, na variedade falada por esses trabalhadores braçais analfabetos, vai se impondo sobre a chamada *língua geral*. Em 17 de agosto de 1758, a língua portuguesa se tornou a língua oficial do Brasil, com o decreto de Pombal, que também proibiu o uso da língua geral.

Em meados do século XIX, após a independência, surgiam as primeiras manifestações de nacionalismo cultural e lingüístico, libertando o padrão lingüístico de seus cânones conservadores e europeizantes. No século XX, ocorreram significativas mudanças no panorama cultural e lingüístico das camadas mais baixas da população brasileira. De um lado, houve o deslocamento da população do campo

para a cidade. O Brasil tornou-se um país eminentemente urbano. De outro lado, houve mudança do português popular em direção aos modelos da norma culta, que atingem e influenciam as camadas mais baixas da população através da televisão, do rádio ou pelo contato direto. (LUCCHESI, 2006, p. 91)

Nas comunidades rurais afro-brasileiras isoladas (antigos quilombos ou de agrupamentos de ex-escravos), ainda se observam características crioulizantes, na fala dos seus membros mais velhos, (esses traços praticamente desapareceram na fala dos mais jovens), alguns traços lingüísticos que apontam claramente para mudanças drásticas resultantes de um processo de transmissão lingüística irregular. Estas comunidades, além de falarem o português, preservam suas línguas de origem até hoje. O processo de mudanças descrioulizantes pode ter ocorrido de forma muito acelerada, no decorrer do século passado, entre essas comunidades rurais, em função do violento processo de penetração no campo das grandes empresas capitalistas que aceleraram o processo de mudança das regiões e da vida dos que nelas habitavam tanto no trabalho quanto no estilo de vida. (LUCCHESI, 2006)

No decorrer do século XX, no português popular, houve uma tendência de mudança “*para cima*” em direção ao padrão urbano culto. No português culto, a tendência de mudança foi de afastamento do padrão normativo de matiz europeu, ocorrendo uma mudança “*para baixo*”. Isto se deu com o aumento da população que tentava seguir os padrões exigidos pela elite dominante, mas, como não conseguia e com a quantidade de falantes pertencente a uma camada com menos recursos econômicos e com escolaridade mais precária, a tendência foi popularizar mais o português que se afastava do padrão europeu, com o apagamento de regras, principalmente as de concordância nominal e verbal.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, aportaram no Brasil mais de três milhões de imigrantes europeus e asiáticos. Estes tiveram uma aquisição do português com capatazes e trabalhadores braçais, ex-escravos africanos e seus descendentes nativos e/ou mestiços. Aprenderam o português popular com as profundas mudanças decorrentes do processo de transmissão lingüística irregular por que este havia passado.

A transmissão lingüística regular é a aquisição de uma língua pelas crianças – a língua materna – fixando uma gramática completa, a partir do sistema lingüístico dos pais, devido ao uso da faculdade de linguagem, dispositivo mental inato, que

contém as estruturas universais. A transmissão lingüística irregular ocorre quando uma língua é aprendida por adultos, sem a interferência dos universais lingüísticos presentes nas crianças. O contato lingüístico massivo e prolongado entre línguas cria a necessidade de se criar uma língua de comunicação imediata. A língua, geralmente a do segmento que detém o poder político, é tomada como modelo pelos demais segmentos. Adultos adquirem uma segunda língua de forma reduzida e bastante simplificada, sendo difícil o acesso à língua alvo devido às diferenças entre adultos e crianças na aquisição lingüística. Essa língua apresenta um modelo defectivo, o que provocou grande perda da morfologia, acarretando uma simplificação nas marcas gramaticais do português do Brasil. Essa nova língua que se forma desse contato vai ser aprendida como língua materna pelos descendentes dos falantes da língua emergencial. Prolongando-se a situação de contato, a expansão lingüística pode ocorrer através:

- da gramaticalização de itens lexicais oriundos da língua alvo.
- da incorporação de dispositivos gramaticais de outras línguas (influência de substrato).
- de processos de reestruturação original da gramática.

Toda a diversidade de estruturas presentes no PB está relacionada ao contato entre línguas, à maneira como se constituíram e o comportamento da comunidade que utiliza essa nova modalidade comunicativa. A respeito do assunto, Lucchesi afirma que:

Não obstante a diversidade de estruturas que podem ser relacionadas ao contato entre línguas, há um aspecto básico do processo de transmissão lingüística irregular que é crucial para o entendimento do desenvolvimento histórico do português do Brasil. O ponto de partida de todo processo de transmissão lingüística irregular desencadeado pelo contato entre línguas é a perda de morfologia flexional na aquisição inicial da língua alvo por parte dos falantes das outras línguas. Esta característica está na base da formação de todas línguas pidgins e crioulas e muitas das propriedades dessas línguas decorrem de mudanças desencadeadas por esse “fato inaugural”. Nem todas as línguas crioulas apresentam sistemas de partículas de tempo, modo e aspecto, nem todas possuem verbos seriais, ou ordem SVO, ou ausência de sujeito nulo referencial, mas todas as línguas pidgins e crioulas exibem algum nível de perda de morfologia flexional e de regras de concordância nominal e verbal em relação à língua alvo. (LUCCHESI, 2003, p.281-282)

2 A CONCORDÂNCIA VERBAL

Neste capítulo, faz-se uma revisão dos estudos sobre a concordância verbal no português brasileiro (PB). Inicia-se com informações desse tópico na tradição gramatical, quando são feitas algumas considerações sobre o fenômeno da concordância verbal na visão das gramáticas normativas e, posteriormente, tratar-se-á de estudos sobre a variação na concordância verbal em pesquisas no âmbito da Sociolingüística Variacionista, que analisa a concordância verbal como regra variável e não como regra categórica como prescreve a tradição gramatical.

Apesar de se ter conhecimento da diversidade lingüística, poucas gramáticas tratam o ensino levando em conta que a língua varia. Convém lembrar, também, que os professores que atuam nos Ensinos Fundamental e Médio, mesmo tendo visto nos seus currículos acadêmicos, a disciplina Sociolingüística, continuam atuando como se a língua fosse homogênea, como comentam Callou e Lopes (2003)

Ainda que a diversidade lingüística seja um fato incontestável, a língua tem sido vista como homogênea, as regras gramaticais como permanentes e imutáveis e o ensino/aprendizagem de língua portuguesa, em geral, associado à noção de “certo” e “errado”, como se houvesse apenas uma única possibilidade de utilização *normal* da língua. Torna-se, pois, necessário repensar o nosso código gramatical e atualizá-lo, em consequência da existência de um abismo, mais ou menos profundo, entre a *norma* idealizada e as *normas* efetivamente praticadas, mesmo pelos falantes mais escolarizados. (CALLOU e LOPES, 2003, p.63)

3.1 AS GRAMÁTICAS NORMATIVAS/PEDAGÓGICAS

As gramáticas normativas e as pedagógicas prescrevem como obrigatória a concordância do verbo com seu sujeito na estrutura da frase. Entretanto, numa observação, mesmo assistemática, percebe-se que, no desempenho oral, nem sempre as regras relativas à concordância se revelam categóricas, uma vez que seu caráter variável não se limita aos contextos em que essas prescrições admitem como facultativa uma compatibilização SN - verbo.

Essas gramáticas adotadas nos Ensinos Fundamental e Médio têm como objetivo a prescrição de regras categóricas para explicar o funcionamento da língua

considerada padrão. No entanto, na análise de vários fenômenos, aí incluindo a concordância verbal, as gramáticas já admitem, sob forma de exceção, a possibilidade de o verbo concordar ou não com seu sujeito, como se verá adiante. As gramáticas descrevem a língua como um sistema rígido, citando os clássicos, geralmente portugueses, como exemplos de bons autores a serem seguidos pelos falantes do português, não considerando outros contextos, outros momentos ou situações de maior ou menor formalidade entre os falantes, dentre outros fatores favorecedores ou não da aplicação dessas regras.

Existem, no entanto, gramáticas que fazem abordagens históricas. Já falam em variação da língua no tempo (diacronia), mas não se referem às variações atuais (sincronia), desconhecendo-as como formas alternativas de se dizer a mesma coisa. As formas que estão em co-ocorrência não são vistas como formas variantes e sim como desvios da língua, como formas “erradas”. Vê-se, portanto, que esses gramáticos só reconhecem a variação quando ela já se apresentou em sua etapa final, com uma das formas triunfando e definindo a mudança.

A tradição gramatical estuda a concordância verbal, justificando algumas variações como formas aceitáveis por terem sido usadas por “bons autores”, isto é, autores consagrados que estariam legitimando esses usos. De acordo com a tradição gramatical portuguesa, o verbo concorda com o sujeito em número e pessoa, levando-se em consideração os sujeitos e sua posição na oração. No primeiro caso, os sujeitos considerados simples, compostos, indefinidos, desinenciais e inexistentes; no segundo caso, as posições admitidas são: sujeitos antepostos e pospostos ao verbo. As gramáticas, de um modo geral, apresentam uma regra geral que vê como categórica a solidariedade do verbo com seu sujeito, isto é, o verbo vai sempre concordar com o sujeito da oração. No entanto percebe-se, também, a ocorrência de várias outras regras que são, na verdade, desdobramentos da regra geral, numa tentativa de explicar as questões estruturais e semânticas que permitam os desvios da regra. Alguns dos desdobramentos da regra geral são: concordância com o sujeito simples, concordância com o sujeito composto (núcleos ligados pela preposição com, composto por pessoas gramaticais diferentes, posposto ao núcleo do predicado, anteposto formado por substantivos sinônimos ou quase sinônimos, composto formado por elementos unidos pela conjunção e, composto com núcleos unidos pela conjunção nem); a concordância verbal na voz

passiva, sujeitos formados pelas expressões “um e outro”, “um ou outro”, nem um, nem outro”; sujeito formado pela expressão “mais de um” e sujeito formado pela expressão “qual de nós/vós. (CUNHA, 1972)

Cunha (1972, p. 466) apresenta a seguinte definição para concordância:

1. A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A concordância evita a repetição do sujeito, que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada.

Exemplos: “**Eu** já **ia indo** um pedaço, quando **dei** de rédeas para trás e **ajuntei**-me outra vez com o compadre”

Esse trecho se mostra muito semelhante à gramática de Cunha & Cintra (1985). Há a regra geral – com um só sujeito e com mais de um sujeito – e, em seguida, são apresentados os casos especiais: o sujeito é uma expressão partitiva, o sujeito denota quantidade aproximada, o sujeito é o pronome relativo que, o sujeito é o pronome relativo quem, o sujeito é um pronome interrogativo ou indefinido plural, seguido de (ou dentre) nós (ou vós), o sujeito é um plural aparente, o sujeito é indeterminado e os casos de concordância com o verbo *ser*.

Cunha & Cintra (1985) apresentam a mesma definição de Cunha¹⁸ (1972), com pequenos destaques, conforme descrita em seguida:

1. “A solidariedade entre o verbo e o sujeito, que ele faz viver no tempo, exterioriza-se na CONCORDÂNCIA, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito.

2. A CONCORDÂNCIA evita a repetição do sujeito, que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada”.

Exemplos: **Eu acabei** por adormecer no regaço de minha tia. Quando **acordei** já era tarde, não **vi** meu pai. (A. Ribeiro, *CRG*, 257)

A definição apresentada de Cunha e Cintra (1985) refere-se unicamente à flexão do verbo como forma de se ajustar a seu sujeito. A concordância verbal é descrita por Cunha & Cintra, que abordam as chamadas regras gerais e apontam os casos de concordância com um só sujeito como regra categórica, afirmando que “o

¹⁸ As gramáticas se repetem em muitos aspectos, pois a versão portuguesa tinha o objetivo de divulgar os conceitos de Cintra unidos aos conceitos de Cunha. Logo, sendo uma publicação posterior, ela mantém a estrutura do primeiro livro e acrescenta a parte da gramática de Cintra.

verbo concorda em número e pessoa com seu sujeito, venha ele claro ou subentendido”, embora apresentem “os casos particulares” para as situações em que se podem perceber usos facultativos que correspondem à variabilidade da regra. Queremos aí chamar a atenção para a afirmativa feita pelos autores quando apontam a concordância como obrigatória, mas abrindo a possibilidade da ocorrência de outras formas, quando admitem a variação, mesmo sem se referirem a ela, apontando a concordância verbal com sujeito representado por uma expressão partitiva, da seguinte maneira:

Quando o sujeito é constituído por expressão partitiva (como: parte de, uma porção de, o grosso de, o resto de, metade de e equivalente) e um substantivo ou pronome plural, o verbo pode ir para o singular ou para o plural.(CUNHA & CINTRA, 1985, p.487).

Cunha & Cintra (1985) subdividem as regras gerais em: 1) *com um só sujeito* “o verbo concorda em número e pessoa com o seu sujeito, venha ele claro ou subentendido”. – A paisagem ficou espiritualizada (M. BANDEIRA, *PP*, 70); *com mais de um sujeito* “o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural e, quanto à pessoa, irá:

- a) *para a primeira pessoa, se entre os sujeitos figurar um da primeira pessoa – Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem. (C. dos ANJOS, DR, 39);*
- b) *para a segunda pessoa do plural, se, não existindo sujeito da primeira pessoa, houver um da segunda – Tu ou os teus filhos vereis a revolução dos espíritos e costumes (C. CASTELO BRANCO, J, I, 21);*
- c) *para a terceira pessoa do plural, se os sujeitos forem da terceira pessoa – Quando o Loas e a filha chegaram às proximidades da courela, logo se anunciaram (F. NAMORA, TJ, 227). (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 486)*

Destaca-se, ainda, a passagem “*pode ir para o singular ou para o plural*” sem, contudo, tecer comentários a respeito de forças que regem e/ou condicionam tais variações. Em outros casos, referem-se até às diferenças de estilo entre os poetas e escritores. Estas justificativas são utilizadas para legitimar as escolhas efetuadas¹⁹ como os exemplos destacados:

¹⁹ CUNHA & CINTRA, 1985, p. 488, destacam a seguinte observação: “A cada uma destas possibilidades corresponde um novo matiz de expressão. Deixamos o verbo no singular, quando

1. **A maior parte deles** já não vai à fábrica! (B. SANTARENO, TPM, 40)
2. **A maior parte destes quartos não tinham** teto, nem portas, nem pavimento. (C. CASTELO BRANCO, OS, I, 196).
3. **Uma porção de moleques me olhavam** admirados. (J. LINS do REGO, ME, 29).
4. Para meu desapontamento, **a maioria dos nomes** anotados não **dispunha** de telefone, ou **eram** casas comerciais, que não queriam conversa. (C. DRUMMOND de ANDRADE, BV, 12.). (CUNHA & CINTRA, 1985, p.487-488).

Os autores analisam, ainda, casos em que “o sujeito denota quantidade aproximada”, “o sujeito é o pronome relativo que”, “o sujeito é o pronome relativo quem”, “o sujeito é outro pronome relativo”, “o sujeito é um plural aparente”, “o sujeito é indeterminado”. Destacam “a concordância com o verbo SER”, os casos de “mais de um sujeito”, “os infinitivos sujeitos”, “os sujeitos resumidos por um pronome indefinido”, “sujeitos representantes da mesma pessoa ou coisa”, “sujeitos ligados por ou e por nem”, “a locução um e outro”, “sujeitos ligados por com” e “sujeitos ligados por conjunção comparativa”. Em situações em que não cabem explicações desta natureza, os gramáticos falam de exceções. (CUNHA & CINTRA, 1985, p. 487-488).

Almeida (1992) apresenta o capítulo *Processos Sintáticos*, em que discute a Sintaxe regular de concordância, destacando, no sub-item 1, a concordância nominal e verbal. Aponta que esses processos podem ocorrer de modo normal ou regular e anormal ou irregular. Sempre, no entanto, enfatizando o caráter de obrigatoriedade, através da forma verbal *devem*. Assim, ele define a sintaxe regular de concordância:

Concordância é o processo sintático pelo qual uma palavra se acomoda, na sua flexão, com a flexão de outra palavra de que depende. Essa acomodação flexional pode efetuar-se quanto ao gênero, quanto ao número e quanto à pessoa. Os termos que na oração devem *concordar*, *acomodar-se* são: 1) O *verbo*, que se acomoda ao sujeito; 2) O *adjetivo*, que concorda com o substantivo; 3) O *predicativo*, que concorda com o sujeito; 4) O *pronome* que concorda com o nome a que se refere. (ALMEIDA, 1992, p.441)

queremos destacar o conjunto como uma unidade. Levamos o verbo ao plural para evidenciarmos os vários elementos que compõem o todo”.

Na análise da concordância verbal, Almeida (1992, p. 442-448) define como regra geral: “O verbo concorda com o sujeito em *número* e *pessoa*”, apresentando exemplos como “Os meninos fugiram”, “Tu não sabes isso”, “Vendem-se casas”. Na seqüência, refere-se a “regras especiais”. Nesta seção, são apresentados os casos em que o sujeito é preenchido por um “coletivo geral”, “coletivo partitivo”, “palavra tomada materialmente”, “preço, quantidade, porção”, “nome próprio plural”, “quais (interrogativo), aqueles, quantos, alguns, nenhuns, muitos, poucos, seguidos de pronome como complemento”, “*cada um*”, “*mais de um*”, “*quem*”, “*que* (pronome relativo) e *quanto*”, “*o que, aquele que*”, “*um dos que*”, “um que” e “isto de”.

No capítulo referente ao sujeito composto, Almeida (1992, p. 449) apresenta a regra geral “**O sujeito composto** leva o verbo para o plural, pelo fato de concorrer na ação verbal mais de um praticante: *Pedro e Paulo souberam – Tanto Pedro como Paulo souberam a lição*”

Apresentam-se a seguir os casos especiais, com suas respectivas explicações para a possibilidade de o verbo ficar no singular ou no plural, apresentando como exemplos frases de destaque como: “Passará o céu e a terra” ou “se tanto me ajudar engenho e arte”, com a seguinte justificativa: “se o sujeito composto vier depois do verbo, poderá o verbo ficar no singular”. Outros casos ainda são abordados com o sujeito composto: com gradação ascendente ou descendente, sujeito terminando com *tudo, nada, nenhum, ninguém, cada qual*, sujeito oracional, sujeito constituído por *um e outro, nenhum nem outro*, ligados por *ou, nem, com*, iniciado por *isto é*. O capítulo traz ainda as particularidades: casos com o verbo *ser, dar, soar, bater*, verbos que indicam carência (*faltar*), *fazer* - “Faz anos que estou aqui” e nas orações optativas, quando Almeida destaca que, nestes casos, “os sujeitos são os pronomes ou nomes que se seguem aos verbos e com eles deve o verbo concordar”. (ALMEIDA, 1992, p. 450-455)

Nos casos apresentados, o autor identifica a variação, reconhece os casos em que ela se manifesta, mas não se refere à variação, destacando sempre a obrigatoriedade da concordância do verbo com seu sujeito, mesmo quando se refere a casos particulares ou especiais.

Bechara (2003) refere-se ao tratamento dos fatos lingüísticos, através de uma descrição científica e sincrônica da língua aliada a uma visão da gramática normativa, chamando a atenção para a liberdade de concordância que a língua

portuguesa possibilita e ainda tece comentários para as diferenças entre língua oral e língua escrita, apresentando suas respectivas características. Destaca, também a rapidez do pensamento na oralidade e a formalidade na elaboração da língua escrita, no entanto apresenta a concordância como relação sintática do verbo com o sujeito da oração, sendo normal que sujeito e verbo concordem em número (p.543). A partir daí, apresenta as regras de concordância que regulam as relações lingüísticas da língua portuguesa, como veremos a seguir.

Bechara (2003, p. 543) destaca, inicialmente, nas **considerações gerais**: “Em português a *concordância* consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”. Para concordância verbal, o autor define “a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e, às vezes, o predicativo) e o verbo da oração. Apresenta como exemplo a passagem em destaque:

Os outros não sabendo o que *era, falavam, olhavam, gesticulavam*, ao tempo que ela *olhava* só, ora fixa, ora móvel, levando a astúcia a ponto de olhar às vezes para dentro de si, porque *deixava cair* as pálpebras. [MA. 1, 183]

Bechara apresenta uma postura menos categórica que a dos gramáticos apresentados anteriormente, pois já se mostra mais permissivo para os fatos que ocorrem na língua, utilizando formas verbais como “pode” em casos como:

A concordância pode ser estabelecida de palavra para palavra ou de palavra para sentido. A concordância de *palavra* para *palavra* será *total* ou *parcial* (também chamada *atrativa*), conforme se leve em conta a totalidade ou o mais próximo das palavras determinadas numa série de coordenação: ‘Repeli-a, porque se me *ofereciam* vida e honra a troco de perpétua infâmia’ [AH.1, 147]. (BECHARA, 2003, p. 543).

Na seção em que comenta a concordância de palavra para palavra, Bechara lista os seguintes casos:

1. Há um só sujeito (com sujeito representado por um substantivo coletivo ou por um substantivo simples)
2. Há mais de um sujeito (“se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo”).

As seções seguintes apresentam a “concordância de palavra para sentido” e “outros casos de concordância verbal”. Esta última listando os tipos de sujeitos diversos ou levando em conta seu preenchimento ou sua relação dentro da oração. Os outros casos apresentados são:

sujeito constituído por pronomes pessoais, sujeito ligado por série aditiva enfática, sujeito ligado por *com*, sujeito ligado por *nem... nem*, sujeito ligado por *ou*, sujeito representado por expressão como *a maioria dos homens*, sujeito representado por *cada um de + plural*, concordância com o verbo *ser*, concordância com *mais de um*, concordância com *que de*, com *quais de vós*, com pronomes relativos, com verbos impessoais, com o verbo *dar* (e sinônimos) aplicado a horas, com o verbo na passiva, com locução verbal, com a expressão *não (nunca)...senão*, com títulos no plural, concordância no aposto, com *Haja vista*, com sujeito oracional e nas expressões de porcentagem. (BECHARA, 2003, p.555-566).

Gramáticas adotadas no ensino fundamental e médio como a de Ernani & Nicola (1993) discutem o assunto no capítulo intitulado *Sintaxe de Concordância* e têm postura categórica, limitando-se a apresentar as regras como a seguinte “O verbo concordará com o sujeito, mesmo que este venha fora de ordem como em *Restaram daquela remessa quarenta blocos*” (ERNANI & NICOLA, 1993, p. 184).

Ocorrem, também, explicações para a não concordância verbal como sendo uma vontade individual de se escolher a forma de singular, quando se diz “caso se queira dar maior importância” e uma espécie de concessão, como explicita a passagem:

Admite-se a concordância com o verbo no singular, caso se queira dar maior importância ao primeiro elemento do sujeito composto. Ex: O presidente com seus auxiliares desembarcou na base aérea. (ERNANI & NICOLA, 1993, p.186)

Ernani & Nicola (2003, p. 190) apresentam, no capítulo *Sintaxe da Concordância*, o estudo da concordância verbal assim definida: “Concordância é o mecanismo através do qual as palavras alteram suas terminações para se adequarem harmonicamente umas às outras na frase” e como regra geral para a concordância verbal: “O verbo e o sujeito devem concordar em número e pessoa.”

Diferem do trabalho anterior devido ao fato de iniciarem o estudo a partir de um texto, embora o texto seja usado como pretexto para o estudo da gramática

através de orações isoladas, deixando de trabalhar o texto. Os autores tentam trabalhar a concordância, a partir do texto, através do seguinte questionamento:

1. Analise a seguinte frase e delimite as orações, assinale os verbos e seus respectivos sujeitos; “A imagem do satélite meteorológico mostra o céu encoberto por nuvens, no Sudeste e no Sul do Brasil, e áreas de instabilidade que causam chuva, fraca e moderada, nessas regiões”.
2. A partir do exercício anterior e sabendo que a harmonia entre o verbo e seu sujeito é sempre procurada, que regra básica poderia ser determinada com relação á concordância verbal?”(ERNANI & NICOLA, 2003, p. 191).

Cereja & Magalhães (1999), em sua *Gramática Reflexiva*, iniciam o estudo sobre Concordância verbal e nominal com um texto, também com o propósito de desenvolver a lingüística textual, fazendo questionamento como:

Observe que alguns versos do poema estão no singular e outros, no plural:

- a) Identifique o sujeito das formas verbais *são, preferem, frutificam e copulam*, respectivamente.
- b) Identificar os sujeitos da forma verbal, empregada no 2^o e no 6^o versos
- c) Como conclusão, explique por que algumas formas verbais foram empregadas na 3^a pessoa do singular e outras, na 3^a pessoa do plural.(CEREJA & MAGALHÃES, 1999, p.333)

Tufano (1995) aborda a concordância verbal da seguinte forma: “O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa. Exemplos: Ela ficou em casa, Nós fizemos o trabalho” (TUFANO, 1995, p. 162). O autor levanta oito casos com o sujeito simples e onze casos com o sujeito composto, repetindo as situações já vistas em outros gramáticos. Como o livro é destinado a estudantes, apresenta exercícios estruturais, solicitando flexão e preenchimento de lacunas.

3.2 GRAMÁTICA E ENSINO

Há, também, autores que não se limitam a descrever o estágio atual da língua, mas apresentam propostas para o ensino, como Travaglia:

A proposta é também trabalhar a gramática numa perspectiva formal mais ampla, na dimensão do funcionamento textual-discursivo dos

elementos da língua, uma vez que a língua funciona em textos que atuam em situações específicas de interação comunicativa e não em palavras e frases isoladas e abstraídas de qualquer situação ou contexto de comunicação. A perspectiva textual tem a possibilidade de fazer com que a gramática seja flagrada em seu funcionamento, evidenciando que a gramática é a própria língua em uso. (TRAVAGLIA, 2000, p. 109)

Mesmo nesses casos, os autores seguem parcialmente a abordagem tradicional, modificada por comentários ou demonstração de mais liberalidade a respeito das estruturas lingüísticas e, no caso, da aceitação de formas alternativas para a concordância verbal, discutindo os contextos lingüísticos em que os verbos ocorreram ou procurando explicações extralingüísticas, mesmo não se admitindo sociolingüistas, como explicita Perini ao definir concordância verbal:

Tradicionalmente, entende-se a concordância verbal como um sistema de condições de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado das orações. Por exemplo, na oração: Minhas sobrinhas ganharam um cavalo. (PERINI, 1998, p. 186)

Perini se posiciona, ainda, da seguinte forma:

Tive o cuidado de qualificar de 'tradicional' a concepção de concordância verbal como sistema de harmonização entre o sujeito e o núcleo do predicado da oração; isso porque, como o leitor verá a seguir, a análise que ofereço desse fenômeno é muito diferente. Para resumir-la em algumas palavras, sustento que não existe propriamente o fenômeno da violação da concordância verbal. (PERINI, 1998, p. 187).

Neves (2003) discute o tratamento escolar da gramática e como se deve proceder o estudo da língua: sempre focalizando os usos lingüísticos. A autora destaca a função da escola como espaço destinado à orientação do "bom uso" lingüístico e apresenta as bases da gramática a ser ensinada na escola:

A partir das reflexões desenvolvidas, ficam assentadas como base para o trabalho de proposição de uma gramática que possa ser operacionalizada na escola, indicações como:

- a. O falante de uma língua natural é competente para, ativando esquemas cognitivos, produzir enunciados de sua língua, independentemente de qualquer estudo prévio de regras de gramática.

- b. O estudo da língua materna representa, acima de tudo, a explicitação reflexiva do uso de uma língua particular historicamente inserida, via pela qual se chega à explicitação do próprio funcionamento da linguagem.
- c. A disciplina escolar gramatical não pode reduzir-se a uma atividade de encaixamento em moldes que dispensem as ocorrências naturais e ignorem zonas de imprecisão ou de oscilação, inerentes à natureza viva da língua (NEVES, 2003, p.19).

Com referência à Gramática Tradicional, Possenti (2008) destaca dois casos de concordância verbal que a gramática não valoriza. “Um é o do **sujeito posposto**, outro, o do verbo **distante** do (núcleo) sujeito com o qual deveria concordar”.

Analisando a postura dos gramáticos, o autor comenta que a unanimidade entre eles é com relação à concordância do verbo com um dos elementos do sujeito composto (o elemento mais próximo) quando o sujeito estiver posposto, apresentado o exemplo clássico: *“Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão”*. Cita exemplos extraídos de Cunha e Cintra (1985):

- “Que te seja propício o astro e a flor...”
- “Habita-me o espaço e a solidão”.

Em todos os exemplos apresentados, Possenti destaca o verbo no singular, justificando sua concordância com um dos elementos do sujeito composto (sempre o mais próximo) e não com os dois elementos e ir para o plural.

Possenti chama a atenção para esses casos que permitem compreender um fenômeno cada vez mais freqüente: posição vazia do sujeito. A observação é feita com os exemplos extraídos de Cunha e Cintra (1985), acrescidos de outros, retirados de jornais brasileiros:

- **Faltou** na vida de Althusser algumas noites que o inspirassem...(Fernando Gabeira, Folha de S.Paulo, 01/04/1992).
- O receio é que **possa ocorrer** problemas administrativos... (Folha de S.Paulo, 21/09/1992)
- “Não é possível **ser oferecido** quase cem vagas a menos do que as existentes... (Correio Popular, 03/07/20023)

- Já no primeiro semestre de 2003, **deverá ter início** as eliminatórias... (Folha de S.Paulo, 05/07/2002).

Confrontando os exemplos das gramáticas com os exemplos dos jornais, observa-se que o verbo está no singular em todos os casos, tendo o sujeito composto e posposto, nos exemplos das gramáticas e plural (mas não composto), nos exemplos dos jornais.

Possenti postula que o verbo não concorda com o elemento mais próximo do sujeito composto como preconiza a gramática tradicional. Para ele, o verbo não concorda com nada, devido ao fato de a posição típica do sujeito estar vazia (antes do verbo). As orações são interpretadas como orações sem sujeito e a regra, neste caso, é: quando não há sujeito, o verbo vai para a 3ª pessoa do singular como em exemplos com verbos impessoais. A hipótese se torna ainda mais interessante se considerarmos os casos em que, de fato, os verbos não têm sujeito, o caso dos verbos impessoais:

- **Chove** *muito no verão.*
- **Neva** *no inverno.*
- **Venta** *nas noites de tempestade.*
- **Há** *muitas pessoas na praça.*
- **Faz dez anos que saiu.** ”

(POSSENTI, 2008, p.41)

Para Possenti (2008), nos exemplos analisados, a regra é a mesma: quando não há de fato um sujeito e quando parece que não há sujeito, Possenti atribui a consistência dessa hipótese ao fato de a concordância ser um fenômeno exclusivamente sintático, dependendo, portanto, do termo posposto, o sujeito, do ponto de vista semântico ou pragmático.

Possenti faz referência também à distância do sujeito em relação ao verbo, além da posição desse na oração: antes ou depois do verbo. Cita Bechara (1999, p. 555).

Se houver, entretanto, distância suficiente entre o sujeito e o verbo e se quiser acentuar a idéia de plural do coletivo, não repugnam à sensibilidade do escritor exemplo(s) com o(s) seguinte(s): Começou então o povo a alborotar-se e pegando do desgraçado céptico o

arrastaram até o meio do rossio e aí o assassinaram, e queimaram com incrível presteza. (ALEXANDRE HERCULANO)”.

Possenti admite que não se tem como saber se o autor deseja acentuar a idéia de plural, deixando claro que, quando está presente uma palavra coletiva, o verbo fica no singular, quando o sujeito está próximo e, no plural, quando o sujeito está distante.

3.3 A VISÃO DOS SOCIOLINGÜISTAS

Entre os estudos sobre a concordância verbal a partir de uma perspectiva variacionista destacam-se alguns trabalhos que têm servido de suporte para estudos do fenômeno:

Competências Básicas do Português foi um trabalho desenvolvido por Lemle & Naro (1977) e é considerado um marco nos estudos sociolingüísticos no Brasil. Lemle & Naro estudaram a fala de 20 falantes adultos em processo de alfabetização do Rio de Janeiro, numa pesquisa encomendada pelo MOBRAL, cuja finalidade era a de levantar subsídios para o ensino da língua para os estudantes de nível social mais baixo. Os vinte informantes que cursavam o MOBRAL²⁰ estavam assim distribuídos: 9 mulheres e 11 homens, sendo 6 informantes com mais de 40 anos e 14 com menos de 30. Foram realizadas 7 entrevistas com cada informante (perfazendo um total de 140 entrevistas gravadas e transcritas grafematicamente) com a finalidade de se medir até que ponto o grau de formalidade interfere na aplicação da regra de concordância verbal.

Os grupos de fatores lingüísticos controlados na pesquisa foram:

1. estilística (grau de formalidade da entrevista);
2. posicional (posição do sujeito em relação ao verbo);
3. semântica (sujeito definido ou indefinido);

²⁰ MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, Fundação vinculada ao Ministério da Educação, criada em 1967, com a finalidade de executar o Plano de Alfabetização funcional e Educação continuada de Adolescentes e Adultos. Foi extinto em 1986, com a implementação de um programa de regionalização das políticas da alfabetização.

4. morfológico (diferenciação fônica entre as formas verbais de singular e plural).

Foram considerados mais relevantes, neste estudo, o fator morfológico (saliência fônica) e o fator posicional (posição do sujeito).

Naro (1981) estudou, também, os mesmos mobralenses do Rio de Janeiro, utilizando os dados de *Competências Básicas do Português*, incluindo novas variáveis sociais e estabelecendo modificações na categorização morfológica. Para Naro (1981), as marcas de flexão de terceira pessoa de plural dos verbos no português do Brasil estão em processo de desaparecimento. O estudo concluiu que as variantes populares ocorrem com mais freqüência na fala da população menos favorecida e as variantes da língua padrão, na fala dos mais favorecidos. Todos os estudantes do MOBREAL observados na pesquisa eram analfabetos vindos de classes menos favorecidas. Todos os informantes nasceram no Rio de Janeiro, ou lá se estabeleceram desde crianças. Os informantes estavam assim constituídos: 9 homens distribuídos em duas faixas etárias (16 a 20 anos e 37 a 54 anos); 8 mulheres distribuídas em duas faixas etárias (15 a 26 anos e 43 a 45 anos).

Naro (1981) observou, ainda, a influência da mídia na fala dos mobralenses (informantes que acompanhavam as novelas e os que não acompanhavam), concluindo que aqueles que assistiam mais programas televisivos tendiam a aplicar mais a regra de concordância que os demais. Segundo Naro (1981), na década de 80, os entrevistados assistiam pouco à televisão, limitavam-se a assistir programas de variedades. Eram poucos os que assistiam a novelas, provavelmente, devido à dificuldade que tinham em entender o conteúdo das histórias narradas. A mídia é vista, portanto, como um aspecto condicionador da aplicação da regra de concordância verbal. São os meios de comunicação influenciando o comportamento lingüístico do falante. Além disso, Naro aponta, neste estudo, a variação dessas regras utilizadas pelos mobralenses como uma mudança lenta a caminho da perda de regras de concordância por parte dos falantes de uma modalidade lingüística mais simplificada.

Os principais resultados encontrados por Naro (1981) são:

- Saliência fônica:

Os níveis de saliência fônica são crescentes conforme aumenta a diferença fônica entre as formas de singular e de plural. E os falantes tenderiam a fazer mais a concordância, com as formas mais salientes, como se pode ver na tabela seguinte:

Não-acentuadas	Forma verbal	P.R.
classe a	Come-comem	.11
classe b	Fala-falam	.26
classe c	Faz-fazem	.35
Acentuadas	Forma verbal	Freqüência
classe a	Dá-dão	.68
classe b	Comeu-comeram	.78
classe c	Falou-falaram,	.85

Figura 5 – Saliência Fônica (NARO,1981, p.77)

Os resultados do estudo de Naro revelaram uma variável escalar (Cf, NARO e SCHERRE, 1999), com a freqüência de aplicação da regra de concordância subindo de forma consistente a cada nível da escala da saliência fônica.

- Posição do sujeito:

A variável posicional, em Naro (1981), mostra que quanto mais o sujeito se distancia do verbo ou dele esteja separado ou posposto, a concordância tende a reduzir.

Realização e posição do sujeito	Exemplos	Peso Relativo
Imediatamente anteposto	Eles falam	.71
Não imediatamente anteposto	Eles ... falam	.41
Posposto	Falam eles	.24
Não-realizado	... falam	.65

Figura 6 – Posição do Sujeito. (NARO, 1981, p.80)

Com o sujeito imediatamente anteposto existe maior probabilidade de se aplicar a regra de concordância verbal, cujo peso relativo foi de **(.71)**, **(.65)** para o sujeito não-realizado, **(.41)** para o sujeito anteposto com algum elemento interveniente e **(.24)** para o sujeito posposto.

Mota (1979) estudou a concordância verbal em adolescentes de Salvador, constatando que a aplicação da regra de concordância está fortemente condicionada aos anos de escolarização dos falantes estudados, isto é, à medida que os estudantes observados tinham mais anos de estudo, estes demonstravam maior aplicação da regra de concordância. Mota trabalhou com fatores extralingüísticos: sexo, idade e escolarização e com fatores lingüísticos (morfológico, estilístico, posicional e constituição do sujeito). Foram analisados dois grupos de adolescentes com características sociais semelhantes, mas diferentes quanto à escolarização. O primeiro grupo era constituído por adolescentes semi-analfabetos e o segundo por adolescentes concluintes da oitava série do Ensino Fundamental. O grupo de menor escolaridade apresentou menor aplicação da regra de concordância verbal que os estudantes da oitava série. A autora destaca o grupo de fatores *constituição do sujeito* em que a aplicação da regra, considerando-se a saliência fônica, foi muito semelhante nos dois grupos. Conclui que a regra de concordância verbal é uma regra variável e que sua freqüência de aplicação está relacionada ao nível sócio-econômico dos falantes analisados. Atribui à escola a influência na aplicação das marcas verbais e descarta qualquer processo de mudança em curso.

Nina (1980) analisou a concordância nominal e verbal na fala de informantes rurais analfabetos de dez municípios do interior do Estado do Pará, tendo constituído uma amostra de 47 horas de entrevistas livres. Em sua análise, a autora chegou aos seguintes resultados para a concordância verbal, segundo a variável faixa etária: os informantes mais velhos (53 a 65 anos) fizeram 33,79% de concordância; os adultos (36 a 45 anos) atingiram 42,33% de aplicação da regra de concordância verbal e os mais jovens (20 a 29 anos) fizeram 61,14% de concordância verbal. Os jovens exibem os maiores níveis de aplicação da regra e apontam para uma mudança no sentido da implementação do uso da concordância no português popular rural do Estado do Pará, aproximando-se dos padrões da fala urbana culta.

Nicolau (1984) analisou a ausência de concordância verbal entre o verbo e o sujeito de terceira pessoa do plural (3PP), na fala de 32 pessoas de Belo Horizonte (MG), com 1 a 11 anos de escolarização, considerando quatro grupos de fatores lingüísticos (estrutura morfológica da forma verbal, ambiente fonológico que sucede ao verbo, constituição no SN sujeito e posição do SN sujeito na frase; e quatro grupos de fatores extralingüísticos (faixa etária, sexo, grupo social e estilo de fala). A ausência de concordância se manifestou mais entre os adultos do que entre os jovens e os homens apresentaram mais ausência de concordância verbal do que as mulheres. Com relação ao grupo de fatores lingüísticos, destaca a influência da posição do sujeito em relação ao verbo e a saliência fônica. A autora considerou em seu trabalho que a variação de concordância entre o verbo e o sujeito de 3PP é influenciada pela idade, pelo sexo e pelo estilo de fala, caracterizando-se como uma variação estável.

A concordância verbal de primeira e de terceira pessoas do plural é analisada por Rodrigues (1987), que utilizou dados coletados de 40 informantes residentes em favelas da periferia de São Paulo. Estes informantes tinham procedências geográficas diferentes e, além de analfabetos, havia outros informantes que cursaram o primeiro grau.

Rodrigues (1987), estudando o efeito da saliência fônica na concordância verbal, obteve os seguintes resultados que correspondem à não-concordância e comprovam o grande valor da saliência fônica nesse estudo.

Fatores	P. R.
Fala-falam	.93
Faz-fazem	.77
Dá-dão	.35
Falou-falaram	.34
Fez-fizeram	.26
É-são	.20

Figura 7 – Saliência Fônica.(RODRIGUES, 1987, p.167)

Graciosa (1991), em sua Dissertação Mestrado, analisou a concordância verbal de número, realizada por meio do morfema de plural **-m** (3ª pessoa do plural), com os dados levantados da fala de 18 informantes universitários, pertencentes ao projeto NURC/RJ. Essa pesquisa revelou um nível de variação muito baixo (em torno de cinco pontos percentuais) para falantes urbanos com alto grau de escolaridade.

Monguilhott (2001) estudou a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de Florianópolis, seguindo os pressupostos teóricos da sociolingüística paramétrica e analisando a hipótese de que a concordância verbal está condicionada por fatores lingüísticos e sociais. Os resultados obtidos por Monguilhott comprovam a hipótese analisada e apontam para um quadro de variação estável, não havendo, portanto, indícios de mudança em tempo aparente.

Gonçalves (2007) analisou a variável lingüística constituída da presença e da ausência da concordância entre o verbo e o sujeito da terceira pessoa do plural em Braúnas, Vale do Rio Doce, Minas Gerais. A variável analisada, estava condicionada por grupos de fatores lingüísticos (constituição morfológica da forma verbal e posição do sujeito em relação ao verbo) e extralingüísticos (faixa etária, sexo). Para a autora, a ausência de concordância verbal é a opção preferida dos falantes tanto da área rural quanto da área urbana, em qualquer nível de escolaridade. Os resultados obtidos apontaram a relevância da constituição morfológica da forma verbal, da posição do sujeito em relação ao verbo, da procedência geográfica e da faixa etária, em relação à ausência de concordância verbal da fala investigada. Entre os fatores que favorecem a ausência de concordância entre o verbo e seu sujeito

estão os verbos regulares, o sujeito posposto, a informação da área rural e os informantes com idade superior a 63 anos.

Gregory Guy (1981), a partir de dados de Naro (1981), aponta que não há perda de concordância, mas um processo de aquisição. Descreve o português brasileiro como possuidor de duas formas verbais distintas: o eu (para a primeira pessoa) e o não-eu (para as demais pessoas do discurso). Utilizando critérios semelhantes aos de Naro (1981), observou as variáveis lingüísticas:

1. posição do sujeito em relação ao verbo,
2. pluralização do sujeito,
3. saliência fônica

Utilizou, também, três fatores extra-lingüísticos:

1. o estilo do discurso (casual ou cuidado);
2. o gênero (homem e mulher)
3. a faixa etária (adultos, jovens adultos e adolescentes).

Nesse trabalho, observando os adolescentes que fizeram mais concordância que os adultos, Guy concluiu que os jovens estão adquirindo mais concordância como traço inovador diferentemente do que afirma Naro que a concordância estaria em extinção. Para Guy, a concordância, tanto a nominal quanto a verbal, é um fenômeno que se configura como variação estável. Guy mostra que a saliência fônica atua na aquisição da concordância e não na perda, pois, na aquisição, as formas mais salientes chamariam mais a atenção do falante que está adquirindo a regra.

Os resultados da pesquisa de Guy para a saliência fônica encontram-se na tabela seguinte. Este fator comprova as observações de Naro para os efeitos sobre a concordância verbal.

	Categoria	Percentuais	Ocorrências	P. R.
1.	come-comem	14%	894	.15
2.	fala -falam	26%	3161	.28
3.	faz -fazem	30%	481	.29
4.	dá - dão	63%	1112	.69
5.	sumiu -sumiram	66%	474	.76
6.	é - são. Falou - falaram	76%	1776	.84

Figura 8 – Saliência Fônica. (GUY, 1981, p.260.)

Loregian (1996) analisou a concordância verbal com o pronome sujeito de segunda pessoa (pronome TU) na fala de informantes de Porto Alegre, Florianópolis e Ribeirão da Ilha, utilizando dados do Projeto VARSUL.²¹ Ao todo foram 72 informantes (24 do Rio Grande do Sul; 36 de Florianópolis e 12 de Ribeirão da Ilha, sendo analisados 2100 dados). As variáveis lingüísticas trabalhadas foram:

1. o paralelismo formal no nível discursivo;
2. a explicitação do pronome;
3. o tempo verbal e a saliência fônica²²;
4. a tonicidade do verbo,
5. o número de sílabas do verbo
6. o contexto fonológico seguinte.

Dentre as variáveis sociais, foram estudadas:

1. a interação Emissor/Receptor;
2. a região;
3. o grau de escolarização;

²¹ VARSUL – Banco de dados do Projeto Variação Lingüística Urbana na Região Sul.

²² Loregian considerou as variáveis Tempo Verbal e Saliência Fônica como sendo parcialmente sobrepostas, isto é, a Saliência fônica só foi selecionada como estatisticamente relevante em rodadas em que se excluísse o Tempo Verbal. Já o Tempo Verbal foi selecionado como estatisticamente relevante em todas as rodadas.

4. a faixa etária
5. e o sexo.

Os tempos verbais mais favorecedores da aplicação da regra de concordância verbal, nesta pesquisa, foram: pretérito perfeito do indicativo, o mais saliente, com **(.92)**, pretérito imperfeito **(.54)**, presente do indicativo **(.51)**, futuro do subjuntivo **(.27)**, presente do subjuntivo **(.32)** e infinitivo pessoal **(.03)**.

Os principais resultados encontrados foram: a escolarização mostrando o esperado (mais escolaridade, mais aplicação da regra), a faixa etária mostrando os jovens deixando de fazer a concordância e os mais velhos fazendo mais concordância. Entre os homens e as mulheres, os homens fazem mais concordância que estas. Nesta pesquisa, a autora constatou que a concordância verbal foi favorecida por diferentes variáveis, tais como: paralelismo formal no nível discursivo, tempo verbal, explicitação do pronome sujeito, interação emissor/receptor, tonicidade do verbo e números de sílabas do verbo.

Escolarização:

- 1) Primário **.38**
- 2) Ginásio **.49**
- 3) Superior **.60**

Loregian (1996, p. 97)

Faixa Etária:

- 1) 15 a 24 anos **.44**
- 2) 25 a 49 anos **.45**
- 3) acima de 50 anos **.60**

Loregian (1996, p. 99)

Sexo/ gênero

- 1) Homens **..52**
- 2) Mulheres **.49**

Loregian (1996, p. 101)

Scherre e Naro (1997) analisaram a situação da concordância verbal no Brasil e em Portugal. Para eles, os dialetos não-padrão do Português do Brasil apresentam fenômenos de concordância variável, cuja origem suscita controvérsias. Há exemplos de concordância variável de número verbo-sujeito, entre os elementos do sintagma nominal e no sintagma predicativo (NARO, 1981; NARO & SCHERRE, 1991):

(1) Concordância variável de número verbo/sujeito:

eles ganhaM demais da conta;
eles ganha demais.

(2) Concordância variável de número entre os elementos do sintagma nominal:

oS fregueSeS; as boaS açõES; aS codorna; aS porta aberta;
essaS estradaS nova, do meuS paiS.

(3) Concordância variável de número no sintagma predicativo:

as coisas tãO muito caras, né?
as coisa ta cara.

Naro e Scherre (1991) fazem esta prospecção para demonstrar que o fenômeno da variação na concordância não é exclusivo do PB, sendo registrado também em variedades populares do PE. Com isso, reforçam a sua hipótese de que a variação da concordância no português é o resultado de uma deriva secular da língua, e não um reflexo do contato do português com as línguas indígenas e africanas ocorrido no Brasil.

Fazem um retrospecto das evidências históricas de como o português europeu perdeu a concordância explícita da época pré-latina ao português pré-clássico. Houve a perda do –s final e da nasalização (tanto no latim como em línguas mais antigas das quais o português foi derivado). Para Naro e Scherre, o fenômeno da concordância variável no Brasil tem dois componentes: um fonológico (anterior) e um morfológico (posterior).

Em pesquisa realizada em Portugal (setembro e outubro de 1995), Naro e Scherre, apesar de lingüistas e pesquisadores da dialectologia portuguesa afirmarem que as regras de concordância são sempre categóricas em Portugal e

usadas por falantes de todos os níveis de escolarização, inclusive pelos analfabetos, observaram duas exceções²³:

- 1) uso variável de desinências verbais com **a gente**: a gente fala ou a gente falamos. (NASCIMENTO, 1987, 264-266).
- 2) Uso variável do –s final em algumas regiões de Portugal, perto de Andaluzia. (SARAMAGO, 1994).

Exemplos:

- 1) *era* (3ª sing.) *duas, três sardinha*
éramos (1ª pl.) *três, quatro homis, né?*
eru (3ª pl.) *os pixeru logo*
- 2) *são* (3ª pl.) *cinco camaradas*
É (3ª sing.) *duas partes pru dono e uma pa cada um da gente.*
- 3) *mas, minha senhora, pescadas e linguado nunca lá falto*
 (sing.) *a eles.*
- 4) a. falante do Distrito da Guarda (Nave de Haver), norte de Portugal:
nabiças pequena
os vivo
 b. falante de Alenquer, perto de Lisboa:
três ou quatro mil quilo
 c. falante de Pavia, Centro-Sul de Portugal:
umas pouca
uns limõe

Pelos exemplos levantados, Scherre e Naro (2007) concluíram que a variação na concordância não é um fenômeno exclusivamente brasileiro na gramática sincrônica do português moderno e partem para um estudo da concordância verbal em textos antigos do português europeu que também apresentam falta de concordância. Essas ocorrências são vistas como erros dos copistas ou de pesquisadores modernos, que, no momento da edição dos textos para publicação, alteravam as formas verbais do singular para o plural em contextos plurais. (MATTOS e SILVA, 1998).

²³ Os exemplos fazem parte da pesquisa realizada por Naro e Scherre em setembro/outubro de 2007, em Portugal.

Naro e Scherre (2007) estudaram oito textos pré-clássicos:

1. *Com privilegio Del Rey Nosso señor* (BOOSCO DELEYTOSO, 1515)
2. *O Preste Joam das Índias* (ALUAREZ, 1540)
3. *Cronica Geral de Espanha de 1344* (CINTRA, 1954)
4. *Alphonse X* (FERREIRA, 1980)
5. *Cronica del Rey Dom João I* (LOPES, 1968)
6. *A demanda do Santo Graal* (MAGNE, 1955)
7. *Quatro livros dos diálogos de São Gregório* (MATTOS e SILVA, 1971)
8. *Vida e feitos de Júlio César* (MIRA MATEUS, 1970)

e encontrando 235 ocorrências de formas verbais na 3^a pessoa do singular em ambientes em que a norma exigiria a 3^a pessoa do plural. A proporção de dados sem concordância varia de acordo com o texto, mas não ultrapassando 1% .

Exemplos extraídos de textos portugueses antigos (Naro e Scherre, 2007):

- 1) *mas DAVA* (3^a sg.) *lhe gram torva as portas çarradas* (Mira Mateus, 1970: 244, cxxxix)
- 2) *a todos aqueles que se fazem* (3^a pl.) *afora de carreira do pecado e TORNA* (3^a sg.) *a dereita carreira* (Magne, 1955:xxi, 160, 223)
- 3) *Entom os parentes OUVE* (3^a sg.) *conselho e confessaron* (3^a pl.) (Mattos e Silva, 1971: 554)
- 4) *aqueles que, da gente d'Alexandria, REINOU* (3^a SG.) *no Egipto* (Mira Matheus, 1970: 554)

Os 235 dados encontrados em textos do português medieval por Naro e Scherre, e que não apresentaram concordância foram codificados juntamente com 639 dados de concordância plural (de uma amostra aleatória) e submetidas ao programa de regra variável e foram obtidos os seguintes resultados:

CATEGORIA	N	PESO RELATIVO
- saliente	204	0,33
+ saliente	31	0,75

Figura 9 – Saliência Fônica no Português Medieval.

(NARO e SCHERRE, 2007)

Os pesquisadores confrontaram esses dados com os obtidos nos estudos realizados com falantes analfabetos (NARO e SCHERRE, 1996), verificando que os verbos menos salientes apresentam pesos relativos “essencialmente os mesmos”, mostrando que os fatores que controlam a variação no português medieval são os mesmos que controlam a variação no português moderno. Naro e Scherre ainda codificaram fatores para a distância de sujeitos antepostos e confrontaram falantes analfabetos (NARO, 1981) e alfabetizados (NARO e SCHERRE 1996), concluindo que, à medida que o sujeito se distancia do verbo, este tem menos probabilidade de receber as marcas de plural.

Outro fator estudado por Naro e Scherre (2007) foi o traço [+ humano] e [- humano] do sujeito, com mais aplicação da regra no caso de sujeitos plurais humanos, como se observa na tabela:

CATEGORIA	N	PESO RELATIVO
humano	148	0,58
não-humano	87	0,27

Figura 10 – Caracterização semântica do sujeito no português medieval.(NARO e SCHERRE, 2007)

O procedimento de confrontar os dados do português medieval com dados da língua moderna falada no Rio de Janeiro confirmaram que os sujeitos [+ humanos] plurais são mais prováveis de provocar marcas de concordância plural do que os sujeitos [- humanos].

Scherre e Naro (2007) não testaram outras variáveis aplicadas no estudo do português moderno falado no Brasil, por não encontrarem dados suficientes para observar o paralelismo lingüístico, a interveniência do QUE relativo entre o sujeito explícito da oração principal e o verbo dependente. Eles apontam esses resultados

como fundamentais para a comprovação da concordância variável tanto no PE falado hoje quanto no PE medieval, que apresenta as mesmas marcas encontradas no português moderno falado no Brasil. Seria, portanto, para Naro e Scherre, uma questão de grau e não de tipo. Estas observações seriam determinantes para eles não aceitarem uma possível crioulização no português brasileiro.

Naro e Scherre (2007) ressaltam que os traços estruturais que condicionam a variação da concordância no português do Brasil já estavam presentes no seu início, mudando, apenas, a frequência de uso. (NARO & SCHERRE, 2007, p. 69)

Mattos e Silva (1998) faz uma retomada dos posicionamentos de Naro, Scherre e Guy a respeito da concordância verbal e apresenta seus resultados para o estudo da concordância verbo-nominal facultativa no português arcaico. Analisando o português contemporâneo, a autora comenta que o padrão culto (no português brasileiro) prevê concordância do verbo com seu sujeito, principalmente em situações formais. O padrão de uso culto convive com outro sistema de regras facultativas que direciona a língua para a perda de marcas de concordâncias, tanto no SV quanto no SN: característica da fala informal de falantes cultos e principalmente das falas populares. O PB se apresenta em situações extremas: concordância total x falta de concordância. Já o PE mantém um conjunto de regras categóricas. A divergência sintática entre as duas variedades tem explicações nas histórias de cada uma.

Segundo a autora, sociolinguistas de orientação laboviana têm estudado a concordância verbal no PB: Naro, Guy e Scherre que chegaram a conclusões diferentes, conforme informações a seguir:

- a) A. Naro (1981), estudando a CV em falantes não alfabetizados do MOBREAL, propõe que no PB a variação da regra de CV caminha para uma mudança lenta de perdas das regras.
- b) G. Guy (1986) estudou a CV e a CN, utilizando o mesmo *corpus* de Naro e defende que o PB passa por uma variação estável, não ocorrendo mudança.
- c) M. Scherre (1988), em sua tese de doutorado, analisando dados do MOBREAL e do Censo Lingüístico do Rio de Janeiro, defende o fenômeno da concordância como variação estável (para falantes não humildes e de alta concordância e mudança (perda das marcas de concordância por falantes humildes e de baixa concordância).

As interpretações divergentes (mudança ou variação estável) decorrem das teorias e métodos utilizados por cada pesquisador:

Defendida por Guy, a aprendizagem das regras de concordância verbal se dá a partir dos contextos mais salientes; Naro defende a perda das marcas de CV como um fenômeno natural que se inicia pelos contextos menos salientes, embora admita que a mudança no sentido de aquisição pode iniciar-se pelos contextos mais salientes, Scherre e Naro discordam quanto à descrioulização do PB por considerarem que não há evidências suficientes e Scherre discorda de Naro quanto à mudança lenta da perda das marcas flexionais do verbo e defende a variação estável.

Há, entretanto, entre eles um consenso: acreditam na existência de um processo de aquisição da regra por falantes que não a realizam, se expostos aos meios que difundem as regras, principalmente a escola e os meios de comunicação.

Mattos e Silva (1998) aponta o fato de o PB ser uma língua de tópico, sendo esta uma característica marcante do PB em oposição ao PE: no PB – perda da morfologia verbal e no PE – manutenção das regras de concordância.

O PE ainda carece do estudo de suas variantes orais, tanto nas formas regionais quanto de falantes pouco escolarizados. No PE, há poucos estudos de base sociolingüística. Há documentação da variação na primeira pessoa do plural e da falta de concordância do pronome com seu referente, como atestam os exemplos:

- *“Ah, a gente não tivemos festa, andamos de luto”* (CASTELEIRO, 1975, p. 65).
- *“há certos trabalhos que mulheres não o podem fazer”.* (FARIA & DUARTE, 1989, p. 24)

A autora propõe uma volta ao passado remoto do português europeu e brasileiro em busca de informação histórica que possa fornecer elementos para explicar a realidade atual da concordância no português europeu e, sobretudo, no brasileiro. Esse retorno ao passado tem como resultado o estudo da concordância verbo-nominal facultativa no período arcaico. Segundo a autora, as gramáticas históricas do português não tratam da concordância, porque não abordam a sintaxe, exceção a Joseph Huber (1986) – Gramática do português arcaico que destaca a situação em que sujeito e verbo não concordam como nos exemplos:

- a) predicado no singular:
(1) *E por esta guisa morreo o lobo e a raposa*
- b) predicado no singular com sujeitos sinônimos:
(2) *A enjuria e vergonça non he d'aquell que rrecebe, mays he d'aquelle que a fez.*
- c) Sujeito no singular com significação plural:
(3) *...se ajuntaron deante Santo Antonio tamanha multídom.*
(4) *Toda a cristayndade está ã grã coyta.*
- d) Predicado no singular com sujeito no plural;
(5) *e hi morreo grandes gentes*

Huber (1986) atesta a concordância não regular com sujeito composto, com sujeito plural posposto, sujeito composto de sinônimos antepostos e pospostos e sujeito coletivo.

Mattos e Silva (1998) chama a atenção para os fatores que interferem na concordância: tipo de sujeito e posição do sujeito em relação ao verbo. A tradição da filologia portuguesa refere-se a estes estudos, apontados por Huber, como “concordâncias anômalas”, “concordâncias defeituosas” ou como “particularidades”.

Mattos e Silva (1998) desenvolve uma análise descritiva sobre a versão trecentista dos “Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório” e verifica que as observações de Huber sobre a CV se confirmam, bem como a distância do sujeito em relação ao verbo e não apenas a posposição interferia na regra geral.

Com base em Naro (1981, p. 91) – desnasalização da vogal final no período arcaico – Mattos e Silva foi verificar se o tipo morfológico do verbo interferia na concordância. A perda da nasalidade foi constatada, mas, segundo a pesquisadora, pode ter sido um lapso de escrita medieval. O verbo no singular ocorre em situações em que o verbo era mais saliente, isto é, mais complexo que a nasalidade característica da terceira pessoa do plural.

Observa-se a não-concordância na versão trecentista dos Diálogos de São Gregório (DSG), nos seguintes casos²⁴:

- a) com sujeito simples/verbo no plural (contrariando a regra geral)
(6) *A maldade dos que fican no mundo mereceron que aqueles que poderian... 3.37.98.*
(7) *Ca a homildade grande do homen bõõ, que queria que seus bõõs feitos sejam ascondudos, esto deven a querer... 1.17.31*

²⁴ Os exemplos fazem parte da pesquisa de Mattos e Silva (1998)

- b) com sujeito composto/verbo no singular ou plural
- (8) *E aos braados veo o bispo e todos aqueles 1.19.8.*
- (9) O sabor do luxurioso e o prazer he vermen e fedor 4.34.18*
- (10) A mancebia e o deleite son cousas vãs 4.4.21.*
- (11) Ei razon de me creceren lagrimas e door e choro e amargura 1.1.22.*
- (12) E pelas moradas dalgũs a que tangia a nevoa e o fedor 4.39.15.*

Ocorre a variação também em estruturas com sujeito composto de parassinônimos, mas representados pelo relativo (em oração encaixada) como nos exemplos:

- (13) *A névoa e o fedor que do rio recudia 4.34.15*
- (14) *E pelas moradas daqueles outros a que non podia atanger a nevoa e o fedor que do rio recudian 4.34.19.*
- c) com sujeito coletivo/verbo no singular ou plural
- (15) *E todo o poboo se ajuntou 3.12.17*
- (16) *Nen er ficou gente nen hũa 3.9.15*
- (17) *Toda aquela companha dos spiritos maaos desapareceu 3.8.11*
- (18) *Ídolo a que o poboo sandeu de toda aquela terra fazian honra come a Deus 2.8.44*
- (19) *Muita gente que primeiramente oraran os ídolos 2.19.2*
- (20) *Todo o poboo que enton era naquela cidade 3.12.13*
- (21) *Companha grande dos lombardos que veeron veer a morte do santo 3.37.65*
- (22) *Gente dos lombardos que era mui cruevil usou de toda sua crueza 3.37.123*

Em (23) e (34) o verbo mais próximo está no singular e os mais distantes estão no plural;

(23) *E mandou que toda a outra gente que soia andar com el que fossen com el e levassen boas vestiduras 2.14.7*

(24) *E a gente muita que estava na eigreja e querian fugir e non avian per u e temian que durasse ali tanto aquela água que morresem de fame e de sede e bevian daquela água 3.2..9.*

Mattos e Silva (1998)²⁵ aponta dois fatores como mais favorecedores da não aplicação da regra de concordância: um de natureza semântica (dupla interpretação semântica do sujeito coletivo e do sujeito sinônimo); outro de natureza sintática (a maior distância do sujeito em relação ao verbo).

Os novos textos analisados foram escolhidos em função das suas edições que, não sendo edições críticas, teriam menor interferência dos editores, principalmente no tocante à nasalidade assinalada graficamente pelo <->, colocando-o ou retirando-o. Foram observadas as seguintes ocorrências:

- a) Vida de Santo Aleixo – um caso

(25) E o poboo todo não curava deste aver 153 ro.,1.8

- b) Livro das Aves e a Vida de Santos:

- Sujeito composto:

(26) ca todo conhecer e todo mover não pode seer sen Deus LA, X, 16- 17.

(27) sua m̃acibya e sua fremosura o tornava em pouco siso e em vaydade deste segre VS, 124r §1

(28) gram sabor e grande honrra he seer na companhia dos angos VS, 135v §100

- Sujeito posposto:

(29) Ca as metes e as vontades... não lhes pode queymar fogo de cobiiça nem caentura de luxuria LA, XXIX, 2-5

- Sujeito composto parassinônimos:

(30) ...per razõ d'algũu deleyto ou de prazer que e eles queira aver LA, IV, 24-25

- Distância do sujeito em relação ao verbo:

²⁵ A autora estendeu a análise feita nos DSG a outros documentos:

- O Livro das Aves (ROSSI et alii, 1965);
- Vidas de Santos (CASTRO et alii, 1982-83);
- Cópias do Scriptorum alcobacense (séc. XIV ou XV);
- A Vida de Santo Aleixo (ALLEN JÚNIOR, 1953 / fim do séc. XIV começo do séc. XV).

(34) *Em na boca daquella besta eram grandes chammas de fogo que sayam pella garganta della e queimava as almas* VS 126v §20

(35) *Ay dos mizquinhos que em este breve tempo se envolvem e nos bês temporaes, os quaes nô somente tira mygua aos seos posoidores mais*

Fazendo uma retomada ao passado, Mattos e Silva (1998) chama a atenção para a concordância no latim falado. Este tinha mais concordância ad sensum que o latim culto (MAURER JUNIOR, 1959, p. 93-94), principalmente com sujeito coletivo e sujeito composto com a preposição cum. Isto ocorre no primeiro período documentado do português, quando o português arcaico apresentava escrita mais próxima da fala e precede ao período em que o português se tornou normatizado. O primeiro gramático normativo português – João de Barros (1540) – aponta a concordância verbal como categórica, apesar da concordância facultativa documentada no período medieval.

Mattos e Silva (1998) cita J.S. Barbosa (1886) que afirma: “todo verbo da proposição concorda em número e em pessoa com o sujeito” (p. 245) e refere-se à silepse de número, com sujeitos coletivos e com sujeitos representados por “um e outro”. O português europeu e o português brasileiro continuam regidos pela normatividade na concordância verbal, merecendo revisão a fala brasileira.

No Brasil, Naro (1986) aponta uma convergência de motivos para perda das marcas de concordância: desenvolvimento interno natural da língua; comportamento pidginizante da parte do europeu; aprendizagem imperfeita pelos falantes de diversas bagagens lingüísticas. Apesar da desnasalização apontada por Naro, Mattos e Silva (1998) faz referência aos estudos de Clarinda Maia (1986, p. 740) que, nos 168 documentos seriados do séc. XIII ao séc. XVI, só havia um caso de desnasalização (recebera por receberam), podendo ter sido erro de copista. A autora defende os fatores semânticos (alargados no português arcaico) e fatores sintáticos como os que atuaram antes da desnasalização atribuída por Naro. Estas razões bem como as razões de ordem fônica precisam ser pesquisadas para se entender a mudança por que passa o português falado no Brasil, tanto o culto como o não culto. (MATTOS e SILVA, p.174)

Souza (2005) analisou a concordância verbal no português arcaico²⁶, tendo como um de seus objetivos contribuir para a reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro. A análise da variação da concordância verbal no português arcaico (1ª fase séc. XII e XIV) toma como ponto de partida as análises de Joseph Huber ([1933] 1986) em sua Gramática do português antigo. Souza levanta e comenta exemplos apresentados por Huber (1986), visando explicar os textos analisados em sua pesquisa que se pautou nas seguintes variáveis:

- a) presença e posição do sujeito em relação ao verbo;
- b) paralelismo discursivo (marcas precedentes em verbos que ocorrem em série);
- c) natureza do complemento verbal;
- d) presença e posição de marcas plurais nos núcleos do sujeito composto;
- e) natureza da coordenação (e, ou, nem);
- f) presença de nomes próprios nos núcleos do sujeito composto;
- g) parassinonímia dos elementos coordenados;
- h) saliência fônica da oposição singular/plural nos verbos analisados;
- i) eventuais marcas de plural do complemento, quando o sujeito é complexo. (SOUZA, 2005, p.35)

Com relação às variáveis estudadas pelo autor, destaca-se para estudo a variável lingüística tipo de verbo (dividida em cinco fatores):

- a) transitivos (selecionam argumentos externo e interno);
 - b) inacusativos ou ergativos (selecionou um argumento interno, gerado na posição de complemento do verbo, embora não seja possível atribuir se é caso acusativo);
 - c) inergativos (selecionam um argumento externo, figurando na posição de especificador do verbo e, conseqüentemente, desempenhando o papel de agente da ação verbal);
 - d) cópula (selecionam uma *smal clause*);
 - e) auxiliares / modais.
- (SOUZA, 2005, p.60)

²⁶ SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. *A Concordância Verbal em Português: o que nos revela o período arcaico*. Dissertação de Mestrado, UFBA (2005). Orientadora Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva.

Sua preocupação era a de observar o comportamento dos tipos de verbos de modo geral, destacando-se o estudo dos verbos inacusativos e dos inergativos (na perspectiva tradicional, intransitivos).

Os verbos inacusativos selecionam sujeitos que compartilham propriedades semânticas com os objetos diretos dos verbos transitivos diretos e por isso, apresenta-se a hipótese de que ocorram menos marcas de flexão nesses verbos, pois o falante é levado a analisar o sujeito da sentença como objeto direto. Com os verbos inergativos, a expectativa é de que estes recebam mais marcas flexionais. (SOUZA, 2005, p.61).

A variável tipo de verbo, no trabalho de Souza (2005), foi a primeira selecionada pelo VARBRUL, com os seguintes resultados:

FATOR	FREQÜÊNCIA	PESO RELATIVO
transitivo	2.954 / 3.091 96%	.45
inacusativo ou ergativo	134 / 228 59%	.09
inergativo	1.154 / 1.190 97%	.62
modal / auxiliar	505 / 537 94%	.40
cópula	836 / 855 98%	.71

Figura 11 - Tabela – variável tipo de verbo. (SOUZA, 2005, p.71)

4 A TEORIA

Ao longo deste capítulo, são discutidos aspectos relativos à variação e à mudança lingüística, através do modelo proposto por Labov (2008), a Sociolinguística Variacionista.

Com o surgimento da Sociolingüística, na década de 1960, a Lingüística passa a fazer questionamentos que relacionam a mudança aos grupos sociais de cada comunidade lingüística. Neste momento, fica estabelecida a relação entre a história social de uma comunidade de fala e os mecanismos lingüísticos utilizados por seus falantes. As línguas só existem através de seus usuários (o povo) e a história desse povo determina a história dessa língua, na identidade dessa comunidade lingüística.

A teoria da Sociolingüística Variacionista representa um grande marco para a lingüística do século XX. A Sociolingüística estuda a língua em sua comunidade de fala e verifica que a mudança faz parte do funcionamento da língua. A teoria estabeleceu pressupostos que foram apresentados em Weinreich, Labov e Herzog (2006). A partir dos estudos sobre a variação entre ditongos na comunidade da ilha de Martha's Vineyard, em 1963, e estudos sobre a estratificação social do /r/ nas grandes lojas de departamento da cidade de Nova York, em 1966. Labov mostra a relação existente entre as variáveis lingüísticas e as variáveis sociais. Com os dados coletados, ele efetua uma abordagem sistemática, faz cruzamento desses dados e os interpreta a partir de programas estatísticos. A teoria laboviana ganha, portanto, o nome de Sociolingüística Quantitativa ou Teoria da Variação e Mudança.

A sociolingüística estuda a fala viva em situação real e observa fatos lingüísticos com o objetivo de explicar a variação lingüística. Considera a heterogeneidade lingüística natural, ordenada e comum às línguas. Segundo Labov (2008), os falantes escolhem suas variantes pela identificação com seu grupo social, faixa etária e sexo/gênero. A variação é entendida como um fenômeno estruturado e regular, relacionado a aspectos lingüísticos e sociais. Para efetuar um estudo sociolingüístico, deve-se levar em conta a comunidade de fala e não a língua. Entende-se por comunidade de fala um conjunto de falantes que compartilham um mesmo sistema de valores lingüísticos, avaliando positivamente ou negativamente as variantes presentes nos padrões coletivos de comportamento lingüístico dentro

da comunidade. Para esse modelo teórico-metodológico, as pessoas de uma comunidade de fala não precisam falar exatamente igual, mas sim compartilhar traços lingüísticos que distinguem seu grupo de outros. Silva-Corvalán (2001) apresenta o seguinte conceito de comunidade de fala:

os membros de uma comunidade de fala compartilham as regras que regulam a conduta lingüística em diferentes situações (p. 7)

apesar das dificuldades associadas para uma definição exata de comunidade, este conceito tem sido usado como marco de referência espacial e social em sociolingüística. (SILVA-CORVALÁN, p. 115)

Como o que interessa ao pesquisador é a fala viva, espontânea, isto é, o vernáculo, alguns cuidados devem ser tomados para que os seus objetivos sejam plenamente alcançados, a começar pela escolha da comunidade de fala, da seleção dos informantes e da forma como vai se proceder a entrevista.

Tarallo (2002) define vernáculo como:

Essa língua é o veículo lingüístico de comunicação face à face. É a língua que usamos em nossos lares, ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos, corredores e pátios de escolas, longe da tutela dos professores. (TARALLO, 2002, p. 19)

Para Alkimim (2001) comunidade de fala é:

um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos lingüísticos. Em outras palavras, uma comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um conjunto de regras. (ALKIMIN, 2001, p.31)

É sabido que os meios empregados na coleta dos dados às vezes interferem nos próprios dados. A entrevista deve ser bem planejada, podendo o pesquisador optar por diálogo, elocução formal, informal, narrativas, relatos de experiências etc., estando a escolha subordinada a seus interesses, às suas hipóteses. A seleção da amostra deve registrar dados que sejam representativos. O tamanho da amostra deve levar em conta não só o tipo de variável a ser descrita, mas também o número de categorias ou células. O objetivo da conversação gravada é a de se obter uma

amostra de fala despreocupada, natural e que seja mais próxima possível da fala vernácula do cotidiano. (SILVA-CORVALÁN, 2001, p.52).

Uma língua pode sofrer mudanças em qualquer parte, isto é, pode mudar em diversos aspectos: fonéticos, semânticos e pragmáticos, além de aspectos morfológicos e sintáticos. As mudanças também podem ocorrer no campo lexical. O nível de estudo mais abordado na análise das línguas é o fonético-fonológico. A sociolingüística teve, no seu surgimento, diversos trabalhos no campo da fonologia, mas, atualmente, já existem muitos trabalhos de abordagem, tanto morfológica, quanto sintática.

A mudança lingüística se dá de forma contínua e ininterrupta. Toda mudança resulta de um longo processo histórico e faz a língua de uma época ser diferente em outra época. As mudanças só não vão ocorrer se as línguas deixarem de ser faladas (se seus falantes desaparecerem, por exemplo). Só o desaparecimento total de uma língua pode interromper sua trajetória histórica. O Latim, apesar de não ser mais falado daquela forma por nenhuma sociedade, continua sendo falado de forma diferente, pelas sociedades que falam as línguas românicas, de origem latina. O fluxo histórico do Latim não foi interrompido, resultando no surgimento de outras línguas faladas por outros povos em novas sociedades.

A mudança se caracteriza por ser lenta e gradual, nunca ocorrendo abruptamente. Ela aparece inicialmente como um traço característico de um grupo de falantes e nesse momento não chama a atenção dos demais falantes da comunidade. À proporção que essa mudança avança dentro do grupo, podendo também se difundir para fora, ela afeta primeiramente os grupos sociais que são mais próximos do grupo em que começou a mudança e, em seguida, se generaliza em diversos sentidos, atingindo, inclusive, novos grupos sociais que entram ou que se formam na comunidade. Ela atinge a língua por partes e nunca de vez, na sua totalidade. As formas variantes, como sabemos, convivem por muito tempo até uma se tornar vitoriosa e fazer a outra ser considerada arcaica. A mudança é também regular, como afirma Naro:

De fato, as mudanças lingüísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões. Nos eixos sociais, por exemplo, os falantes mais velhos costumam preservar as formas mais antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão

social normalizadora, a exemplo do sexo feminino, de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público. e mesmo uma única pessoa pode escolher uma forma mais conservadora numa situação formal, preferindo outra forma mais atual em conversa informal.(NARO, 2003, p.43)

A influência exercida por forças externas foi observada por Silva (2008) em estudo realizado na comunidade de Cinzento. Silva discute de que modo as pressões externas em uma comunidade podem conduzir seus habitantes a uma mudança lingüística. Segundo ele, os jovens da comunidade quilombola de Cinzento passaram a adquirir a regra de concordância por influência das cidades e, desse modo, se distanciam dos falantes mais velhos, que fazem pouca concordância (6%). Sobre essa situação, Silva comenta:

é no campo da concordância que podemos vislumbrar algumas mudanças em curso da variante do português popular de Cinzento, já que estruturas da língua padrão (concordância canônica) estão sendo aprendidas pelas novas gerações. A mola propulsora de tais mudanças em curso é um conjunto de pressões externas de caráter urbanizador. Pressões desse tipo levariam os moradores de uma comunidade rural a ver as influências das cidades como algo benéfico, mas aplicável com maior intensidade aos mais jovens, desejosos de não perpetuarem os valores atávicos herdados.(SILVA, 2008, p.4)

As mudanças lingüísticas não ocorrem sem rumo. Quando um processo lingüístico se inicia, há regularidade e generalidade na seqüência. Com relação a esta questão, Faraco nos esclarece que:

Além disso, as mudanças atingem sempre partes e não o todo da língua, o que significa que a história das línguas se vai fazendo num complexo jogo de mutação e permanência, reforçando aquela imagem antes estática do que dinâmica que os falantes têm de sua língua. (FARACO, 2005, p.15)

Segundo Labov, o processo de mudança lingüística se dá em três etapas:

“Na sua *origem*, uma mudança é uma das inúmeras variações ao uso de algumas pessoas. Na sua *propagação*, a mudança é adotada por números tão amplos de falantes que ela passa a contrastar com a forma mais antiga ao longo de uma ampla frente de interação social, no seu *término*, a mudança alcança regularidade pela eliminação de variantes concorrentes”. (LABOV, 2008, p. 152)

4.1 A SOCIOLINGÜÍSTICA LABOVIANA

Segundo Silva-Corvalán (2001), a sociolingüística em sentido lato “pode ser definida como o estudo daqueles fenômenos lingüísticos que têm relação com fatores do tipo social. Esses fatores incluem os diferentes sistemas de organização política, econômica, social ou geográfica de uma comunidade, fatores individuais que têm repercussões sobre a organização social em geral, como a idade, o sexo e o nível de educação, a etnia do indivíduo, aspectos históricos, a situação imediata que rodeia a interação; em uma palavra, o que se chama o contexto externo em que ocorrem os fatos lingüísticos”; e, em sentido estrito, disciplina que “estuda a língua em seu contexto social e se preocupa essencialmente em explicar a variabilidade lingüística, sua interrelação com fatores sociais e o papel que esta variabilidade desempenha nos processos de mudança lingüística”.(SILVA-CORVALÁN, 2001, p.1)

A Sociolingüística Variacionista revolucionou o estudo da mudança lingüística através do conceito de mudança em progresso, contrariando teorias anteriores que defendiam que a mudança lingüística não podia ser estudada durante o processo e, sim, após ter sido efetivada. Ao invés de analisar o resultado do processo através do qual uma forma é substituída por outra, a Sociolingüística analisa o processo de implementação da mudança como um processo de variação entre formas concorrentes, observado em uma sincronia. Os estudos de Labov (2008) comprovaram que se pode identificar a mudança em progresso de uma língua, através da observação das faixas etárias, o que ele definiu como o estudo da mudança em tempo aparente. Essa perspectiva de entender a mudança veio superar a dicotomia saussuriana sincronia/diacronia, para a qual a mudança só poderia ser observada na história da língua, isto é, em sua diacronia. (FARACO, 2005, p. 62)

Por outro lado, para se estudar a mudança, tornou-se necessário considerar os fatores externos que interferem na mudança. Os fatores sociais utilizados por Labov são idade, sexo/gênero, classe social ou escolaridade, estilo e etnia. A variação é entendida também como relacionada a um sistema de valores através do qual os membros de uma comunidade de fala avaliam socialmente o comportamento lingüístico dos indivíduos, no que se definiu como o problema da avaliação (*evaluation problem*). Labov comenta que as variáveis mais próximas da estrutura

superficial freqüentemente são foco da avaliação social, principalmente se levamos em consideração que valores sociais só são atribuídos a regras lingüísticas quando ocorre variação e os falantes têm dificuldade em aceitar de imediato o fato de que duas expressões diferentes tenham o mesmo significado (LABOV, 2008, p. 290). No âmbito do problema da avaliação, distinguem-se também dois processos: um que se dá “*de cima para baixo*” e “*de fora para dentro*” e outro que se dá “*de baixo para cima*” e “*dentro para fora*”; trata-se da divergência de valores dentro de uma comunidade de fala.

Silva (2008) observou como as pressões externas influenciaram os jovens da comunidade quilombola de Cinzento. Os contatos entre duas ou mais comunidades podem influenciar um grupo de falantes na mudança de seus hábitos lingüísticos. A concordância verbal é vista por ele como um traço inovador entre os habitantes mais jovens da comunidade de Cinzento. Os jovens são mais uma vez os introdutores de uma mudança lingüística em uma comunidade:

Nas comunidades afro-descendentes isoladas, como verificou nossa pesquisa, a concordância é um traço inovador e tal inovação é fruto do contato com outros grupos (contato adjacente fruto das relações de parceria com as comunidades vizinhas) e das pressões externas exercidas pelo ir-e-vir de membros de outras comunidades (padres, missionários, agentes de saúde, professores, pesquisadores, engenheiros) bem como pelas pressões dos aparatos urbanizadores (idas ao comércio, participação de atividades em grupos religiosos). Todas essas situações podem explicar como a língua portuguesa popular do Brasil assumiu na concordância traços que a diferenciam da matriz lusitana, já que em terras brasileiras os negros escravizados simplificaram o sistema flexional a fim de usá-la na comunicação referencial. (SILVA, 2008, p.5-6)

Sobre essas pressões Labov (2008) comenta:

As pressões vindas de baixo operam sobre sistemas lingüísticos inteiros, em resposta a motivações sociais que são relativamente obscuras e, mesmo assim, têm a maior importância para a evolução geral da língua. (LABOV, 2008, p.152)

A sociedade que detém o poder define as normas de prestígio e as impõe à comunidade (é a imposição de cima para baixo). Como movimento de baixo para cima, há um processo de difusão de uma variável dentro de um ou mais de um grupo social, que passa a utilizar essa variável inovadora após esse processo de

difusão. Essas mudanças aparecem, primeiramente, na modalidade vernácula e são resultado do efeito de fatores lingüísticos internos. O grupo social não tem consciência dessas mudanças, pelo menos das etapas iniciais e intermediárias. A influência do padrão é mais observada entre os falantes das classes alta e média. (SILVA-CORVALÁN, 2001, p. 345)

No modelo variacionista, não é possível compreender o desenvolvimento de uma mudança lingüística fora da estrutura social da comunidade na qual ela ocorre. Labov esclarece que a mudança é o processo de modificação por que passam as línguas e não o resultado deste processo. Ao se estudar o referido processo, analisa-se, de imediato, o caráter heterogêneo dos sistemas lingüísticos. Essa heterogeneidade é regida por fatores internos e externos à língua que, desse modo, é analisada como um sistema heterogêneo, porém organizado, isto é, “a língua passa a ser concebida como uma estrutura inerentemente variável e a *variação livre* como passível de descrição sistemática, em função de restrições lingüísticas e não-lingüísticas” (SCHERRE & NARO, 1997, p. 94).

Quando em uma sociedade coexistem formas distintas usadas pelos falantes para expressar a mesma coisa, dizemos que essas formas são variantes; elas têm o mesmo valor referencial, carregam a mesma informação, têm o mesmo valor de verdade. Deve-se, contudo, levar em conta as situações em que essas variantes são empregadas: seriam formas preferidas por falantes mais jovens em oposição aos mais velhos? Diferenças em relação ao gênero ou a escolha estariam condicionada pela classe social? A mudança lingüística envolve um distúrbio da relação significado x forma; assim, os signos não significam a mesma coisa para as pessoas afetadas pela mudança, como para outras pessoas não afetadas – ou as pessoas mais velhas na mesma comunidade e pessoas da mesma idade em comunidades vizinhas. O resultado é a perda de compreensão entre dialetos e, por último, a ininteligibilidade mútua.

Silva-Corvalán (2001, p.129-132) comenta que o êxito dos estudos de variação fonológica aplicando-se os métodos labovianos e as técnicas da análise quantitativa desenvolvidas por Labov (1972) e por Sankoff (1988) motivou os sociolingüistas a aplicarem as mesmas técnicas e métodos de análise a casos de variação sintática. A noção de variável sintática não se assemelha à da variável fonológica por vários motivos: há menos variação sintática que fonológica em uma

variedade determinada de língua; uma variável sintática tem geralmente duas variantes, enquanto que uma variável fonológica tem quase sempre mais de três. A variação sintática é mais difícil de se estudar e de se quantificar devido à pouca frequência com que se dão os contextos de ocorrência de uma determinada variante. Discute-se ainda o problema das possíveis diferenças de significados de acordo com a ordem das palavras e os destaques provenientes da ordem dos constituintes na frase. Essas diferenças entre as variáveis sintáticas e morfológicas permitiram a Lavandera (1978) declarar inadequada a extensão do conceito de variável sociolingüística, além do nível fonológico, devido, principalmente, à carência de uma teoria do significado que pudesse servir de marco teórico aos estudos quantitativos da variação morfológica, sintática e lexical.

Quanto à questão da definição de variável lingüística, Tagliamonte (2006, p.70) aponta ser a variável lingüística a peça mais importante na análise lingüística e questiona a definição de Labov “duas ou mais maneiras de se dizer a mesma coisa”. Labov (1972, p. 271), ao falar de variáveis, ressalta que “as variantes são idênticas quanto a seu valor referencial, mas se opõem quanto ao significado social e/ou estilístico”.

Daí o questionamento de Tagliamonte (2006) para a definição proposta por Labov para variável lingüística. Para a autora, torna-se, portanto, necessário definir o contexto do significado e se verificar a relação entre forma e função lingüística como no caso das estruturas passivas e das construções do tempo futuro (*will* e *goin to*, no inglês e *estudarei* e *vou estudar*, no português) que apresentam efeitos de sentido diferentes.

Uma variável lingüística é mais complexa que duas maneiras de se dizer a mesma coisa. Ela precisa ter as seguintes características:

- 1) sinônimo ou aproximadamente sinônimo;
- 2) encaixamento estrutural, isto é, envolvida nas relações estruturais com outros elementos do sistema lingüístico e correlação com os fenômenos lingüísticos e/ou sociais. (TAGLIAMONTE, 2006, p.76)

Tagliamonte (2006) assegura que duas formas não podem ter o mesmo significado, mas, na prática, podem ser usadas alternadamente em alguns contextos, mesmo tendo significados diferentes em outros. A autora aponta dois níveis de significados:

- 1) significado compreensível que leva em consideração toda a inferência possível;
- 2) significado como é usado no discurso da comunidade.

Um número de critérios tem guiado o lingüista na escolha da melhor variável. Para se verificar se a variável é boa, devem-se estabelecer os seguintes critérios:

- 1) equivalência funcional das variantes;
- 2) distribuição e implementação estrutural.

Deve-se, portanto, observar esses critérios no estudo da mudança lingüística através do comportamento dos falantes dentro de uma comunidade. A análise dos integrantes de uma comunidade permite que se faça o estudo do tempo aparente (LABOV, 1994).

Ao lado do estudo em *tempo aparente*, Labov (1994) refere-se ao estudo em *tempo real* de curta duração – aquele que analisa a mudança entre duas gerações distintas. O estudo em tempo real pode ser feito pelo estudo de painel, com a recontato dos mesmos informantes em outro período de tempo. Anos mais tarde, se retorna à mesma comunidade, seguindo-se os mesmos procedimentos quanto à escolha da população e das amostras. De posse dos dados, faz-se a análise da mesma maneira. Busca-se, então, descobrir alguma mudança em seu comportamento, submetendo-os aos mesmos questionários aplicados nas entrevistas realizadas. O espaço de tempo entre duas sincronias não deve ultrapassar vinte anos, para que não haja dificuldades desses informantes colaborarem com o grupo de pesquisadores, perderem o interesse, mudarem de cidade ou, até mesmo, terem morrido. Outra possibilidade de pesquisa é o estudo de tendência, quando são contactados outros informantes com as mesmas características daqueles estudados anteriormente. O estudo em tempo real é fundamental para se observar se a mudança prevista em tempo aparente se realizou, se ainda está em curso ou se a variação atestada, anteriormente, está estável, evidenciando, apenas, uma gradação geracional.

Com o estudo das faixas etárias, tem-se, também, a possibilidade de se elucidar fatos da história da língua e, dessa forma, os dados do presente podem explicar o passado. Assim, o estudo da mudança em progresso em uma sincronia,

através de diferentes gerações, pode demonstrar uma variação estável, com a ocorrência de variantes, sem evidenciar mudança em progresso ou uma mudança que vai ocorrendo e estabelecendo diferenças lingüísticas significativas em duas ou mais gerações.

Segundo Labov (1994), a correlação dos dados em *tempo aparente* com os dados em *tempo real* torna possível reconstruir a cronologia dos vários momentos da vida dos indivíduos e correlacionar essa cronologia com as características sociolingüísticas de cada momento. O estudo da mudança toma também como base a análise da fala de indivíduos de sexos diferentes. Segundo Labov (1981), os homens, em situação de variação estável, usam formas da linguagem não padrão em freqüências mais altas que as mulheres, que geralmente são mais inovadoras com relação à mudança lingüística, em direção às variantes de prestígio. As mulheres têm ainda um papel muito importante na transmissão da língua para seus filhos, influenciando-os na aquisição de formas lingüísticas que definem a fala dessas crianças. Sobre esse aspecto, Paiva (2003) afirma que:

Muitos dos papéis tradicionalmente atribuídos à mulher lhe exigem uma conduta irrepreensível. Um exemplo emblemático é a sua responsabilidade na educação dos filhos. Tomando para si a carga de transmissão de normas de comportamento, dentre eles o lingüístico, a mulher se vê na contingência de apresentar-se como modelo (PAIVA, 2003, p. 40)

Outro fator importante e favorecedor da variação ou da mudança lingüística é a escolarização do falante. Estudos atestam que, em caso de mudanças, os falantes mais escolarizados preferem as formas socialmente mais valorizadas, rejeitando as formas ditas populares. A escola tem, portanto, um papel muito forte na conservação da língua, pressionando os indivíduos a utilizarem variantes padrão. As classes sociais mais altas preferem as formas de maior prestígio social, as mais valorizadas socialmente, enquanto as classes sociais mais baixas utilizam as formas de menor prestígio, as formas estigmatizadas socialmente.

Através de sua metodologia matematicamente quantificada, a objetividade da sociolingüística permite definir um fato em variação como variação estável na comunidade, ou como mudança em início de implementação ou mudança em fase de conclusão. A variação e a mudança são, portanto, os objetos centrais da sociolingüística. Um estudo de base sociolingüística define, dessa forma, a variável a

ser trabalhada, o número de variantes, os contextos lingüísticos para, através da quantificação, medir os valores dessas variantes. É preciso, também, escolher seguramente os informantes, levando em conta fatores extra-lingüísticos como idade, escolaridade e gênero para garantir a qualidade dos resultados obtidos no estudo. Assim, pode-se perceber as tendências de mudanças que podem estar presentes em uma língua. A rigorosa metodologia é também utilizada para dar conta da variação sincrônica das línguas e para dar conta da mudança lingüística no “*tempo aparente*”, artifício metodológico que reflete o dinamismo sincrônico existente na vida de toda comunidade lingüística. Este estudo compara a fala dos membros de uma comunidade estratificados de acordo com a idade, as variações são interpretadas como mudança em curso, porque se pressupõe que os padrões lingüísticos de uma pessoa são estabelecidos na adolescência e estas se mantêm mais ou menos estáveis durante toda a sua vida. Sobre o assunto, Naro (2003) diz que:

Sob a hipótese clássica, o estado atual da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade,. Assim, a fala de uma pessoa de 60 anos hoje representa a língua de quarenta e cinco anos atrás, enquanto outra pessoa com 40 anos hoje nos revela a língua de há apenas vinte e cinco anos. A escala em tempo aparente, obtida através do estudo de falantes de idades diferentes, é chamada de “gradação etária. (NARO, 2003, p. 44-45)

Esta gradação etária corresponde sempre sob a hipótese clássica, a uma escala de mudança em tempo real. Essas escalas podem ser esquematizadas da seguinte maneira:

Idade atual (em anos)	Estado da língua (anos atrás)
70	35
60	45
50	35
40	25

Figura 12 – Gradação etária. (NARO, 2003, p. 45)

Para a Sociolingüística, a mudança pode ser percebida na sincronia, observando-se, para isto, a variação entre formas concorrentes; conclui-se, dessa forma, que a mudança depende da variação. Quando formas lingüísticas variantes

estão competindo entre si, se uma substitui a outra, diz-se que ocorreu mudança; se elas concorrem, mas se mantêm na fala daquela comunidade, diz-se que elas estão em variação. No primeiro caso, quando uma forma variante predomina sobre a outra e pode provocar seu desaparecimento, ocorre o que se define como “*mudança em curso*”; no segundo caso, as formas variantes se mantêm concorrendo entre si na língua, ocorre o que se denomina de “*variação estável*”. Nos dois casos, os fatores sociais são primordiais para a definição das referidas situações. (NARO, 2003, p. 44-45)

Podem-se considerar dois tipos de variação lingüística: a variação decorrente de questões sociais e a variação estilística. A primeira resulta de questões sociais, distinguindo classes sociais (alta, média, operária, baixa). A segunda é a variação observada na fala de um indivíduo, considerando-se a situação em que este se encontra; trata-se da fala espontânea, da fala normal, da leitura de textos ou de pares mínimos, de acordo com os tipos de registro feitos na pesquisa. (NARO, 2003)

4.2 VARIAÇÃO E MUDANÇA

Com Labov (1972) surge uma nova abordagem nos estudos dos fenômenos lingüísticos que leva em conta a língua situada num contexto social e falada por uma comunidade ou grupo social. Os estudos passaram, então, a focalizar as formas variantes da língua, isto é, formas alternativas para alguns fenômenos lingüísticos, procurando-se apresentar as explicações permitidas pela própria estrutura da língua e pelos fatores extra-lingüísticos e de que forma eles atuam. Os estudos sociolingüísticos demonstram que há regularidade na variação, sendo ela previsível e sistemática.

É com Labov (1972), portanto, que surge o conceito de regra variável, diferenciando-se da lingüística formal que se refere a regras categóricas. Uma regra variável, além de estar sujeita à interferência de fatores lingüísticos e fatores sociais, é também analisada do ponto de vista da sua freqüência de uso. A língua observada em situação real, isto é, num contexto social, falada por uma comunidade, não se apresenta de forma homogênea, como era pretendido por lingüistas como Saussure e Chomsky. É com Labov (1972) que o conceito de variação adquire sua mais alta formalização, quando este tem como objetivo mostrar que a língua tem uma

estrutura heterogênea, justamente por ser falada por uma comunidade heterogênea, isto é, definida por diferentes grupos sociais. Desse modo, os estudos sociolingüísticos privilegiam as formas variantes em detrimento das regularidades. Acrescente-se que estas variações são permitidas pela própria língua e motivadas também por forças externas. Para Labov existem regularidades nestas variações que ocorrem de forma sistemática e previsível.

Segundo a sociolingüística, o único meio de se chegar a uma teoria concreta da mudança é observar de que modo se processa a mudança na diacronia. “As línguas humanas não constituem realidades; ao contrário, sua configuração estrutural se altera continuamente no tempo” (FARACO, 2005, p.14). O estudo da mudança passa, inicialmente, pela análise das variantes lingüísticas, colocando-as em correlação com as variantes sociais para se observar como e em que direção a mudança está ocorrendo. Mussa (1991, p. 87) esquematiza o caminho para a mudança dentro da teoria laboviana:

- i) surge uma variável não sistemática num dado grupo social ou contexto estilístico, não percebida como tal pelos falantes;
- ii) a variável passa a ser característica de um grupo ou contexto de emprego, passando nesse momento a ter um “valor” subsistêmico na consciência lingüística dos falantes;
- iii) as pressões sociais que afetam esse grupo ou contexto direcionam a mudança, que pode ser estendida a outros grupos ou contextos.

Um processo de mudança lingüística pode resultar na instalação de formas prestigiadas socialmente ou estigmatizadas (não aceitas socialmente pelos padrões lingüísticos vigentes). Em geral, as mulheres lideram esse processo, como já se disse, quando a variante é prestigiada. Quando se trata de variante desprestigiada, normalmente os homens lideram o processo.

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, como no caso da pronúncia retroflexa em Nova York, as mulheres tendem a assumir a liderança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança do processo.(PAIVA, 2003, p.36)

As mulheres parecem ser mais sensíveis à escolarização que os homens, isto é, demonstram os efeitos da escolarização de forma mais acentuada que os homens. Paiva (2003, p.35) aponta um aspecto de comportamento dos dois grupos como determinante dessa diferença: as mulheres seriam mais aplicadas que os homens e se interessam em ser as melhores alunas, enquanto os homens demonstram interesse na escola do ponto de vista social (as brincadeiras e o contato entre os colegas). Além disso, a identificação social é mais forte entre os homens que mantêm as variantes não padrão, procurando se identificar com um determinado grupo, o que não ocorre com as mulheres. Esta conduta trata-se do fenômeno chamado de “prestígio encoberto”. PAIVA (2003) afirma :

De certa forma, pode-se dizer que os homens estão mais sujeitos à influência do prestígio encoberto das formas lingüísticas do que as mulheres, dado que eles possuem mais mobilidade social e maior oportunidade de participação em grupos sociais fechados. Diferentemente, as mulheres, em muitos casos mais concentradas em atividades domésticas, possuem menos oportunidades de experiências coletivas que exijam a coesão do grupo. (PAIVA, 2003, p.40)

4.3 OS CINCO PROBLEMAS PARA A MUDANÇA LINGÜÍSTICA

A Teoria da mudança proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006) estabelece cinco problemas básicos, através dos quais, pode-se explicar como e de que forma as línguas mudam. Para que a teoria da mudança lingüística se concretize, é necessário que os cinco problemas sejam devidamente satisfeitos. Com a análise desses cinco problemas, pode-se verificar de que modo as explicações sociolingüísticas avançaram em relação ao estruturalismo e que pontos ainda permanecem sem solução. Os primeiros estudos, como se sabe, se concentraram na fonologia e, portanto, só trataram de mudanças fônicas. Só posteriormente é que se iniciam os trabalhos levando em conta a variável sintática e a morfológica.

Labov discute que nem todos os cinco problemas relacionados à mudança lingüística estão relacionados ao quadro social da mudança. É difícil, por exemplo, identificar a transição entre dois estágios de mudança lingüística, uma vez que se trata de um problema lingüístico interno. Quanto ao problema do encaixamento, há

dois aspectos a se considerar: a mudança é vista como encaixada numa matriz de outras mudanças lingüísticas e também encaixada num complexo social, isto é, correlacionada com mudanças sociais. Outro ponto a se considerar é o problema da avaliação, que consiste em mostrar como os membros de uma comunidade de fala reagem à mudança em progresso e descobrir o que as formas variantes expressam. O ponto final colocado por Labov está relacionado ao problema da implementação, que procura explicar por que a mudança ocorreu num tempo e lugar e não ocorreu em outros. (LABOV, 2008, p. 328).

Portanto, as investigações a respeito da mudança lingüísticas estão ligadas aos problemas abaixo sumariados:

- **Restrição - [constraint problem]**. Consiste em determinar quais os tipos de mudança e os tipos de condições para a ocorrência da mudança são universalmente possíveis. Discute-se o problema das restrições e os condicionamentos das mudanças. Procura-se responder às perguntas: que mudanças são possíveis e que mudanças não são? Observam-se as condições que favorecem ou restringem as mudanças que podem ocorrer em uma determinada estrutura.
- **Transição - [transition problem]**. Corresponde ao caminho entre as etapas de uma mudança e constitui um problema lingüístico interno. Trata-se da necessidade de se definir o percurso da mudança, como acontece a mudança: por parte ou em um contínuo? Devem ser respondidas perguntas do tipo: Como se dá a mudança? Como se manifesta a transição na sociedade, a partir do estabelecimento de uma mudança? Como a sociedade convive com duas formas de uma língua definida para uma comunidade lingüística em momentos diferentes? Como se manifesta a transição na sociedade?
- **Encaixamento - [Embedding problem]**. Deve-se explicar como a mudança vai se inserir no sistema lingüístico, isto é, como a variável se encaixa no sistema lingüístico. Outras perguntas devem ser respondidas: como as mudanças estão encaixadas na língua e que outras mudanças se encontram associadas a elas? Que outras mudanças estão associadas a essas

mudanças e como elas se encaixam no contexto da sociedade? As questões se detêm no fato de que elas ocorrem dentro do sistema lingüístico ou no plano externo da língua – na estrutura social. São, portanto, dois ramos para se verificar o encaixamento: 1) encaixamento na estrutura lingüística; 2) encaixamento na estrutura social.

- **Avaliação** - [Evaluation problem]. Consiste em se identificar as atitudes subjetivas dos membros da comunidade frente à mudança em curso. Discute-se o papel do indivíduo frente à própria língua. Devem ser solucionadas perguntas tais como: como os membros de uma comunidade avaliam as variantes? Como os falantes reagem diante das mudanças? Eles têm consciência das mudanças? Como as mudanças podem ser avaliadas considerando seus efeitos na estrutura lingüística? O padrão institucionalizado define as formas de prestígio e isso é imposto dentro da comunidade de cima para baixo no plano social. Com o movimento de baixo para cima e de dentro para fora, temos um processo de difusão de uma determinada variante dentro de um ou mais de um grupo social. Os falantes desses grupos passam a utilizá-la, de forma mais ou menos consciente, para afirmar a sua identidade cultural.
- **Implementação** - [Actuation problem] Tem a ver com os fatores tanto lingüísticos quanto sociais que motivam a mudança. É preciso dar conta dos seguintes questionamentos: Por quê? Quando? Onde? Que fatores são responsáveis pela implementação da mudança? Por que as mudanças ocorrem em uma língua em um dado momento e não acontecem em outra com as mesmas características ou na mesma língua em outros momentos?

5 O MÉTODO

Labov (1994), ao discutir os estudos neogramáticos sobre o processo de mudança de som, que é entendido como de forma gradual e uniforme, reconhece as limitações dos pesquisadores, primeiro porque não tinham como concepção o entendimento da língua na sua heterogeneidade ordenada, como é postulado pela teoria sociolingüística, e reconhece que, para se avaliar a regularidade da variação dialetal, são necessários novos métodos. Esse autor reconhece que essa conexão feita hoje não seria possível há cem anos, pois esta depende de novas tecnologias. Novos procedimentos requerem inovações em métodos analíticos, e um tratamento matemático dos dados, tal como está previsto nos estudos sociolingüísticos quantitativos.

A Sociolingüística Variacionista se evidencia como portadora dessa nova proposta metodológica. Possui uma metodologia específica de coleta de dados em situações reais de uso, e de análise desses dados que procura correlacionar fatores externos e internos. Segue, em geral, os seguintes passos: observação da comunidade e definição de hipóteses de trabalho; seleção dos falantes; recolha dos dados; análise dos dados (identificação da variável, identificação dos contextos, codificação, quantificação e aplicação dos procedimentos estatísticos) e interpretação dos resultados, podendo haver alteração da ordem a depender das necessidades durante o desenvolvimento da pesquisa (SILVA-CORVALÁN, 2001, p.38).

Surge o problema de se definir se a fala é informal e coloquial, se o que se entende por coloquial é a fala usada entre pessoas próximas e amigas em situações naturais e não criadas artificialmente. Labov (1972) se referiu a este problema como o “*paradoxo do observador*”. O propósito da sociolingüística é descobrir as regras que definem a fala dos indivíduos, quando estes estão falando livremente e como podem ser naturais os dados obtidos de gravações, quando se tem necessidade de uma observação sistemática? Vêm, neste caso, observações tais como:

- 1) deve-se evitar que os informantes se comportem como se estivessem em uma entrevista e, sim, criar uma situação em que estes fiquem bem naturais e possam apresentar uma fala espontânea;

- 2) devem ser criadas situações em que o falante esqueça que está sendo gravado, de modo a se evitar a auto-observação e a conseqüente auto-correção, aproximando-os do estilo formal. (SILVA-CORVALÁN, 2001, p.53)

A análise dos dados requer certos procedimentos, como:

- 1) a definição da variável em estudo, a denominada variável dependente;
- 2) a determinação dos contextos de ocorrência, as variáveis independentes.

A Sociolingüística Variacionista, como modelo teórico-metodológico, tem trazido significativas contribuições à pesquisa lingüística, no estudo da variação e da mudança. Sobressai-se, sobretudo, a sua metodologia, de base empírica e precisa, porque conta com um suporte, que é a aplicação de um programa computacional, para a quantificação dos dados, e que realiza uma variedade de análises estatísticas. De acordo com Silva-Corvalán (2001, p. 38), as análises estatísticas são indispensáveis, quando se trabalha com uma grande quantidade de dados e se deseja estabelecer se as correlações aparentes entre a variável dependente e as independentes são estatisticamente significativas ou simplesmente são resultado da casualidade. A utilização da metodologia sociolingüística por outros modelos teóricos tem sido freqüente, demonstrando a sua eficácia, quando se trabalha com dados.

Os estudos baseados na Sociolingüística Variacionista pressupõem observação de uma comunidade, levantamento de hipótese, seleção de informantes, coleta, análise e interpretação de dados. Na presente pesquisa, os dados foram coletados através de gravações, entrevistas concordadas pelo entrevistado, após contato para as explicações iniciais acerca do trabalho e sua finalidade. Procurou-se criar uma situação em que o informante ficasse a vontade para que sua fala ocorresse de modo o mais natural possível. Coletados os dados e já tendo sido definido o fenômeno que ia ser objeto do estudo, passou-se para a etapa das análises, definindo-se as variáveis contextuais, isto é, que grupos de fatores lingüísticos e extra-lingüísticos foram definidos como hipóteses na realização do fenômeno em estudo.

5.1 PACOTE DE PROGRAMAS DE ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para se fazer a análise dos dados, tornou-se necessário fazer uso da codificação. Inicialmente, determinou-se a variável dependente – a concordância no sintagma verbal –, definiram-se as variáveis independentes / explanatórias ou grupos de fatores para, enfim, codificá-las e submetê-las à análise do suporte computacional²⁷, que aponta freqüência e pesos relativos, de extrema importância para a interpretação dos dados. Foi usado o pacote de programas VARBRUL²⁸, de uso específico para o estudo da variação lingüística. O programa é composto de programas, com funções distintas: o Checktok corrige os dados de entrada e gera os dados corrigidos; o Readtock efetua pequenas transformações nos dados corrigidos pelo Checktok, e gera um arquivo preparado para análise do Makecel, que recebe os dados gerados pelo Readtok, preparando-os para serem executados pelo Ivarb, Tvarb ou Varb 2000, programas que fazem a análise de regras variáveis, emitindo pesos relativos ou análises probabilísticas na forma binária. Sobre o tratamento estatístico, Scherre comenta:

uma das questões centrais da metodologia variacionista consiste em desenvolver ou definir modelos matemáticos que sejam capazes de associar adequadamente pesos relativos ou *probabilidades* aos diversos fatores de cada variável independente ou grupo de fatores, a fim de que se possa medir a influência que cada um destes fatores exerce sobre a presença de uma ou outra variante de um determinado fenômeno lingüístico ou, em outras palavras, de uma variável dependente. (SCHERRE, 1996, p. 43-44)

Para este trabalho, foram codificados oito grupos de fatores lingüísticos e quatro sociais utilizando-se uma Chave de Codificação fornecida por Lucchesi²⁹:

A etapa seguinte é a codificação dos dados com base na análise dos grupos de fatores, etapa de extrema importância para a utilização do suporte computacional

²⁷ As orientações para utilização do programa foram obtidas através de Pintzuk (1988) e Scherre (1998).

²⁸ Foi usado, após o Exame de Qualificação, o Goldvarb versão 2001 com as orientações da professora Josane de Oliveira. A versão 2001 do Goldvarb foi convertida para operar no Microsoft Windows por Robinson, Lawrence e Tagliamonte (2001).

²⁹ Essa Chave de Transcrição foi adaptada para este trabalho. Foram retirados alguns fatores que não eram pertinentes para a presente pesquisa. A codificação dos dados seguiu a simbologia apresentada na Chave de Codificação que se encontra no Anexo 6.

VARBRUL. São vários os programas que fazem parte do pacote Varbrul, com o fim específico de efetuar o estudo da variação lingüística, que processa estatisticamente os dados, apresentando o número de ocorrências dos fatores de cada variável, fornecendo ainda os percentuais e os pesos relativos de cada fator dos grupos de fatores. A análise feita pelo VARBRUL foi descrita da seguinte maneira por Lucchesi (2000):

A análise quantitativa realizada pelo VARBRUL é feita a partir da codificação de cada ocorrência da variável lingüística analisada (dita dependente) com base nos valores atribuídos aos fatores lingüísticos e sociais (denominadas variáveis independentes) previamente selecionadas pelas pesquisas e produz:

1. as freqüências de uso associadas a cada um dos valores das variáveis independentes;
2. A seleção das variáveis independentes estatisticamente relevantes;
3. O peso relativo de cada um dos valores das variáveis independentes;
4. O nível de significância dos resultados obtidos. (LUCCHESI, 2000, p. 147)

As freqüências são os primeiros resultados obtidos nas rodadas do Varbrul e representam os percentuais brutos. A análise quantitativa continua por níveis sucessivos que se definem pela escolha de uma variável independente que se combina com os resultados obtidos em diferentes níveis, até não existirem variáveis estatisticamente relevante. O resultado final da análise é expresso em pesos relativos de cada um dos valores de todas as variáveis selecionadas pelo Varbrul. Os pesos relativos são muito importantes, pois medem, numa escala de zero a 99, de cada fator sobre a variável analisada. Sobre os pesos relativos, Lucchesi comenta:

- (i) O princípio geral é o de que os valores acima de .050 indicam uma ação desfavorecedora à realização da variante em foco; os valores inferiores, uma ação desfavorecedora; sendo que os valores próximos a .050 apontariam para uma neutralidade do fator. Os resultados finais devem estar dentro da margem de segurança definido pelo nível de significância (o que lhes confere confiabilidade estatística). Ou seja, o nível de segurança dos resultados finais, bem como dos resultados de cada variável independente no momento de sua seleção, deve ser igual ou inferior a .050. (LUCCHESI, 2000, p. 147-148)

5.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

Torna-se indispensável utilizar uma amostra de dados para os trabalhos de base sociolinguística; o pesquisador, tendo definido o fenômeno a ser estudado, a variável dependente, levanta hipóteses para observá-las, através de variáveis independentes ou grupos de fatores. Deve, em seguida, selecionar os informantes a serem observados. Esta seleção deve atender as hipóteses levantadas no início do trabalho e bem representar as variáveis sociais em observação.

Foram usados, nesta pesquisa, como amostra, inquiridos do Projeto Norma Urbana Culta - NURC (década de noventa / informantes novos e informantes recontactados) e inquiridos do Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador - PEPP. A seleção dos informantes obedece aos critérios definidos para o Projeto NURC. O PEPP apresenta escolaridade e grupos etários diferentes do NURC, como podem ser verificados no quadro geral dos inquiridos (Cf. Anexo 1).

O Projeto NURC é realizado em cinco capitais brasileiras: Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre, em continuidade ao Proyecto de Estudio de la Norma Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, sendo o Brasil incluído em 1968. Esse projeto tem três grupos de inquiridos: DID (Diálogo entre informante e documentador); D2 (Diálogo entre dois informantes) e EF (Eloquções Formais). Inicialmente, a finalidade do projeto foi a de documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil. Destacam-se, ainda, os seguintes objetivos:

- 1) fazer um levantamento sistemático da modalidade culta oral;
- 2) ajustar o ensino escolar da língua a essa modalidade, de forma a propiciar um trabalho adequado às diferenças culturais e lingüísticas do país. (MOTA & ROLLEMBERG, 1994, p. 11).

Os informantes do Projeto NURC foram selecionados levando-se em consideração os seguintes requisitos:

1. Ser nascido ou residente na cidade objeto de estudo desde os cinco anos;
2. Ter vivido nela, pelo menos, durante 3/4 de sua vida;
3. Ser filho de brasileiros, preferencialmente nascidos na mesma cidade;

4. Ter recebido instrução primária, secundária e superior na própria cidade³⁰.

Existem três tipos de informantes:

1. SSA3 – informante e pais também nascidos em Salvador;
2. SSA2 - informante nascido em Salvador e o pai ou a mãe também;
3. SSA1 – só o informante nasceu em Salvador.

A partir da década de 90, o Projeto NURC passou a fazer recontato³¹ com informantes gravados na década de 70. Essas gravações estão permitindo que as pesquisas recentes possam fazer o estudo em tempo real, confrontando os mesmos informantes em duas sincronias. As gravações desses informantes recontactados são feitas com o Guia-questionário aplicado na primeira entrevista, para que estudos em todos os campos lingüísticos possam ser efetuados, inclusive os estudos semânticos e o levantamento de itens lexicais. Os questionários abordam áreas semânticas distintas, tais como: a casa, vegetais e agricultura, vestuário, cinema e televisão, transportes e viagens, vida social e diversão, alimentação, meios de transportes, o terreno, Instituições e o ensino, Sindicatos e Cooperativas, comércio exterior e política nacional, o ciclo da vida, a cidade e o comércio, educação.

A presente pesquisa analisa dados tomados das entrevistas do PEPP³² realizadas com 48 informantes estratificados em quatro faixas etárias (15 – 24 anos; 25 - 35 anos; 45 - 55 anos e acima de 65 anos) gravados em inquéritos de cerca de 40 minutos de duração, diálogo entre informante e documentador (DID), em três graus de escolarização: fundamental (até a quinta-série do primeiro grau); ensino

³⁰ Os informantes do Projeto NURC têm profissões diversas, tais como: professor universitário, pesquisador, dentista, engenheiro agrônomo, ceramista, advogado, assistente social, dentre outras.

³¹ Neste trabalho 10 inquéritos são de informantes recontactados. A equipe do PEPP teve a oportunidade de colaborar com o Projeto NURC, fazendo a gravação de 3 inquéritos: NURC011/R, NURC012/R e NURC013/R, com aplicação do questionário sobre **idades**, **terrenos** e **vestuário**, respectivamente.

³² PEPP – Programa de Estudos do Português Popular Falado de Salvador– foi constituído por Norma da Silva Lopes, Emília Helena Monteiro Portella de Souza e Constância Maria Borges de Souza para suas teses de Doutorado. O PEPP surgiu de uma idéia da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva, ao sugerir que se implementassem, nesta cidade, estudos sobre a concordância verbal e nominal, o que mais adiante se iniciou, desencadeando e exigindo dados recentes. A constituição do programa tem o apoio da Universidade do Estado da Bahia, através do Departamento de Ciências Humanas e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

médio completo e universitário (terceiro grau completo). Cada grupo foi constituído por três informantes que apresentam os mesmos requisitos exigidos no Projeto NURC, a fim de permitir melhor comparação entre as amostras.

O PEPP veio preencher uma lacuna com relação a dados recentes para novas pesquisas, conforme atesta Lopes (2000).

O PEPP, pois, pretende, além de fornecer material mais recente, objetiva exatamente suprir a falta de dados sobre o português falado pelos não-universitários. Assim, o PEPP tem como níveis de escolaridade a Primária (1 a 4 anos de estudo) e a Secundária (11 anos de estudo), daí o termo *popular*, por se saber que a massa popular, que representa a maior parte da população, está basicamente compreendida entre esses dois níveis. Ao lado do PEPP, o NURC, hoje, já tem um acervo também mais atualizado. (LOPES, 2000)

No quadro geral dos inquiridos (Cf. Anexo 1), pode-se observar a relação dos inquiridos utilizados no presente trabalho com seus informantes, distribuídos em suas respectivas faixas etárias e escolarização:

Os informantes selecionados da amostra PEPP residem em diversos bairros da cidade. Os de pouca escolaridade moram, geralmente, em regiões periféricas, o que reflete seu poder econômico; aqueles que têm nível colegial residem também em bairros distantes do centro, misturando-se entre os de pouco poder aquisitivo e os de classe média. Os informantes moram em lugares distantes do centro, em regiões que tiveram um rápido desenvolvimento populacional e que, na maioria das vezes, surgiram há pouco tempo, levando a população de baixa renda para as zonas periféricas. Alguns informantes, entre os que têm escolaridade média, moram também em bairros populares e, em bairros também habitados por pessoas de classe média. Os informantes de nível superior se concentram, em sua maioria, em áreas mais valorizadas, na chamada zona nobre da cidade.

Os informantes estão assim distribuídos:

Bairro / Escolaridade		
Fundamental	Média	Superior
Tancredo Neves (5)	Saboeiro	Graça
Mata Escura	Plataforma	Barra
Pernambués (3)	Paripe	Barra Avenida
São Caetano	Mussurunga	Jardim Apipema
Itapagipe	Narandiba	Amaralina
Sussuarana (3)	Cabula VI	Itaigara
Periperi	Lanat	Monte Serrat
Simões Filho	Baixa de Quintas	Brotas
Barra	IAPI	Matatu
Tororó	Caminho das Árvores	
Vasco da Gama	Monte Serrat	
	Boca do Rio	
	Itapagipe	

Figura 13 – Distribuição dos informantes por bairros de Salvador

Os informantes se distribuem em ocupações diversas, desde as profissões mais simples, como porteiros, serviços gerais, alfaiates, contínuos, vendedor de cafézinho, serventes e faxineiras (Nível Fundamental); instrutores de informática, motorista, contador autônomo, inspetor de alunos, motorista, porteiro, controlador de voo (Nível Médio) e professores do nível médio, arquiteto, engenheiro, professores universitários, assistente administrativo, juízes de Direito, orientadora educacional (Nível Universitário), como se pode observar nos quadros resumo dos dados cadastrais dos informantes PEPP e NURC. (Cf. Anexo 2).

Nesta pesquisa são usados, portanto, dois *corpora*: Projeto NURC (18 informantes) e PEPP (48 informantes), perfazendo um total de 66 informantes, ou seja, 66 inquéritos. Do projeto NURC/SSA, foram selecionados informantes da década de 90, isto é, informantes novos que nunca participaram do projeto e informantes retornados, aqueles que foram recontactados e que já tinham sido gravados na década de 70.

No contato com cada informante, uma ficha era preenchida com a finalidade de se ter a maior quantidade possível de dados que permitissem maior caracterização desses informantes. Da ficha apresentada, foram colhidas informações das mais variadas para traçar o perfil dos informantes, tais como: local de residência, profissão, diversões, escolaridade, amigos, regiões freqüentadas, viagens, idade, dentre outras.

Foi utilizada uma ficha cadastral para serem anotados os dados dos informantes, incluindo-se nela não dados relativos à residência, profissão, escolaridade, tipos de diversões preferidas, viagens, conhecimento de línguas estrangeiras, idade dos filhos e casamentos anteriores. (Cf. Anexo 3)

5.3 GRAVAÇÃO DOS INQUÉRITOS

Definidas as características dos informantes e estabelecidos os primeiros contatos, as gravações eram marcadas e efetivadas nos locais, às vezes determinados pelo informante e, às vezes, sugeridos pelo documentador. Desse modo, as entrevistas foram gravadas nas residências e/ou nos trabalhos dos informantes, sempre atentando para que o local permitisse tranqüilidade para a realização das gravações. Embora os informantes fossem alertados para o fato de estarem sendo gravados, procurou-se criar, durante estas gravações, uma situação bem próxima do coloquial; procurou-se criar um ambiente que possibilitasse mais coloquialismo e descontração. Visando maior espontaneidade dos informantes, as conversas versaram sobre o tema *Educação*, criando situações em que os informantes ficassem mais à vontade e contassem passagens de suas vidas³³ de modo o mais natural possível, segundo técnica adotada pela Sociolinguística.

Os informantes foram contactados previamente e lhes foi solicitado que dessem suas opiniões de modo bem livre e espontâneo a respeito do assunto estabelecido para a conversa, acrescentando que o motivo da pesquisa era colher informações sobre a educação na cidade de Salvador: *“A educação do passado em oposição à educação dos nossos dias”*. As gravações eram feitas com base em um questionário que procurava atender às diferentes faixas etárias e níveis de

³³ Os informantes agiam com bastante naturalidade quando relatavam castigos na escola, histórias interessantes ou tristes, sobre a infância, vida com os pais, sendo de muita emoção alguns desses momentos tanto para os entrevistados quanto para os entrevistadores.

escolarização. A presença do pesquisador no momento da entrevista constitui o que se denomina na literatura sociolinguística “o *paradoxo do observador*”, pois o pesquisador precisa estar presente para coletar os dados, mas precisa deixar o informante livre para falar espontaneamente. As narrativas de experiências pessoais são bastante produtivas para a fala espontânea, quanto mais o falante se envolve com a narrativa mais ele se descontraí e melhora o nível da entrevista.

Labov (2008) comenta que para superar o paradoxo do observador, o entrevistador deve fazer vários intervalos e pausas durante as gravações, para que os entrevistados não tenham a sensação de estarem em uma entrevista. Pode-se também envolver a pessoa com perguntas e assuntos que despertem emoções fortes vividas pelos informantes no passado como as narrativas produzidas pela pergunta “Você já viveu uma situação em que correu sério risco de morrer?” (LABOV, 2008, p. 245)

Seguindo a técnica laboviana, Lucchesi estabeleceu uma lista de temas para a constituição de amostras de fala vernácula nas comunidades rurais estudadas pelo Projeto Vertentes:

- (i) história da comunidade: “*a vida antigamente*”, “*os costumes dos antigos*”;
 - (ii) a infância: “*as experiências da infância*”, “*as brincadeiras*”, “*a relação com os pais*”;
 - (iii) *doenças*;
 - (iv) *morte na família*;
 - (v) *emigração*;
 - (vi) *festas locais*;
 - (vii) *elementos da cultura musical*;
 - (viii) *festas religiosas*;
 - (ix) *intervenções exteriores*;
 - (x) *relações pessoais e de parentesco*;
 - (xi) *casamentos e namoros*;
 - (xii) *experiência de vida fora da comunidade*;
 - (xiii) *a lavoura*;
 - (xiv) *narrativas populares*.
- (LUCCHESI e ARAUJO, 2004)

A definição do tema é de grande importância para a condução dos trabalhos. A respeito dos temas, Lucchesi e Araújo (2004) comentam:

a definição do leque de temas deve ser feita a partir de cada realidade. Assim, em primeiro lugar, o pesquisador deve colher o máximo de informações sobre a história da comunidade estudada, além de estar bastante sensível no curso da

interação para identificar os temas mais produtivos naquele contexto. O tema da escravidão, por exemplo, que se mostrou bastante produtivo em Helvécia, resultou nulo em Rio de Contas. Isso se deve a um provável pacto de silêncio que se firmou entre escravos foragidos e garimpeiros clandestinos quando da ocupação da área dos Arraiais. (LUCCHESI e ARAUJO, 2004)

As gravações para os informantes de nível superior (25 a 35 anos), os chamados informantes “novos” do NURC, tiveram o mesmo tema do PEPP (Educação), mas, para os informantes regravados, na década de 90 (os gravados, inicialmente, na década de 70), o tema utilizado foi o mesmo da primeira entrevista, utilizando-se para este feito o guia-questionário da primeira gravação. As gravações tiveram duração de 30 a 40 minutos. Foram utilizados questionários com o tema Educação, atendendo os níveis de escolaridade, conforme podem ser observados nos Anexos.

5.4 TRANSCRIÇÕES

Os inquéritos gravados foram transcritos grafematicamente, visando à coleta de dados para esta pesquisa e seguiu os mesmos critérios definidos para a transcrição dos inquéritos do NURC/SSA, divulgadas na apresentação de MOTA e ROLLEMBERG (1994, p, 16-24). A partir das transcrições, procedeu-se a coleta dos dados a serem analisados, não descartando uma posterior audição dos inquéritos para se ter segurança quanto ao material coletado.

O *corpus* do Projeto NURC/SSA era, até então, o único material que recolhia amostras da fala do português na cidade de Salvador, deixando uma lacuna no que diz respeito a outros graus de escolaridade. O PEPP foi criado com o objetivo de “dar condições de análise mais atualizada e diversificada da fala popular de Salvador”. O PEPP se distingue do NURC não só por operar com informantes não-universitários, mas também porque optou por faixas etárias descontínuas, inicialmente três faixas: (25 a 35 anos; 45 a 55 anos e 65 anos em diante), além de ter incluído uma faixa mais jovem (15 a 24 anos). Os inquéritos foram digitalizados e submetidos a um programa de limpeza de ruídos e nitidez das vozes, além de outros recursos que permitem melhor audição e percepção das falas dos informantes,

situação que garante confiabilidade no levantamento dos dados, principalmente no caso de formas verbais em que se precisava ter certeza da presença ou não das marcas de plural nos verbos.

Dessa forma, foram ouvidos e transcritos trechos de conversas de 66 inquiridos, na íntegra, incluindo PEPP e NURC, destacando-se os segmentos que apresentavam as formas verbais pertinentes à pesquisa em questão, isto é, os contextos de possíveis variações da aplicação da regra de concordância verbal – formas verbais de terceira pessoa do plural com marcas explícitas (aplicação da regra de concordância) e ausência de marcas / marcas zero (não aplicação da regra).

5.5 VARIÁVEIS

5.5.1 Variável dependente

1. Realização da concordância verbal na 3ª pessoa do plural:

- a) aplicação da regra de concordância: As mães **PRECISAM** trabalhar fora (M2U14N) – variante explícita.
- b) não aplicação da regra de concordância: Com aquelas camisas que **ESCONDE** a mão (H3C15) – variante zero.

5.5.2 Variáveis explanatórias

1. Realização e posição do sujeito:

- sujeito imediatamente anteposto ao verbo:
 - a) Meus amigos de infância **SUMIRAM** (H1F18) - variante explícita.
 - b) O filho da pessoa está ali no jornal, inocente, e os pai **ESTÁ** inocente (H3F32) – variante zero.
- sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes:
 - a) Eles já **VIRAM**, eles já **CONHECE** meu ritmo (H1F42) – variante explícita.
 - b) Eles já **VIRAM**, eles já **CONHECE** meu ritmo (H1F42) – variante zero.
- sujeito retomado por um pronome relativo:
 - a) Tem pessoas que **DIZEM** assim. (H2F40) – variante explícita.
 - b) Esses dois que **VAI** sempre comigo (H1F18) – variante zero

- sujeito não realizado:
 - a) Aí **BOTARAM**, me **DEIXARAM** e **SAÍRAM** (M3F31) - variante explícita.
 - b) Agora acho que **RESPEITA**, respeita. (H324) - variante zero.

- sujeito posposto (imediatamente):
 - a) Porque **FALTAM** professores, entende/ (H1C20) - variante explícita.
 - b) Ainda **FALTOU** os broches. (M4U08R). - variante zero.

- sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes):
 - a) Depois **MORRERAM** mais três. (H4F35) – variante explícita.
 - b) Quando a outra resolveu namorar, **FICAVA** lá as menores no muro e eu na varanda (M3C17) – variante zero.

Hipótese: os sujeitos antepostos favorecem mais a aplicação da concordância verbal do que os sujeitos pospostos.

2. Concordância nominal no sujeito:

- SN com concordância:
 - a) Porque quem gosta de política não morre de câncer porque as coisas **ACONTECEM** (H3U03R) – variante explícita.
 - b) Porque as meninas **TINHA** nota, né? (H1C20) – variante zero.

- SN sem concordância:
 - a) Os namorador **QUEREM** enganar pai e mãe. (M4F39)) – variante explícita.
 - b) Os meus filho **VAI** ficar (M3F31) – variante zero.

Hipótese: Há maior possibilidade de ocorrência da aplicação da regra de concordância verbal, quando ocorre a concordância nominal dentro do sintagma nominal que constitui o sujeito.³⁴

3. Indicação do plural no SN sujeito;

- mórfica:
 - a) Os meninos **FICAVAM** abusando (M1F05) – variante explícita.
 - b) As pessoas que **ESTAVA** com um pano cheirando. (H2F40) – variante zero.

³⁴ Lucchesi (2000, p.141-143) introduz a expressão “coesão estrutural” para indicar o favorecimento da presença de concordância no sintagma nominal sujeito favorecendo a concordância no verbo.

- com numeral:
 - a) Aí os dois **FICARAM** juntos (M1F05) – variante explícita.
 - b) Todas as duas **EH** de novembro. (M1F43) – variante zero.

- quantificador:
 - a) Muitos **ATENDIAM**, muitos não ATENDIAM. (H3C24) – variante explícita
 - b) Muitas pessoas **QUER** ser pastor. (H2F40) – variante zero.

Hipótese: com numeral e quantificador espera-se o aumento da concordância, porque essas expressões reforçam a idéia de plural.

4. Caracterização semântica do sujeito

- [+humano]:
 - a) Oxe, eles me **BATIAM** (M3F31) – variante explícita.
 - b) Eles **EH** nível superior (H3F32) – variante zero.

- [-humano]:
 - a) As notas dela não **ESTÃO** nada boas (M3F46) – variante explícita.
 - b) Os soldados, os sapatos **ERA** tudo de, no prego. (H3C24) – variante zero.

Hipótese: O traço [+ humano] no sujeito é favorecedor da aplicação da regra de concordância e o traço [- humano] desfavorece a aplicação da concordância verbal.

5. Tempos do verbo:

- Presente do indicativo
- Pretérito perfeito
- Pretérito imperfeito
- Pretérito mais-que-perfeito
- Futuro do presente
- Futuro do pretérito
- Futuro perifrástico
- Presente do subjuntivo
- Pretérito Imperfeito do subjuntivo
- Futuro do subjuntivo

Hipótese: O tempo verbal está diretamente associado à saliência fônica. Os tempos verbais cujas formas são mais salientes, isto é, são mais marcados morfologicamente, favorecem a aplicação da concordância verbal.

6. Tipos de verbo

- transitivo
 - a) Eles chamam, **MANDAM** um comunicado. (H3C24) – variante explícita.
 - b) (eles) **LARGAVA** o posto abandonado. (H3C24) – variante zero.

- Intransitivo
 - a) Ele vai, eles **VÃO**, os dois, a menina não. (H3C26) – variante explícita.
 - b) Só **IA** duas ou três professoras. (H1F47) – variante zero.

- ergativo / inacusativo
 - a) **APARECERAM** meus sete irmãos. (H3U015N) – variante explícita.
 - b) **ACONTECEU** muitos casos de criança morrer. (M1C03) – variante zero.

- ligação
 - a) As escolas **SÃO** boas. (H3C24) – variante explícita.
 - b) (os colegas / na fala do entrevistador) **FICA** com inveja. (M1C12) – variante zero.

- modal
 - a) As crianças ficam fazendo muitas coisas que não **DEVERIAM** fazer. (M2C21) – variante explícita.
 - b) Eu conheço uma família que via assim: os homens **PODE** tudo. (M2C10) – variante zero.

- auxiliar
 - a) **FICAM** segurando a peteca. (H3C24) – variante explícita.
 - b) Tem muita gente que brincando **VAI** destruindo assim, sabe? (M1C02) – variante zero.

- auxiliar em voz passiva
 - a) As praias **SÃO** todas tomadas por cadeiras. (H3U03R) – variante explícita.
 - b) (alunos / na fala do entrevistador) No caso **ERA** incentivado. (H3C26) – variante zero.

Hipótese: O tipo de verbo está diretamente relacionado com o tipo de argumento selecionado pelo verbo para desempenhar a função de sujeito da oração. Espera-se que os verbos intransitivos favoreçam mais a aplicação da regra de concordância e que os verbos inacusativos desfavoreçam a presença de marcas.

7. Efeito gatilho

- com estímulo para a concordância

Eles obedeciam aos pais? (fala do documentador)

OBEDECIAM. (M4F38) – variante explícita.

As professoras eram boas? (fala do documentador)

ERA, sim, **ERAM** boas. (M2C10) – variante zero.

Hipótese: Os informantes quando estimulados por seus entrevistadores podem repetir a forma verbal com marcas de concordância se ouvirem o verbo com marcas. Desse modo, espera-se que aqueles que forem estimulados farão mais concordância que os que não receberem estímulo para a concordância.

8. Saliência fônica

- nasalização sem envolver qualidade:
 - a) Eles **OMITEM.** (H2F40) – variante explícita.
 - b) Eles se **SENTE** o bom (H1F42) variante zero.
- nasalização com mudança de qualidade:
 - a) Geralmente eles não **GOSTAVAM** não, (H2F09) – variante explícita.
 - b) Meus outro irmãos **GOSTAVA** de empinar arraia (H1F42)
- acréscimo de segmento no plural:
 - a) A maioria dos jovens não **QUEREM** nada (H3F37) – variante explícita.
 - b) Muitas pessoas **QUER** ser pastor. (H2F40) – variante zero.
- nasalização da vogal acréscimo ou mudança da semivogal:
 - a) Os adversário dele **ESTÃO** muito fraco (H1C48) – variante explícita.
 - b) Os caras aí **ESTÁ** de bermudão, de chapéu. (H3C15) – variante zero.

- manutenção ou mudança da vogal acentuada, acréscimo de segmento ditongação e/ou mudança na qualidade:
 - a) Aí **ROUBARAM** e venderam por oito reais. (H1F47) – variante explícita.
 - b) Eles se **ENTROU** nas drogas (H1F42) – variante zero.

- acréscimo de segmento com mudança de tonicidade (sem acréscimo de mudança):
 - a) Quando chegou lá, sabe o que essas menina **FIZERAM** comigo? (M3F31) – variante explícita.
 - b) Os outros todos **TEVE** que começar a trabalhar para se manter. (H2F29) – variante zero.

- acréscimo de segmento mudança de tonicidade e de vogal do radical mudança de raiz:
 - a) Eles aí me **FALARAM** que, quem foi que roubou (H1F47) – variante explícita.
 - b) Os meninos **FICOU** com eles. (M3F31) – variante zero.

- mudança de tonicidade, acréscimo de segmentos, diferenciação singular e plural quase completa, envolve acréscimo e mudança de raiz:
 - a) **SÃO** chilenos, mas **SÃO** gente boa. (H1F18) – variante explícita.
 - b) Todas as duas **EH** de novembro (M1F43) – variante zero.

Hipótese: O fator saliência fônica indica que as formas mais perceptíveis, isto é, mais salientes na fala, são mais prováveis de receberem a concordância nos sintagmas verbais que as formas menos salientes, menos perceptíveis.

9. Gênero

- Homem
- Mulher

Hipótese: As mulheres fazem mais concordância verbal que os homens, pois se identificam mais com as formas de prestígio e por isso são mais atentas às marcas de concordância.

10. Faixa etária

- 15 a 24 anos

- 25 a 35 anos
- 45 a 55 anos
- acima de 65 anos

Hipótese: Os falantes mais velhos, por serem mais conservadores, fazem mais concordância que os mais jovens que se enquadram mais no processo inovador, não aplicando os morfemas de concordância nas formas verbais.

11. Escolaridade

- nível fundamental
- nível colegial
- nível universitário

Hipótese: Os informantes mais escolarizados fazem mais concordância que os menos escolarizados.

12. Mercado Lingüístico

- pequeno
- médio
- grande

Hipótese: Os informantes, a depender de suas relações sociais e atividades que desempenham, fazem uso da língua de modos diferentes. Assim, espera-se maior aplicação da regra de concordância para as profissões / atividades que exigem do falante mais envolvimento com o padrão culto da língua.

Para determinar que mercado lingüístico era utilizado por cada informante, foi elaborada um quadro em que constavam as atividades desempenhadas por eles tanto no PEPP quanto no NURC³⁵. As informações foram levantadas a partir da ficha cadastral, priorizando-se as atividades e não o local de trabalho ou o nível de escolaridade. Foi perguntado aos estudantes que responderam o questionário que tipo de linguagem o informante deveria usar para realizar tais atividades, isto é, se ele precisava de um uso de língua pouco próximo do padrão, médio ou de muito

³⁵ Quadro detalhado contendo as atividades desempenhadas pelos informantes encontra-se no Anexo 6.

envolvimento com o padrão da língua. Utilizando a tabela seguinte, o estudante que avaliou o mercado do informante marcou 1, 2 ou 3, para indicar se a necessidade do uso da língua, para executar suas atividades, era pequeno (1), médio (2) ou grande (3).³⁶

Após a seleção das variáveis e grupos de fatores arrolados para este trabalho, a codificação das variáveis desta pesquisa ficou organizada em treze colunas assim distribuídas: 1 variável dependente, 8 variáveis lingüísticas e 4 variáveis sociais. (Cf Anexo 7)

³⁶ Quero aqui expressar meus agradecimentos aos estudantes de Mestrado da UNEB (Sandra, Cláudia, Lenilza, Andréia e Valter), orientandos da Profa. Dra. Norma da Silva Lopes, que gentilmente analisaram o quadro Mercado Lingüístico, marcando a necessidade de uso lingüístico de cada informante para desempenhar as atividades de seu dia a dia. O quadro utilizado na pesquisa encontra-se nos Anexos.

6 ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo se inicia com a análise das variáveis sociais: Escolaridade, Gênero e Faixa Etária. As variáveis lingüísticas serão analisadas na seqüência: Realização e posição do sujeito, Concordância nominal no sujeito, Indicação do plural no SN sujeito, Caracterização semântica do sujeito, Saliência fônica e Tempo verbal. A observação inicial será feita sem o cruzamento entre algumas dessas variáveis e, posteriormente, serão feitas combinações.

O programa de análise estatísticas, na sua melhor rodada, excluiu as variáveis Efeito Gatilho e Indicação de Plural no Sujeito e selecionou as variáveis estabelecidas para este trabalho, na seguinte ordem:

1. Escolaridade;
2. Realização e Posição do Sujeito;
3. Faixa Etária;
4. Saliência Fônica;
5. Caracterização Semântica do Sujeito;
6. Mercado Lingüístico;
7. Concordância Nominal no Sujeito;
8. Tipos de Verbos;
9. Gênero;
10. Tempo Verbal.

6.1 VARIÁVEIS SOCIAIS

Neste trabalho, usamos alguns desses fatores, os mais comuns e determinantes em trabalhos dessa natureza. Os falantes de uma comunidade lingüística refletem o perfil dessa sociedade, através de suas falas. Os usos lingüísticos de uma sociedade escolarizada são reflexos dos ensinamentos e pressão escolar, como se pode observar nos livros didáticos orientados por um padrão ideal, por vezes, por seus falantes mais escolarizados. Até que ponto a escolaridade se reflete na linguagem de seus usuários?

A Faixa Etária trata-se de uma variável muito importante, pois permite a observação da ação dos falantes, principalmente dos mais novos (geralmente mais inovadores) responsáveis por iniciar uma mudança lingüística. Em contrapartida, a observação das faixas etárias mais avançadas possibilita o conhecimento de variantes que podem estar em vias de desaparecimento e que não se observa mais na fala dos mais jovens. Os mais jovens preferem as variantes inovadoras de menor prestígio e os mais velhos, ao contrário, as formas mais conservadoras, as formas da língua padrão. Estas situações determinam a chamada variação estável.

6.1.1 A variável escolaridade

Neste trabalho, verificou-se, assim como em outros trabalhos realizados por Naro (1981), Lopes (2001) e Silva (2003), dentre outros, se a variável escolaridade interfere na concordância do sujeito com o verbo. Quanto maior for o nível de escolaridade, maior é a probabilidade de se fazer a concordância verbal. Os anos de escolarização de um informante condicionam os mesmos a fazerem mais concordância que aqueles que têm menor influência da escola. Trata-se de uma exigência social apoiada pela escola, condicionando o falante a utilizar uma língua mais prestigiada socialmente? Apresenta-se, a seguir, tabela e gráfico com os resultados encontrados, a partir da observação dos informantes dos três níveis de escolaridade: Fundamental (1 a 5 anos de escolarização); Média (11 anos de escolarização); Superior (curso universitário completo). O tratamento estatístico dos dados permitiu chegar aos seguintes resultados. Esta variável foi a primeira a ser selecionada pelo Varbrul.

Escolaridade	Freqüência		P. R.
Fundamental (1 a 5 anos)	518 / 1050	49%	.22
Média (11 anos)	784 / 1200	65%	.36
Superior (mínimo de 15 anos)	1036 / 1118	92%	.85
TOTAL	2338 / 3368	69%	

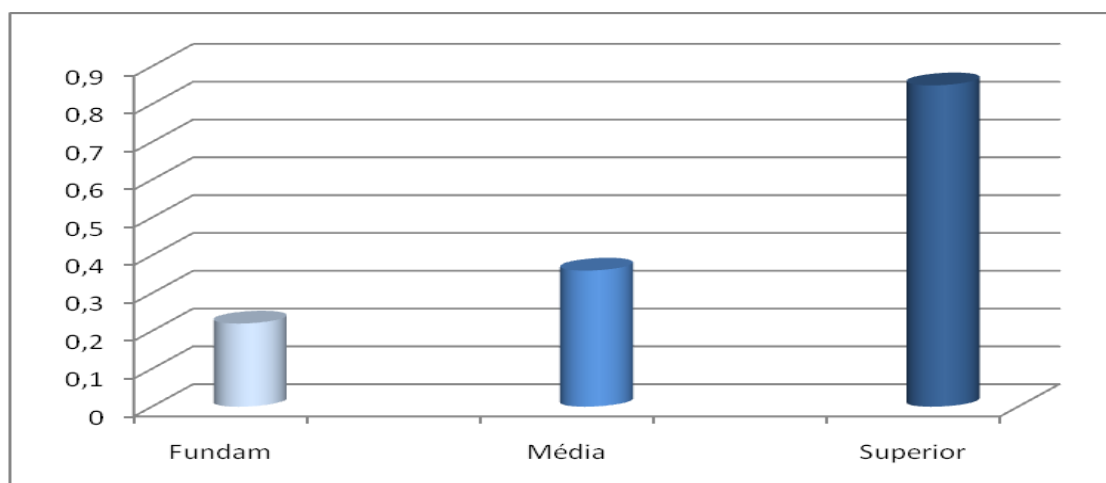
Tabela 1 – Concordância Verbal e Escolaridade.

Significância = .016³⁷

³⁷ “Um nível de significância 0.000 é considerado ideal, pois ele indica uma certeza estatística de os valores gerados pelo modelo estarem adequados aos valores observados” (SCHERRE, 1998, p. 45)

Os dados apontam, a exemplo de outros estudos, que existe uma relação proporcional entre a aplicação da regra de concordância, pelos falantes e sua permanência na escola ou os efeitos desta em suas falas. À medida que o falante avança nos estudos, ele reflete em sua fala os efeitos da pressão escolar, fazendo mais concordância que os que não tiveram essa mesma pressão, embora os não escolarizados também possam fazer concordância. A concordância verbal tem um tratamento específico, no Português do Brasil, talvez em função de sua formação, através da transmissão lingüística irregular. A aplicação da regra no PB não é categórica como se postula para o Português Europeu, em que se pode observar a aplicação da regra em todas as escolaridades, inclusive entre os analfabetos. Neste caso, é vista como parte inerente à língua e não como resultante da pressão escolar como ocorre no Português do Brasil. NARO e SCHERRE (2000), estudando a concordância verbal, no português europeu, verificaram um percentual mínimo de variação, desfazendo a idéia de que a regra de concordância verbal, no português europeu, seja categórica.

Gráfico 1 – Concordância Verbal e Escolaridade.



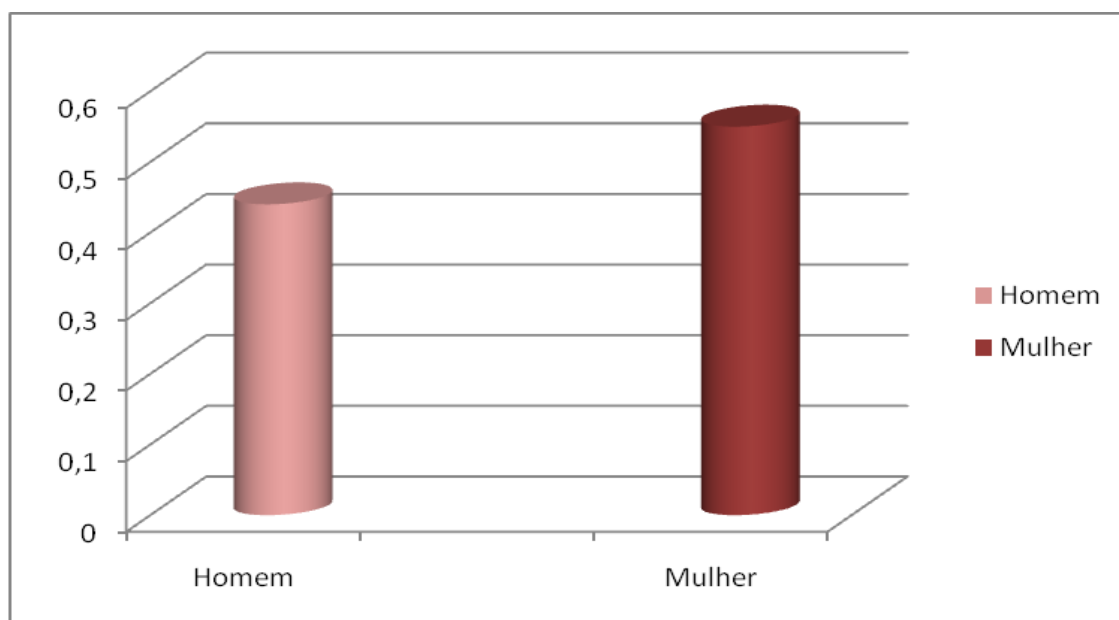
6.1.2 A Variável Gênero

Tomando como base a hipótese de os homens fazerem mais concordância que as mulheres, analisaremos o efeito dessa variável sobre a concordância verbal, neste trabalho, a partir dos seguintes dados observados, na tabela e gráfico correspondente. A variável gênero foi a nona variável a ser selecionada.

Gênero	Frequência		P. R.
Homem	1038 / 1595	65%	.44
Mulher	1300 / 1773	73%	.55
TOTAL	2338 / 3366	69%	

Tabela 2 – Concordância verbal e Gênero
Significância = .016

Gráfico 2 – Concordância verbal e Gênero



Considerando todos os dados da amostra, percebe-se uma tendência maior entre as mulheres de realizarem mais concordância que os homens. Os dados demonstram uma pequena diferença entre homens e mulheres, que levam mais vantagem. O peso relativo (**.55**) indica que as mulheres têm tendência de aplicarem a regra de concordância contra o peso relativo de (**.44**) para os homens que fazem menos concordância. Essa diferença se acentua, se observarmos homens e mulheres distribuídos por escolaridade, encontra-se outro quadro. Os resultados encontrados evidenciam que as diferenças entre Homem e Mulher dependem do grau de escolaridade desses informantes. Desse modo, define-se que não se trata

de Homem ou Mulher para fazer mais ou menos concordância; o que realmente importa é o tempo de escolaridade a que estes se submeteram.

Os dados de Lopes (2001, p.165) para a concordância nominal são:

Gênero	Fundamental	Médio	Universitário
Homens	.20	.38	.81
Mulheres	.17	.58	.81

Figura 14 – Gênero e Escolaridade. (LOPES, 2001)

Analisando a concordância nominal na mesma amostra utilizada neste trabalho, Lopes (2001) obteve para o gênero, os seguintes pesos relativos para o nível fundamental masculino **(.20)** e para o feminino **(.17)**, o que se aproxima da nossa análise, também, nesse nível de escolaridade: **(.20)** para o masculino e **(.21)** para o feminino. No nível médio, as mulheres fazem mais concordância nominal: os homens **(.38)** e as mulheres **(.58)** e na concordância verbal: homens **(.30)** e mulheres **(.50)**; no nível universitário, homens e mulheres têm o mesmo peso relativo para a concordância nominal e as mulheres suplantam os homens na concordância verbal. Os dados de Lopes apontam **(.81)** para os dois gêneros e a concordância verbal tem **(.87)** para os homens e **(.82)** para as mulheres. O peso relativo na pesquisa de Lopes, para as mulheres, foi igual ao dos homens; já, neste trabalho, o peso relativo é maior. A semelhança maior se dá na escolaridade média.

Os informantes do nível fundamental fazem pouca concordância; já, no nível médio, as mulheres se destacam, fazendo mais concordância e no nível universitário, há igualdade.

Silva (2003) também observou o gênero. Seus dados apontam as mulheres fazendo menos concordância que os homens, tendo em vista o padrão de vida das comunidades analisadas e as condições de vida das mulheres. Os resultados encontrados foram os seguintes:

gênero	P. R.
Homem	.56
Mulher	.45

Figura15 – Gênero. (SILVA, 2003, p. 180)

Labov atribui às mulheres um importante papel na mudança lingüística em função do seu comportamento junto aos filhos durante o processo de educação. Para ele o ritmo do progresso e a direção da mudança lingüística devem muito à sensibilidade das mulheres. A respeito dessa sensibilidade lingüística, Labov afirma:

Podemos dizer que elas são mais sensíveis aos padrões de prestígio, mas por que, desde o início, elas avançam mais rápido em primeiro lugar? Nossas respostas no momento não passam de especulações, mas é óbvio que tal comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança lingüística. Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras lingüísticas com maior rapidez e eficiência. (LABOV, 2008, p. 345)

A mulher, antes submissa e reservada ao lar, hoje disputa o mercado de trabalho juntamente com o homem e é esta nova realidade que vai determinar o papel e a função da mulher no cenário sociocultural. O que é destacado por Lucchesi como uma nova maneira de se olhar a influência delas na mudança lingüística:

Portanto, o papel da mulher só pode de fato ser considerado dentro de cada realidade sociocultural específica e para cada caso particular de mudança. Qualquer generalização sobre o papel da mulher na mudança lingüística em geral é extremamente perigosa para o entendimento da questão como processo histórico. (LUCCHESI, 1998, p.207)

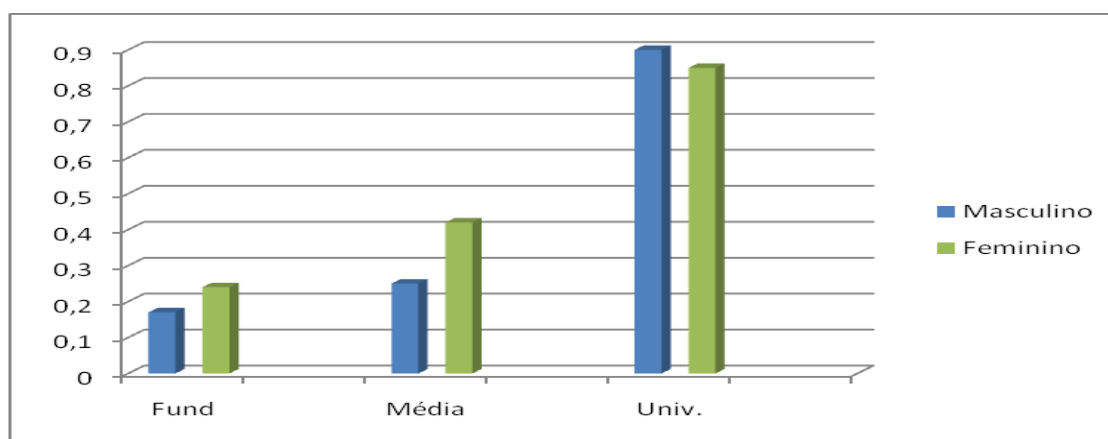
Gênero	Fundamental		Média		Superior	
	Frequência	PR	Frequência	PR	Frequência	PR
Masculino	278 / 565 49%	.17	316 / 557 58%	.25	444 / 473 93%	.90
Feminino	240 / 485 49%	.24	468 / 643 72%	.42	592 / 645 91%	.85
TOTAL	2338 / 3368			69%		

Tabela 3 – Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Escolaridade
Significância = .017

Este trabalho chega a resultados aproximados dos de Lopes (2001) que considera que as mulheres do nível colegial (nível mais competitivo) são mais pressionadas socialmente que os homens na luta pelo emprego, daí elas se pautarem mais pela língua padrão, nessa disputa de emprego com os homens, tentando estabelecer um diferencial entre os dois gêneros para que elas tenham condições de competição, uma vez que o mercado profissional geralmente dá preferências aos homens:

Quem tem apenas a escolaridade Média, em Salvador, apesar de teoricamente já poder possuir cargos públicos de nível médio, e inserir-se em vários campos do mercado, não tem facilidade de conseguir emprego. A concorrência tem sido grande, na prática, pois essas pessoas não têm grande especialização e lutam por poder contribuir com sua força de trabalho, mas esbarram na dura competição; muitas vezes são pessoas de nível superior que assumem, através de concurso público, cargos previstos para profissionais de nível médio. (...) O esforço na utilização da linguagem considerada padrão pode ser um reflexo da constante luta em que essas pessoas vivem. (LOPES, 2001, p.167)

Gráfico 3 – Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Escolaridade



O gráfico 3 permite melhor visualização dos resultados apresentados na tabela 3, em que as mulheres em duas das três faixas de escolaridades estudadas (Fundamental e Média) se mostram superiores aos homens na aplicação da regra de concordância, só perdendo no nível superior. Nas escolaridades fundamental e superior, as diferenças são pequenas.

6.1.3 A variável faixa etária

Partindo da hipótese de que os informantes mais velhos são mais conservadores, espera-se que esses falantes façam mais concordância que os mais jovens que se mostram mais inovadores. Confrontam-se, em seguida, essas faixas etárias para verificar se há indicação de mudança, ou seja, se os mais jovens são mais inovadores. O confronto das faixas etárias (estudo de tempo aparente) pode ser definidor para a indicação de uma mudança em curso.

Na amostra, os falantes da Faixa Etária mais velha fazem mais concordância que os da Faixa Etária mais nova, isto é, marcam as formas verbais com os morfemas de plural, deixando evidente que ser mais velho é um fato favorecedor do uso da concordância verbal. Observa-se que os falantes mais jovens **(.43)** fazem menos concordância que os mais velhos **(.69)** o que leva a acreditar que pode-se estar diante de um quadro de mudança no português brasileiro, diante da aparente perda de marcas explícitas no verbo. Esta variável foi a terceira a ser selecionada.

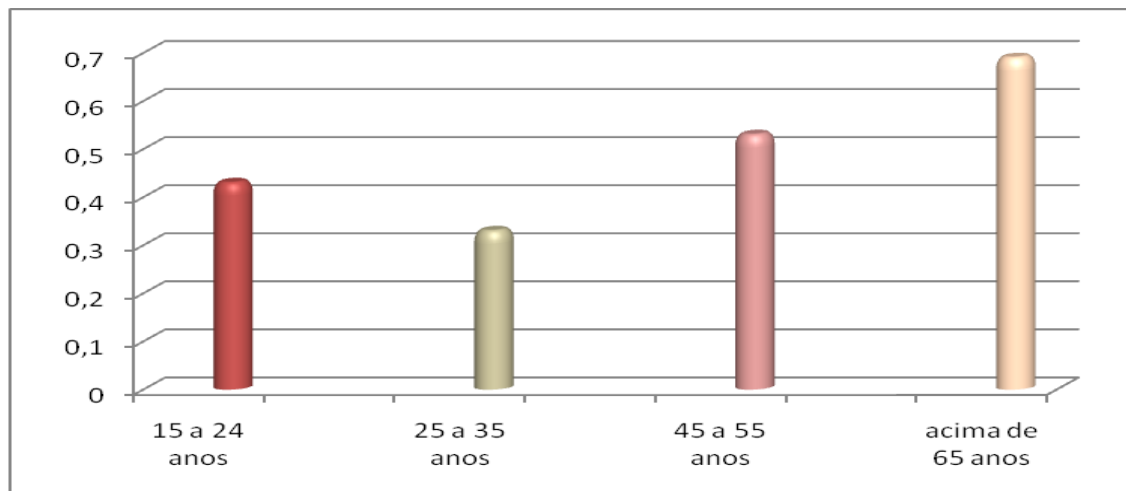
Faixa Etária	Frequência		P. R.
15 a 24 anos	315 / 624	50%	.43
25 a 35 anos	640 / 968	66%	.33
45 a 55 anos	650 / 889	73%	.53
Acima de 65 anos	733 / 887	82%	.69
TOTAL	2338 / 3368	69%	

Tabela 4 – Concordância Verbal e Faixa Etária

Significância = .016

Os dados da tabela 4 são melhor observados no gráfico seguinte:

Gráfico 4 – Concordância Verbal e Faixa Etária

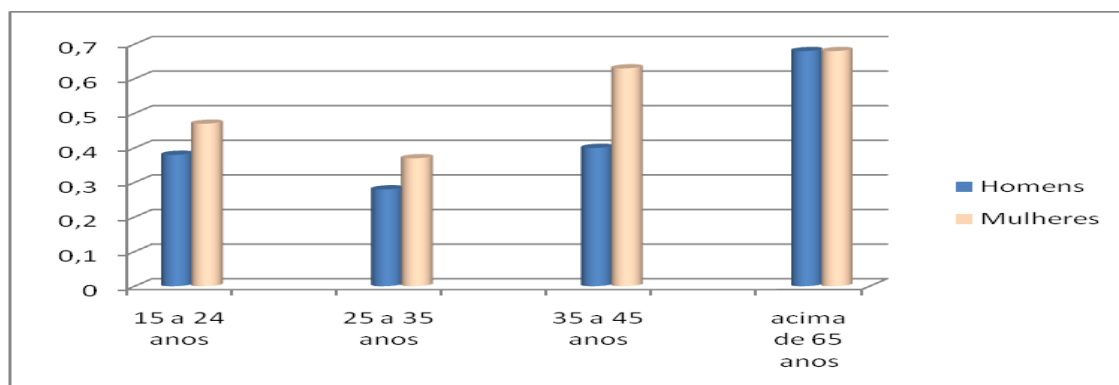


Os efeitos dessa variável podem ser melhor observados, separando-se cada grupo de informantes por Gênero e por Escolaridade. A tabela seguinte apresenta os dados que têm os dois gêneros combinados com a Faixa Etária, sobre a Concordância Verbal. Em seguida, apresenta-se o gráfico correspondente aos dados adquiridos na análise estatística.

Faixa Etária	Homens		Mulheres	
	Freqüência	P.R.	Freqüência	P.R.
15 a 24 anos	182 / 390 46%	.38	133 / 234 56%	.47
25 a 35 anos	260 / 431 60%	.28	380 / 537 70%	.37
45 a 55 anos	216 / 325 66%	.40	434 / 564 76%	.63
Acima de 65 anos	380 / 449 84%	.68	353 / 438 80%	.68
TOTAL	2338 / 3368		69%	

Tabela 5 – Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Faixa Etária
Significância = .016

Gráfico 5 –Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Faixa Etária



As mulheres de um modo geral aplicam mais a regra de concordância que os homens. Atribui-se ao tipo de vida das mulheres seu desempenho lingüístico. No entanto, na sociedade atual, homens e mulheres vêm apresentando comportamentos muito semelhantes, sobretudo nas faixas etárias em que concorrem e disputam o mercado de trabalho (faixas 2 e 3). Na faixa 1 (os mais jovens), verifica-se um comportamento muito semelhante entre homens e mulheres como também foi observado por Silva e Paiva:

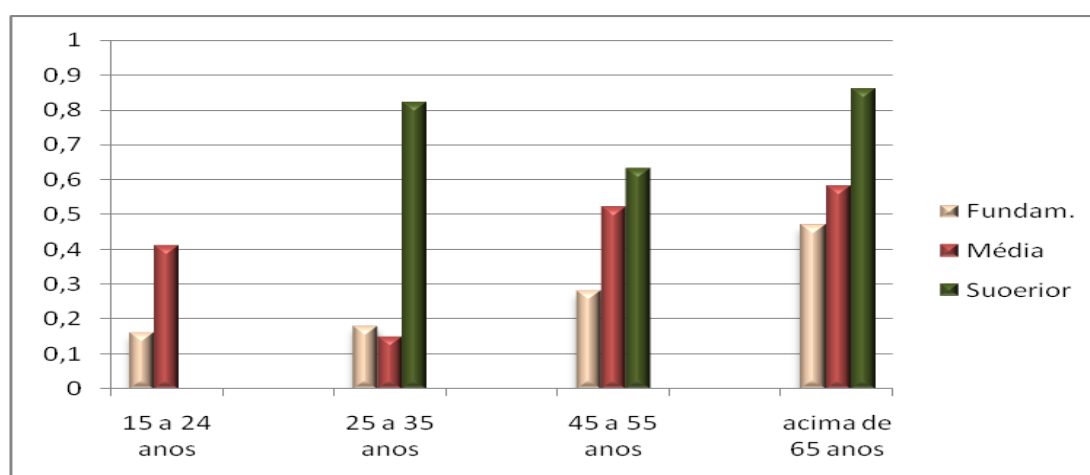
O emprego mais freqüente de formas padrão entre as mulheres mais velhas pode ser decorrência da forte tendência feminina à obediência às normas. Ao lado do uso do padrão pelas mulheres mais velhas, parece também plausível o resultado encontrado para o grupo dos mais jovens, com uma aproximação entre rapazes e moças no uso lingüístico. Atualmente, a separação social entre homens e mulheres é menos acentuada, uma vez que a vida das moças tornou-se mais próxima da vida dos rapazes. Trabalho e lazer são compartilhados, a divisão de tarefas é menos rígida. Tal modificação nas relações homem/mulher parece se refletir na linguagem pela aproximação do desempenho lingüístico dos dois sexos nesta faixa etária, a de 15/25 anos. (SILVA e PAIVA, 1998, p. 369-370)

Essas análises serão aprofundadas, através de observações do efeito da variável Faixa Etária combinada com a Escolaridade sobre a concordância verbal. A tabela e o gráfico seguintes apresentam o cruzamento dessas variáveis (Faixa Etária e Escolaridade)

Faixa Etária	Fundamental		Média		Superior	
	Freqüência	P.R.	Freqüência	P.R.	Freqüência	P.R.
15 a 24 anos	95 / 290 32%	.16	220 / 334 65%	.41	-	-
25 a 35 anos	101 / 239 42%	.18	126 / 293 43%	.15	413 / 436 94%	.82
45 a 55 anos	115 / 231 49%	.28	276 / 361 76%	.52	259 / 297 87%	.63
acima de 65 anos	207 / 290 71%	.47	162 / 212 76%	.58	364 / 385 94%	.86
TOTAIS	2368 / 3368				69%	

Tabela 6 – Concordância Verbal no Cruzamento Faixa Etária e Escolaridade
Significância = .008

Gráfico 6 – Concordância Verbal no Cruzamento Faixa Etária e Escolaridade



Essa variável apresenta-se, no nível fundamental, com uma grande redução de concordância; na escolaridade média, pode-se verificar uma redução, porém com tendência de recuperação; o nível superior mostra-se sem qualquer abalo, a concordância se faz em níveis bem altos.

Observe-se a tabela seguinte, em que podem ser comparados os dados de Lopes (2001, p. 173) para a concordância nominal com os que foram encontrados nesta pesquisa para a concordância verbal com os mesmos informantes. Algumas semelhanças foram constatadas: a faixa etária mais velha faz mais concordância que a compreendida entre 45 e 55 anos, nos dois fenômenos.

Faixa etária	Fundamental		Médio		Universitário	
	Lopes (2001)	Souza (2009)	Lopes (2001)	Souza (2009)	Lopes (2001)	Souza (2009)
15 a 24 anos	.09	.16	.59	.41	-	-
25 a 35 anos	.18	.18	.34	.15	.75	.82
45 a 55 anos	.14	.28	.54	.52	.68	.63
acima de 65 anos	.35	.47	.35	.58	.94	.86

Figura 16 – Tabela comparativa Faixa Etária e Escolaridade.
(LOPES, 2001 e SOUZA, 2009)

Os informantes mais jovens do nível fundamental fazem pouca concordância nominal em relação aos mais velhos, o que poderia estar se caracterizando como uma possível perda da regra, mas, com relação à concordância verbal, o índice de probabilidade de aplicação da regra aumenta em relação à concordância nominal, mas a tendência de perda é a mesma.. Com os informantes do nível médio, no caso dos mais novos, estes fazem mais concordância nominal que verbal, o mesmo acontecendo com os informantes de nível universitário.

Faixa etária	Homens		Mulheres	
	Lopes (2001)	SOUZA (2009)	Lopes (2001)	SOUZA (2009)
15 a 24 anos	.48	.38	.51	.47
25 a 35 anos	.45	.28	.41	.37
45 a 55 anos	.37	.40	.55	.63
acima de 65 anos	.67	.68	.51	.68

Figura 17 – Tabela comparativa Faixa Etária e Gênero.
(LOPES, 2001 e SOUZA, 2009)

Ainda comparando os dados de Lopes (2001) com os resultados deste trabalho, nota-se que, na aplicação das regras de concordância nominal e concordância verbal, os mulheres estão à frente das homens. A faixa 2, onde há uma maior competitividade em relação ao mercado de trabalho, esperava-se que houvesse mais igualdade entre homens e mulheres.

6.1.4 A variável mercado linguístico

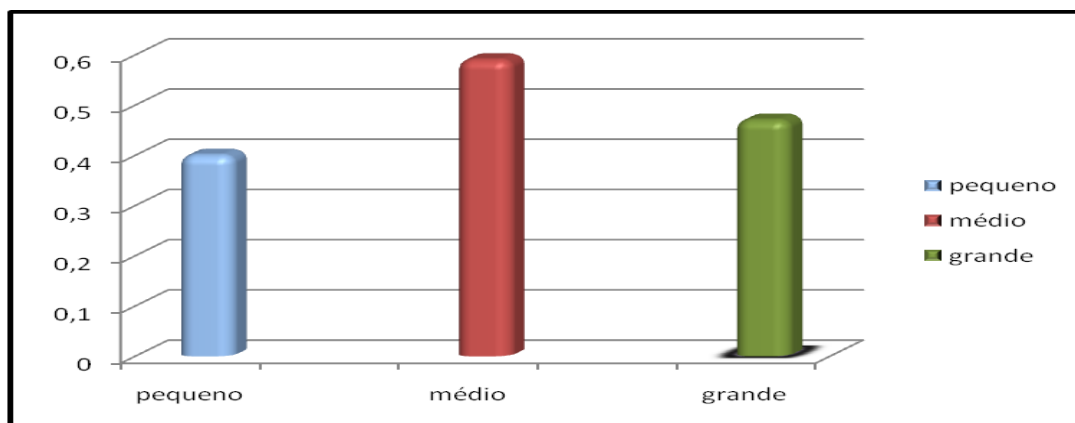
O mercado linguístico é uma variável que mede a correlação entre o tipo de atividade profissional desenvolvida por cada pessoa e a necessidade que ela tem de usar formas linguísticas de prestígio. Na atual pesquisa, considerando todos os informantes, foram encontrados os dados arrolados na tabela seguinte, em que se observa maior peso relativo de aplicação da regra de concordância verbal para o peso médio de mercado com **.59**. Esta foi a sexta variável a ser selecionada.

Mercado linguístico	Frequência		P. R.
Pequeno	512 / 1066	48%	.40
médio	870 / 1269	68%	.59
grande	956 / 1033	92%	.47
TOTAL	2338 / 3368	69%	

Tabela 7 – Concordância Verbal e Mercado linguístico
Significância = .016

Os dados do mercado ocupacional podem ser melhor visualizados no gráfico seguinte:

Gráfico 7 –Concordância Verbal e Mercado lingüístico



Para Mollica (1998), o mercado lingüístico atua tanto em homens quanto em mulheres:

A colocação no mercado de trabalho atua tanto em homens quanto em mulheres, no sentido de haver correlação entre cotação alta e uso das formas padrão e cotação baixa e uso da forma não-padrão. (MOLLICA, 1998.p. 292-293.)

Para Oliveira e Paiva (1998), o mercado lingüístico se mostra mais forte nos homens do que nas mulheres devido ao destaque que se dá ao homem na nossa sociedade, atribuindo-se a ele o controle e sustento da família, apesar de esse quadro estar se modificando nos dias atuais:

:

Interpreta-se o fato de o mercado ocupacional ter desempenho mais forte entre os homens por serem eles, na nossa sociedade, os que são educados desde cedo para serem os responsáveis pelo sustento familiar. Mesmo que, na atualidade, as mulheres trabalhem cada vez mais em serviços remunerados, elas ainda o fazem para contribuir no sustento familiar, e não para assumi-lo totalmente (pelo menos as mulheres da nossa amostra). (OLIVEIRA e PAIVA, 1998, p. 373).

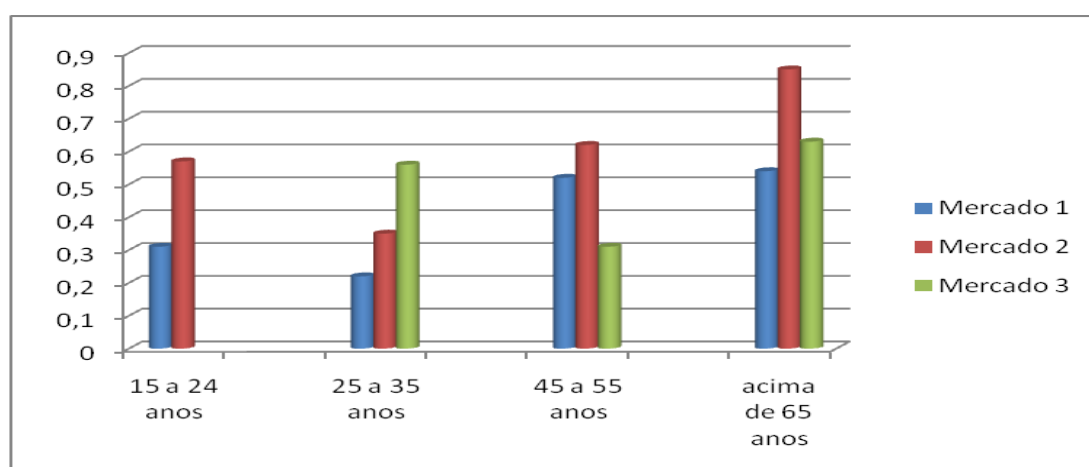
Scherre (1998) analisa a influência de variáveis sociais na concordância nominal e atesta que o mercado ocupacional mostrou-se uma das variáveis mais importantes do ponto de vista estatístico, sendo a terceira selecionada, após escolarização e sexo.

Analisando-se o mercado ocupacional em função do sexo, observou-se, coerentemente, que essa variável, embora atuando nos dados de ambos os sexos, é selecionada em primeiro lugar para os homens em detrimento de escolarização, e é selecionada em terceiro para as mulheres em favor da escolarização, que é a primeira variável selecionada neste caso. (SCHERRE, 1998, p. 255)

Faixa Etária	Mercado 1		Mercado 2		Mercado 3	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
15 a 24 anos	152 / 388 39%	.31	163 / 236 69%	.57	-	-
25 a 35 anos	70 / 223 31%	.22	233 / 393 60%	.35	334 / 352 94%	.56
45 a 55 anos	153 / 249 61%	.52	238 / 343 69%	.62	259 / 297 87%	.31
acima de 65 anos	137 / 206 66%	.54	233 / 297 78%	.85	363 / 384 94%	.63
TOTAIS	2338 / 3368				69%	

Tabela 8 – Concordância Verbal no Cruzamento Mercado Linguístico e Faixa Etária
Significância = .010

Gráfico 8 – Concordância Verbal no Cruzamento Mercado e Faixa Etária



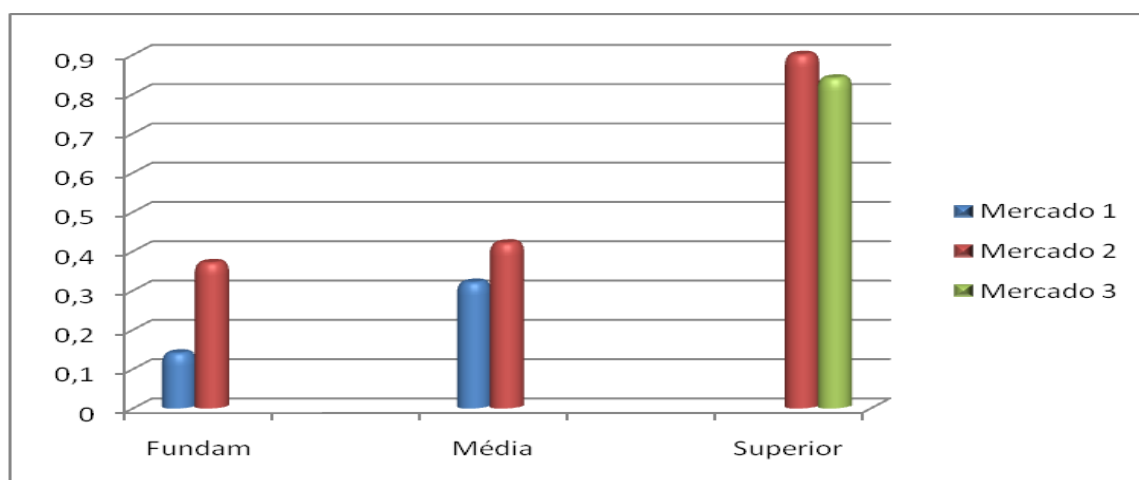
O mercado lingüístico está muito relacionado à escolaridade, uma vez que os falantes mais escolarizados tendem a ser mais exigidos com relação ao uso de formas lingüísticas de maior prestígio, tanto no sexo masculino quanto no feminino.

Escolaridade	Mercado 1		Mercado 2		Mercado 3	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
Fundamental	283 / 696 40%	.14	235 / 359 66%	.37	-	-
Média	229 / 370 61%	.32	555 / 830 66%	.42	-	-
Superior	-		80 / 85 94%	.90	956 / 1033 92%	.84
TOTAIS	2338 / 3368				69%	

Tabela 9 – Concordância Verbal no Cruzamento Escolaridade e Mercado Lingüístico
Significância = .000

O gráfico 9 mostra com maior clareza os dados da tabela anterior.

Gráfico 9 – Concordância Verbal no Cruzamento Escolaridade e Mercado Lingüístico



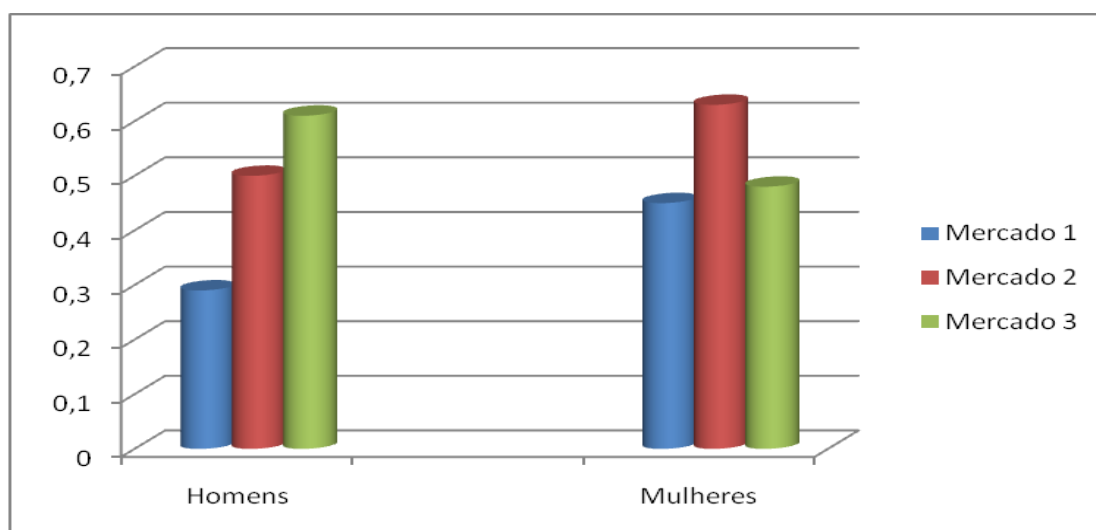
As mulheres tiveram maior cotação no mercado lingüístico que os homens, só perdendo para eles, no nível universitário. A disputa pelo mercado de trabalho e a

preferência das mulheres pelas variáveis de prestígio social podem ser as explicações para quadro. Os dados encontrados, na tabela 10 e visualizados no gráfico 10.

Gênero	Mercado 1		Mercado 2		Mercado 3	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
Homens	196 / 485 40%	.29	399 / 638 62%	.50	443 / 472 93%	.61
Mulheres	316 / 581 54%	.45	471 / 631 74%	.63	513 / 561 91%	.48
TOTAIS	2338 / 3368				69%	

Tabela 10 – Concordância Verbal no Cruzamento Gênero e Mercado Lingüístico
Significância = .018

Gráfico 10 – Concordância verbal no Cruzamento Gênero e Mercado Lingüístico



6.2. VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

O estudo das variáveis sociais possibilitou entender a relação entre concordância verbal e os grupos sociais relacionados nesta pesquisa, observando a variação na sociedade e as possibilidades de mudança no português popular falado em Salvador. Nossa tarefa seguinte é relacionar essas variações com as estruturas da língua.

6.2.1 Realização e posição do sujeito

Admitindo-se que a *Realização e a posição do Sujeito* é uma variável que interfere na aplicação da regra de concordância verbal, serão analisados os dados apresentados na tabela seguinte. A posição do sujeito em relação ao verbo tem se apresentado como uma variável extremamente significativa na aplicação da regra. O sujeito imediatamente à esquerda do verbo tem se mostrado favorecedor da ocorrência de variante explícita, já a posição à direita e o afastamento do sujeito em relação ao verbo vêm desfavorecendo a aplicação da regra. Trata-se do que Naro (1981) chamou de saliência de posição. Neste trabalho, a variável Realização e Posição do Sujeito foi a segunda a ser selecionada.

Realização e posição do sujeito	Frequência		P. R.
sujeito imediatamente anteposto ao verbo	939 / 1213	77%	.48
subj. anteposto com constituintes intervenientes	365 / 493	74%	.49
sujeito retomado por um pronome relativo	278 / 385	72%	.65
sujeito não realizado	711 / 1165	61%	.50
sujeito posposto (imediatamente)	39 / 92	42%	.14
sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)	6 / 20	30%	.11
TOTAL	2.338 / 3.368	69%	

Tabela 11 – Concordância verbal e Realização e Posição do Sujeito
Significância = .016

Exemplos:

- sujeito imediatamente anteposto ao verbo
 - a) Eles **DIZEM** que estava procurando. (H1F18) – variante explícita.
 - b) Porque as meninas **TINHA** nota, né? (H1C20) – variante zero.

- sujeito anteposto com constituintes intervenientes
 - a) Eles não **PODEM** mudar. (H1C20) – variante explícita.
 - b) Essas brincadeiras já **ACABOU**. (H1F18) – variante zero.

- sujeito retomado por um pronome relativo
 - a) Tem uns que **SÃO** malvados. (H1F18) – variante explícita.
 - b) Todos que **ENTRA**, perde. (H1F18) – variante zero.

- sujeito não realizado
 - a) Meus amigos de infância sumiram, **FORAM** para São Paulo. (H1F18) – variante explícita.
 - b) Eles chega, bate um, um amarrado danado, diz que vai bater, chega lá, não **CONSEGUE** dar um murro e já **CAI**. (H1F18) – variante zero.

- sujeito posposto (imediatamente)
 - a) Porque **FALTAM** professores, entende? (H1C20) – variante explícita.
 - b) **MORREU** dois. (H2F40) – variante zero.

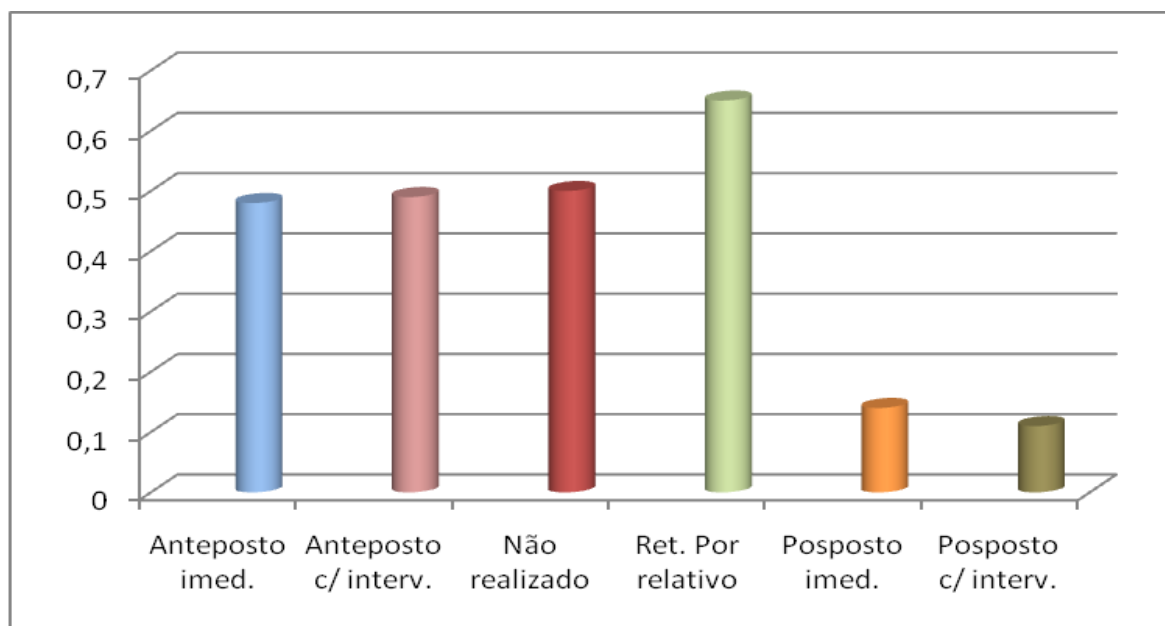
- sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)
 - a) Depois **MORRERAM** mais três. (H4F35) – variante explícita.
 - b) A caligrafia hoje dos meninos está feíssima porque não **EXISTE** mais aqueles cadernos. (H4F06) – variante zero.

Os sujeitos antepostos, independente de estarem, imediatamente, colados ao verbo ou dele separados por um ou mais elementos intervenientes, apresentam o mesmo peso relativo, isto é, **(.48)**. Os sujeitos retomados por um pronome relativo apresentaram a maior probabilidade de aplicação da regra de concordância verbal **(.65)** ao lado do sujeito não realizado cujo peso relativo foi **(.50)**. Apresentaram pouca probabilidade de fazerem concordância os sujeitos pospostos imediatamente

ou separados por um ou mais constituintes, sendo a posição que mais desfavorece a concordância com os seguintes pesos relativos: **(.14)** e **(.11)**, respectivamente.

O gráfico 11 mostra com maior clareza o resultado da análise do efeito das posições do sujeito em relação ao verbo na concordância verbal.

Gráfico 11 – Concordância verbal e Realização e Posição do Sujeito



Silva (2003) também testou a variável *Realização e Posição do sujeito*, cujos resultados estão a seguir apresentados. Causa surpresa o sujeito posposto ter maior probabilidade de fazer a concordância do que o sujeito anteposto bem como o sujeito retomado por um relativo. O tipo de informante da pesquisa em questão (informantes afrodescendentes da zona rural) seria o fator responsável pelos resultados encontrados?

Realização e Posição do Sujeito	P. R.
Sujeito não realizado	.61
Sujeito posposto	.51
Sujeito anteposto	.49
Sujeito retomado por um relativo	.35

Figura 18 –Realização e Posição do Sujeito.(SILVA, 2003, p. 165)

6.2.2 Concordância nominal no sujeito

Destacam-se dois tipos de fatores, evidenciados na tabela a seguir: SN com concordância e SN sem concordância e encontram-se os seguintes dados. A diferença entre o SN sujeito com concordância foi bastante alta (**.63**) contra (**.35**) para o SN sem concordância. As marcas do SN sujeito definem a aplicação da concordância no verbo. Esta variável foi a sétima a ser selecionada na análise estatística dos dados.

Concordância nominal no sujeito	Frequência		P. R.
SN com concordância	1301 / 1713	75%	.63
SN sem concordância	1025 / 1643	62%	.35
TOTAL	2326 / 3356	69%	

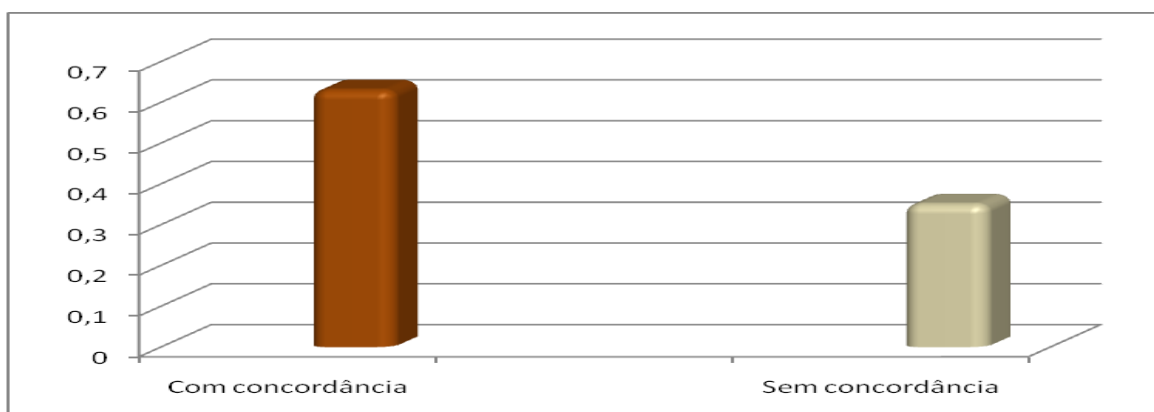
Tabela 12 – Concordância Verbal e Concordância nominal no sujeito
Significância = .016

Exemplos:

- SN com concordância
 - a) Meus filhos já **FIZERAM** parte.(M3C07) – variante explícita.
 - b) Meus colegas **ACHOU** que foi exagero meu. (H1F18) – variante zero.

- SN sem concordância
 - a) Os namorador **QUEREM** enganar pai e mãe. (M4F39) – variante explícita.
 - b) Os cara **ROUBA** tudo. (H1F47) – variante zero.

Gráfico 12 – Concordância Verbal e Concordância nominal no sujeito



Segundo os dados, quando um falante aplica a regra de concordância nominal dentro do sujeito, há uma probabilidade muito grande de que ele também o faça na forma verbal. Trata-se do efeito coesão estrutural. As marcas aplicadas no sujeito estariam condicionando a ocorrência das marcas de concordância também no verbo. Lucchesi (2000, p. 143) já chama a atenção para a maior possibilidade de se aplicar a regra de concordância verbal, quando ocorre a concordância nominal dentro do sintagma nominal que constitui o sujeito.

A concordância nominal no sujeito, na análise de Silva (2003), apresentou os resultados dispostos na tabela seguinte. Quando ocorre concordância nominal no sujeito, a probabilidade de se aplicar a regra de concordância verbal é muito mais alta do que quando não há concordância nominal no sujeito, comprovando os efeitos da coesão estrutural verificada nesta pesquisa.

Concordância nominal no sujeito	P. R.
7. com concordância	.74
8. sem concordância	.48

Figura 19 – Concordância Nominal no Sujeito. (SILVA, 2003, p. 162)

O gráfico anterior demonstra melhor os resultados da tabela 12. Para melhor entender os efeitos dessa variável, combinou-se Posição do sujeito com a Concordância nominal no sujeito e foram encontrados os seguintes resultados.

Fez-se o cruzamento da variável Realização e Posição do Sujeito com a variável Concordância no SN sujeito para verificar sua interação e observar até que ponto a concordância verbal é afetada.

Posição do Sujeito	Concordância no SN		Sem Concordância no SN	
	Frequência	P. R.	Frequência	P. R.
sujeito imediatamente anteposto ao verbo	907 / 1151 78%	.62	25 / 55 45%	.31
sujeito anteposto com constituintes intervenientes	351 / 454 77%	.64	14 / 39 35%	.17
sujeito posposto (imediatamente)	32 / 80 40%	.20	6 / 11 54%	.20
sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)	3 / 17 17%	.09	-	-
Sujeito retomado por pronome relativo	4 / 6 66%	.35	273 / 378 72%	.52
TOTAL	2323 / 3353		69%	

Tabela 13 – Concordância Verbal no Cruzamento Posição do sujeito e Concordância no SN sujeito
Significância = .012

Exemplos:

- sujeito imediatamente anteposto ao verbo
 - a) Eles **ERAM** muito ligados a meus filhos...(M3C08) – variante explícita.
 - b) Mas os verdadeiros, eles **ERGUE** a palavra. (H2F40)– variante zero.

- sujeito anteposto com constituintes intervenientes
 - a) Eles já **VIRAM**, eles já conhece meu ritmo. (H1F42) – variante explícita.
 - b) Os dois, quando não tem ainda aquela, aquele medo, porque é, é aquela inocência da infância, **DEITAVA** e **DORMIA** (H1C48) – variante zero.

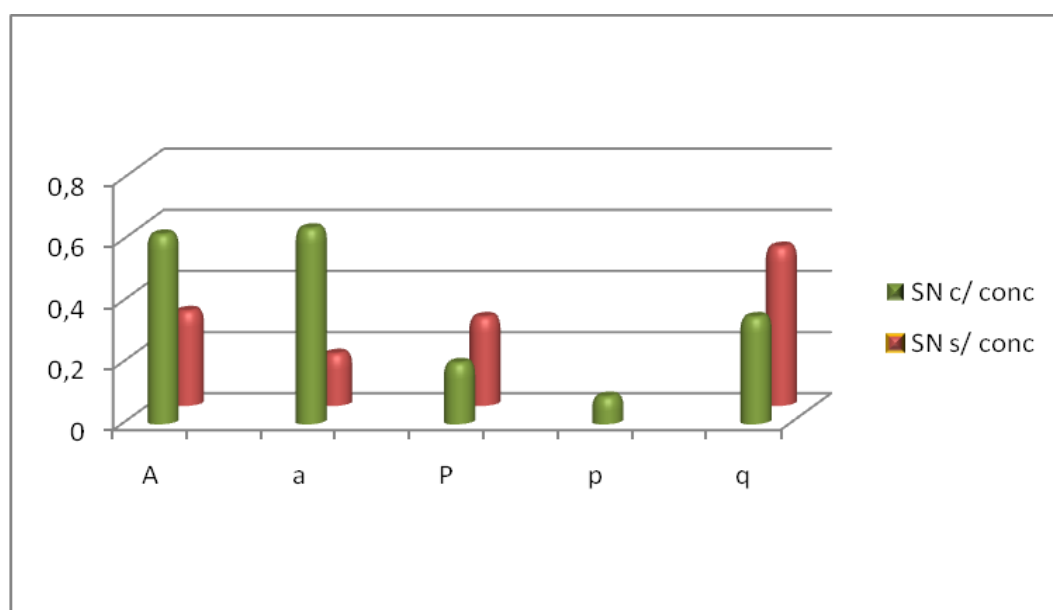
- sujeito posposto (imediatamente)
 - a) **FICAM** duas cabeças pensando. (H1F42) – variante explícita.
 - b) E foi um pouco triste, assim porque ele morreu no fim e **MORREU** muitas outras pessoas (H1F44) – variante zero.

- sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)
 - a) **APARECERAM** lá meus sete irmãos. (H3U15N) – variante explícita.
 - b) variante zero – sem ocorrências

- Sujeito retomado por pronome relativo
 - a) Tem pessoas que **DIZEM** assim: se conselho fosse bom, não se dava, vendia. (H2F40) – variante explícita.
 - b) Agora meus outros irmãos que **ERA** retado na bola de gude, né? (H1F42) – variante zero.

Os resultados confirmam a tendência observada na tabela e gráfico da variável concordância nominal no sujeito. O cruzamento entre a posição do sujeito e a concordância no sujeito deixa claras as diferenças entre os fatores da posição do sujeito. Além disso, percebe-se a força do SN sem concordância desfavorecendo a aplicação da regra com pesos relativos menos significativos que os pesos para os sujeitos cujos SNs apresentaram concordância. Na seqüência, temos o sujeito anteposto imediatamente ao verbo e com elemento interveniente com concordância de **(.64)**. Desfavorece a aplicação da regra qualquer tipo de sujeito posposto (imediatamente após o verbo ou dele separado por algum elemento interveniente) com pesos relativos de **(.20)** e **(.09)** para os SNs com concordância. Não houve dados para os SNs sujeitos pospostos separados por algum elemento. Parece que ter ou não ter concordância só importa se o sujeito é anteposto. Os números indicam que os SNs sem concordância desfavorecem bem mais a aplicação da regra de concordância verbal que os SNs com concordância em qualquer posição.

Gráfico 13 – Concordância Verbal no Cruzamento Posição do sujeito e Concordância no SN sujeito



Com o cruzamento feito entre as variáveis *Posição do sujeito* e *Realização de concordância no sujeito*, constata-se que a concordância verbal se realiza quando o SN sujeito também faz a concordância, demonstrando mais uma vez que a coesão estrutural (sujeito no plural tende a favorecer a concordância verbal) foi a motivadora da aplicação da regra de concordância, e não a posição do sujeito, pois, nos casos em que os elementos do SN sujeito não concordavam, houve menos concordância no verbo. Mais uma vez, verifica-se que a variação está condicionada à interrelação entre duas ou mais variáveis analisadas.

6.2.3 Indicação de plural no sujeito

Se a concordância no SN do sujeito é importante para a aplicação da regra no verbo, o tipo de concordância aplicada neste SN deveria especificar melhor essas relações. A variável não se mostrou produtiva e não foi selecionada. São apresentados, portanto, os dados relativos às quantidades de ocorrências e seus respectivos percentuais, sem pesos relativos:

- A indicação de plural mórfica teve 1255 casos marcados morficamente de 1665 ocorrências, perfazendo um total de 75%.
 - a) Essas brincadeiras já **ACABOU**, (H1F18) – variante explícita.
 - b) Os homens não **QUISERAM** acreditar em mim. (H2F22) – variante zero.

- A indicação de plural com numeral apresentou 27 ocorrências com marca de plural entre 51 casos, perfazendo 52%.
 - a) Assim como as duas jovens **ESTÃO** me ouvindo. (H2F40) – variante explícita.
 - b) Eu só tenho dois amigos aqui que é muito pouco, seis anos pra cá, eh, A e B, todos os dias **TRABALHA** (H1F18) – variante zero.

- A indicação de plural com quantificador registrou 53 casos com aplicação da regra de concordância entre 76 ocorrências, perfazendo um total de 69%
 - a) Muitas pessoas antigas ainda **QUEREM** continuar. (M3C07) – variante explícita.
 - b) Muitas pessoas **QUER** ser pastor. (H2F40) – variante zero.

Pôde-se verificar que, em todas as combinações estabelecidas, os resultados para esta variável não se modificavam. Decidiu-se, portanto, retirá-la de uma rodada geral e verificou-se que os resultados se mantiveram sempre os mesmos. Constatou-se que a indicação de plural no SN sujeito tem total neutralidade na aplicação geral da regra de concordância verbal, no português brasileiro, independente de a concordância ser mórfica, ser feita com a presença de um numeral ou de um quantificador. Essa concordância pode estar condicionada pela concordância nominal dentro do sujeito.

6.2.4 Caracterização semântica do sujeito

Neste grupo, o interesse é a observação dos traços semânticos do sujeito e a relação do verbo com o sujeito da oração. Temos como hipótese que, quando o sujeito apresenta o traço [+humano], o informante tende a aplicar mais concordância do que quando o sujeito é [-humano].

Cada variável traz um indício de favorecimento ou desfavorecimento da aplicação da regra em estudo. A caracterização semântica do sujeito, destacando os traços [+humano] e [-humano] para os núcleos dos sujeitos das formas verbais analisadas, indicariam que os sujeitos [+humano] teriam ampla vantagem sobre os sujeitos [-humano]. Os dados encontrados mostram uma situação diferente: o traço [+humano] favorece ligeiramente a aplicação da regra, mas o traço [-humano] a desfavorece, como podemos observar na tabela a seguir (.54 e (.32), respectivamente), resultados obtidos com todos os informantes da amostra. Esta variável foi a quinta a ser selecionada.

Caracterização semântica do sujeito	Frequência	P. R.
[+humano]	1898 / 2750 69%	.54
[-humano]	440 / 618 71%	.29
TOTAL	2338 / 3368	69%

Tabela 14 – Concordância Verbal e Caracterização Semântica do Sujeito
Significância = .016

Exemplos:

- [+humano]
 - a) O pessoal você sente que tem vontade, porque eles **ESTÃO** na faculdade. (H1C48) – variante explícita.
 - b) Muitas pessoas **QUER** ser pastor. (H2F40) – variante zero.

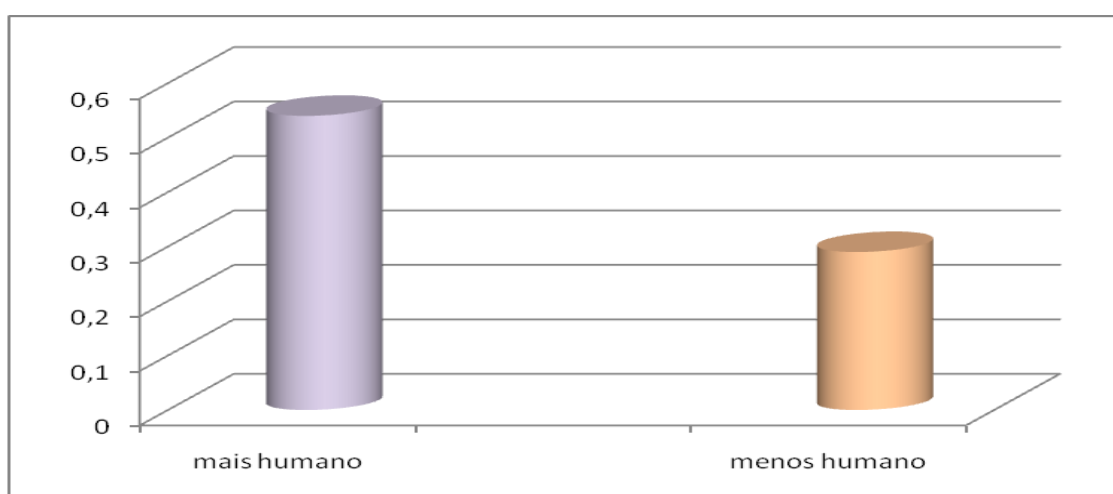
- [-humano]
 - a) Mas o pagode que eu vou é, não é igual a esses que **ACONTECE** em rua, em show público. (H1F18) – variante explícita.
 - b) Aquelas brincadeiras de antigamente já **ACABOU**. (H1F18) – variante zero.

Nos resultados de Silva (2003), o traço mais humano é ligeiramente mais favorecedor da aplicação da regra de concordância verbal.

Caracterização semântica do sujeito e posição do sujeito	P. R.
[+ humano]	.52
[- humano]	.40

Figura 20 – Caracterização Semântica do Sujeito. (SILVA, 2003, p. 169)

Gráfico 14 – Concordância Verbal e Caracterização Semântica do Sujeito



Fazendo-se o cruzamento Caracterização Semântica do Sujeito e Escolaridade, foram encontrados os dados constantes na tabela 15.

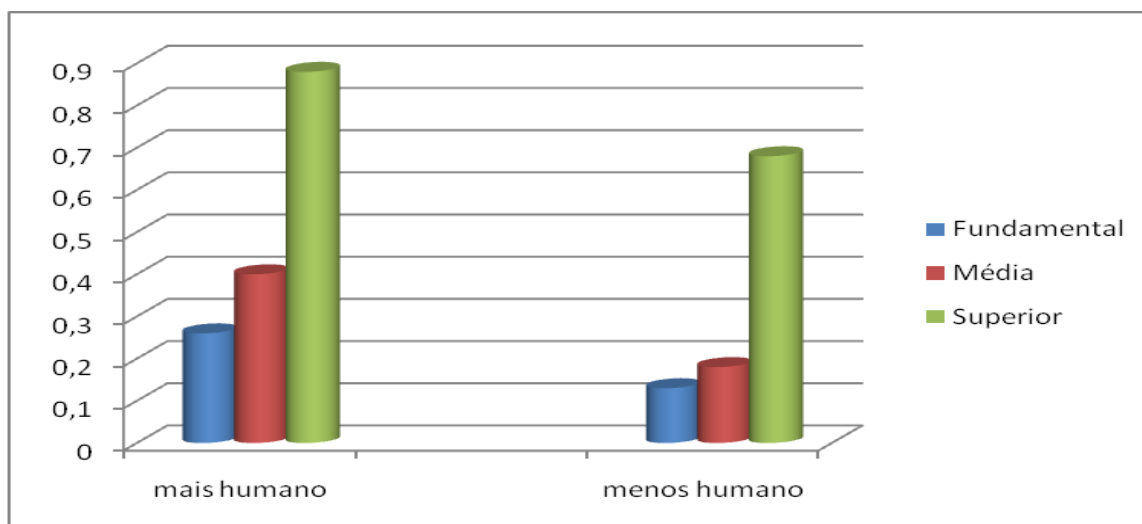
Faixa Etária	Fundamental		Média		Superior	
	Freqüência	P.R.	Freqüência	P.R.	Freqüência	P.R.
[+humano]	485 / 953 50%	.26	710 / 1055 67%	.40	703 / 742 94%	.88
[-humano]	33 / 97 34%	.13	74 / 145 51%	.18	333 / 376 88%	.68
TOTAL	2338 / 3368				69%	

Tabela 15 – Concordância Verbal no Cruzamento Caracterização semântica do sujeito e Escolaridade

Significância = .015

Os sujeitos com traço [+humano] induzem no verbo mais concordância que os sujeitos [-humano]. No entanto, como se pode observar, na tabela anterior, é a escolaridade o fator determinante para a ocorrência das marcas de plural nos verbos estudados. Com os falantes de nível fundamental, os pesos relativos foram, respectivamente, **(.26)** e **(.13)**, para [+humano] e [-humano]; os informantes de nível médio atingiram, **(.40)** / [+humano] e **(.18)** / [-humano]; os informantes de nível superior fizeram **(.88)** e **(.68)**, para sujeito [+humano] e sujeito [-humano], respectivamente. Em todos os casos, o traço [-humano] é sempre mais desfavorecedor da aplicação da regra, nos três grupos. Olhando os números da tabela, na posição horizontal, o predomínio passa a ser da escolaridade cada vez mais crescente de acordo, com os anos de estudo. Mas em todos os níveis, com exceção do Fundamental, o traço [+ humano] é mais forte que o [- humano].

Gráfico 15 – Concordância Verbal no Cruzamento Caracterização semântica do sujeito e Escolaridade



6.2.5 Saliência fônica

Lemle & Naro (1977), ao criarem o conceito de saliência fônica para as formas verbais, estabeleceram uma escala hierárquica em que os níveis mais baixos de saliência favorecem menos a aplicação da regra de concordância verbal que os níveis mais altos. Admite-se que quanto maior for a diferença entre as formas de singular e plural (formas mais salientes e menos salientes), as formas tendem a ser marcadas com os morfemas que indicam a regra de concordância. As formas mais salientes favorecem a aplicação da regra e as menos salientes a inibem. O princípio da saliência fônica foi aplicado por Naro (1981, p. 74), observando a fala carioca. Naro desenvolveu o seguinte quadro para essa variável:

- Nível 1 (oposição não marcada): contém os pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição são não marcados [estão em sílaba átona] em ambos os membros.
- 1a: envolve nasalização sem mudança na qualidade da vogal na forma plural;
Exemplo: “Talvez...eles **PROCURE** lá, né?” (H3F30)
- 1b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural;
Exemplo: “Todos que **ENTRA**, perde.” (H1F18)

- 1c: envolve acréscimo de segmentos na forma plural;
Exemplo: “Muitas pessoas antigas ainda **QUEREM** continuar.”(M3C07)
- Nível 2 (oposição marcada): o segundo nível contém aqueles pares nos quais [os elementos fonéticos que estabelecem a oposição] são marcados em pelo menos um membro da oposição.
- 2a: envolve ditongação e/ou mudança na qualidade da vogal na forma plural;
Exemplo: “Os meus filho **VAI** ficar...” (M3F31)
- 2b: envolve acréscimos de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural;
Exemplo: “Então, elas **VENDERAM** essa escola para o Estado.” (M3C07)
- 2c: envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz e até mudanças completas”.
Exemplo: “Os menino **FICOU** com eles.” (M3F31)

Naro & Scherre (2000) desenvolveram estudo em que, observando o efeito da saliência fônica, compararam o português brasileiro com o português europeu, concentrando-se na fala carioca (letrada e iletrada) e no português de textos medievais, e concluíram que estes se aproximam quanto à variação da concordância verbal. O português do Xingu, estudado por Emmerich (1984), apresenta a utilização desse princípio, assim como Lucchesi (2000), que o aplica no estudo da concordância de gênero, em Helvécia. Naro (1981), Guy (1981), Rodrigues (1987) também aplicaram o princípio da saliência fônica na concordância verbal. A saliência fônica vem sendo, assim, aplicada por muitos pesquisadores devido à sua relevância nos estudos da variação e da mudança com relação à concordância.

Os estudos feitos por Guy apresentam os resultados seguintes, reforçando a importância do princípio da saliência fônica:

categoria	Percentuais	Ocorrências	Probabilidade
come-comem	14%	894	.15
fala-falam	26%	3161	.28
faz-fazem	30%	481	.29
dá –dão	63%	1112	.69
sumiu-sumiram	66%	474	.76
é-são. falou-falaram	76%	1776	.84

Figura 21 – A importância da Saliência Fônica. (GUY, 1981, p.260.)

Silva (2003) obteve os seguintes resultados para a concordância verbal na área rural, em comunidades afrodescendentes:

Saliência fônica	P. R.
1. flexão com nível baixo de saliência fônica (ex.: sai/saem; bate/batem; fala/falam)	.27
2. flexão com nível intermediário de saliência fônica (ex.:faz/fazem; ta/tão; bateu/bateram; quer/querem; vai/vão; foi/foram)	.69
3. flexão com nível alto de saliência fônica (ex.:quis/quiseram; fez/fizeram; é/são; veio/vieram)	.78

Figura 22 – Saliência Fônica. (SILVA, 2003, p. 157)

O princípio da saliência fônica foi estendido também para a concordância que também analisou a aplicação da regra com base no material fônico existente entre as formas de singular e de plural. As formas mais salientes são mais perceptivas e por isso têm mais probabilidade de serem marcadas. Assim, a tabela 16 apresenta pesos relativos crescentes de acordo com a saliência verbal. Há nas saliências 1 e 2 uma ligeira aproximação, com a saliência 1 com pouca vantagem sobre a saliência 2 (.41) e (.38), respectivamente. Observamos a gradação crescente dos pesos relativos e suas saliências, na seguinte ordem: (.42), (.47), (.74) e (.76), para as

saliências 3, 4, 5 e 6, respectivamente³⁸. Esta variável foi a quarta selecionada na análise estatística.

Os resultados podem ser visualizados na tabela 16 e na sua representação gráfica a seguir:

Saliência Fônica	Frequência	P. R.
come / comem	216 / 339 = 63%	.41
fala / falam	1072 / 1655 = 64%	.38
faz / fazem	85 / 139 = 61%	.42
dá / dão	269 / 380 = 70%	.47
sumiu / sumiram	40 / 59 = 67%	.74
deu / deram; resolveu; resolveram; é / são; fez / fizeram; falou / falaram	656 / 796 = 82%	.76
TOTAL	2338 / 3368	69%

Tabela 16 – Concordância Verbal e Saliência fônica
Significância = .016

Exemplos:

- come / comem
 - a) Eles **OMITEM**. (H2F40) – variante explícita.
 - b) Eles já viram, eles já **CONHECE** meu ritmo. (H1F42) – variante zero.

- fala / falam
 - a) Eles já **VIRAM**. (H1F42) – variante explícita.
 - b) Eles **TROCA** e a gente vai pro show. (H1F18) – variante zero.

- faz / fazem
 - a) Tem pessoas que **DIZEM** assim: se conselho fosse bom, não se dava, vendia. (H2F40) – variante explícita.
 - b) Os mais jovens que tem treze, catorze anos, acha que é homem demais e já **QUER** bater nos mais velhos. (H1F18) – variante zero.

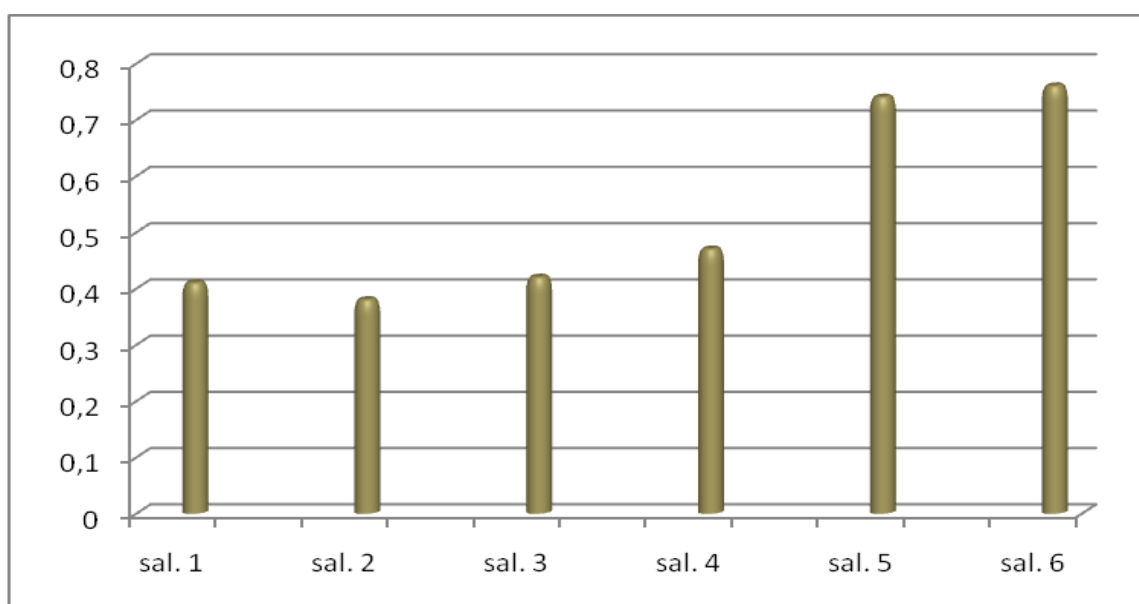
³⁸ Foram excluídas da pesquisa formas verbais como tem / têm; vem / vêm cuja identificação da oposição singular / plural é impossível de se perceber no registro oral.

- dá / dão
 - a) Short, shortinho, as meninas **VÃO**, qualquer tênis, sapato. (H1C04) – variante explícita.
 - b) E aí já **VAI** pra procurar briga com os outros. (H1F18) – variante zero.

- Sumiu / sumiram
 - a) Algumas pessoas que foram, não **CONSEGUIRAM** não. (M1F05) – variante explícita.
 - b) As pessoas que estava com um pano cheirando, quando **VIU** os policiais. (H2F40) – variante zero.

- deu / deram; resolveu; resolveram; é / são; fez / fizeram; falou / falaram
 - a) Eles aí me **FALARAM** que, quem foi que roubou. (H1F47) – variante explícita.
 - b) Meus colegas **ACHOU** que foi exagero meu. (H1F18) – variante zero.

Gráfico 16 – Concordância Verbal e Saliência fônica

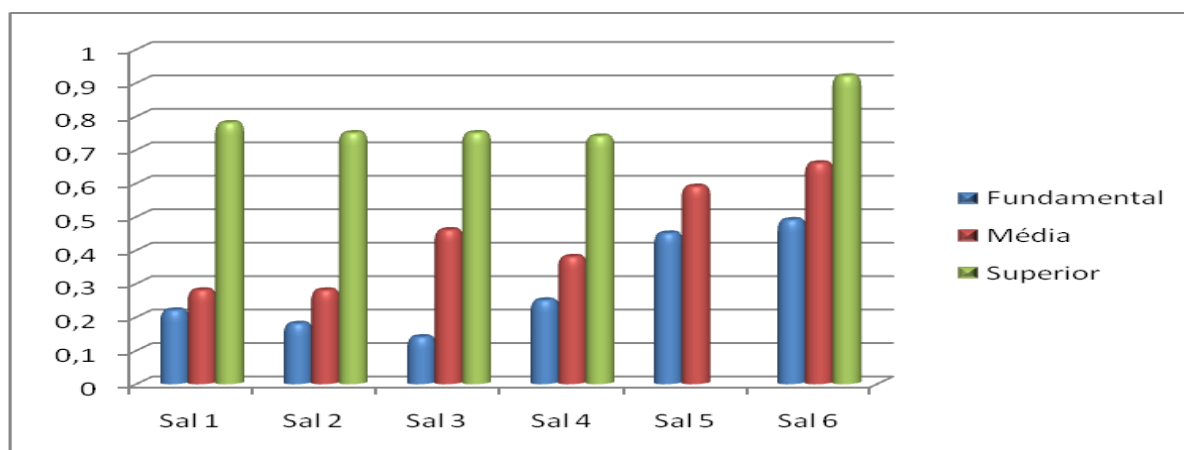


Cruzando-se saliência e escolaridade, podem ser observadas as diferenças entre os grupos de escolaridades, no que diz respeito ao efeito da saliência, isto é, se a percepção da distintividade fônica está relacionada à escolaridade do informante, que tipo de escolaridade favorece mais ou desfavorece o uso das marcas explícitas de terceira pessoa do plural.

Saliência fônica	Fundamental		Média		Superior	
	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.	Frequência	P.R.
come / comem	51 / 110 46%	.22	57 / 107 53%	.28	108 / 122 88%	.78
fala / falam	208 / 495 41%	.18	365 / 612 59%	.28	499 / 547 91%	.75
faz / fazem	20 / 53 37%	.14	38 / 57 66%	.46	27 / 29 93%	.75
dá / dão	75 / 128 58%	.25	90 / 138 65%	.38	104 / 114 91%	.74
sumiu / sumiram	13 / 26 50%	.45	14 / 20 70%	.59	-	-
deu / deram; resolveu; resolveram; é / são; fez / fizeram; falou / falaram	151 / 237 63%	.49	220 / 266 82%	.66	285 / 293 97%	.92
TOTAL	2338 / 3368					69%

Tabela 17 – Concordância Verbal no Cruzamento Saliência Fônica e Escolaridade
Significância = .017

Gráfico 17 – Concordância Verbal no Cruzamento Saliência Fônica e Escolaridade



Os resultados obtidos para a saliência fônica comprovam a hipótese de que quanto maior for a diferença entre as formas de singular e plural do ponto de vista fônico maior será a probabilidade de se aplicar a regra de concordância verbal. Há, contudo, alguns casos que parecem destoar deste princípio: trata-se do primeiro nível de saliência em relação ao segundo nível e terceiro nível, entre os falantes do nível fundamental; e com os falantes do nível médio há uma alternância nos dois primeiros níveis, o que pode ser explicado pela pouca diferença entre os níveis em destaque. O efeito da Saliência Fônica funciona em todos os níveis de escolaridade, sendo mais forte nos níveis de escolaridade baixa. Vê-se que, mesmo os informantes de nível superior demonstram menos favorecimento da concordância nos fatores em que o grau de saliência fônica é menor.

6.2.6 Tempo verbal

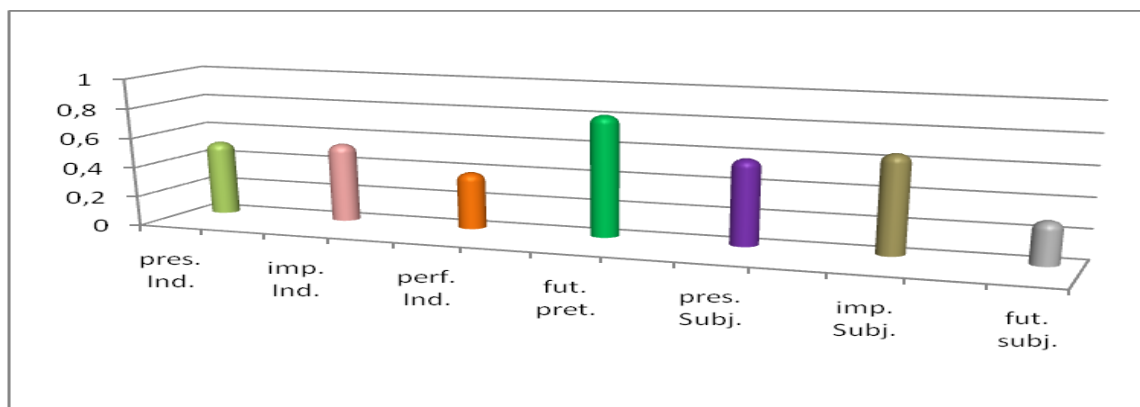
Ao tratar dessa variável, parte-se do pressuposto de que o tempo verbal influencia a concordância do verbo com o sujeito, isto é, algumas formas verbais seriam mais favorecedoras da aplicação da concordância verbal do que outras, pois alguns tempos verbais são mais marcados morfologicamente e, desse modo, o tempo verbal poderia estar relacionado à saliência fônica e determinar se a forma verbal teria mais ou menos concordância. Observem-se tabela e gráfico correspondentes aos dados obtidos. Esta variável foi a décima (última) a ser selecionada.

Tempo verbal	Freqüência		P. R.
Presente do indicativo	1251 / 1791	69%	.50
Pretérito imperfeito do indicativo	616 / 945	65%	.53
Pretérito perfeito do indicativo	353 / 471	74%	.38
Futuro do presente	-	-	-
Futuro do pretérito	20 / 26	76%	.81
Presente do subjuntivo	60 / 79	75%	.57
Pretérito imperfeito do subjuntivo	30 / 38	78%	.65
Futuro do subjuntivo	8 / 18	44%	.28
TOTAL	2336 / 3368	69%	

Tabela 18 – Concordância Verbal e Tempo verbal
Significância = .016

Verifica-se que algumas formas do presente do indicativo (exceto *é/são*) são menos salientes que as formas de passado (*foi/foram*) mais salientes. Parece haver uma indicação natural de que alguns tempos verbais são mais salientes que outros. Um dado curioso é a não ocorrência de formas de futuro do indicativo em nossos dados, um indício, talvez, da mudança em progresso presente na estrutura verbal do português brasileiro. Como comparar o presente do indicativo, que sabe-se ser pouco saliente, com o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito que são tempos mais salientes? Nos dados colhidos o presente se apresenta com maior peso relativo que o pretérito imperfeito e com o pretérito perfeito. Seria a quantidade de dados que estaria mascarando esses resultados? O futuro do subjuntivo também apresentou poucos casos, o que direciona a fazer outras investigações para serem encontradas outras explicações mais coerentes para esses resultados. O que determina a concordância: o tempo verbal ou a saliência fônica? Neste trabalho a saliência mostrou-se mais produtiva que o tempo verbal.

Gráfico 18 – Concordância verbal e Tempo verbal



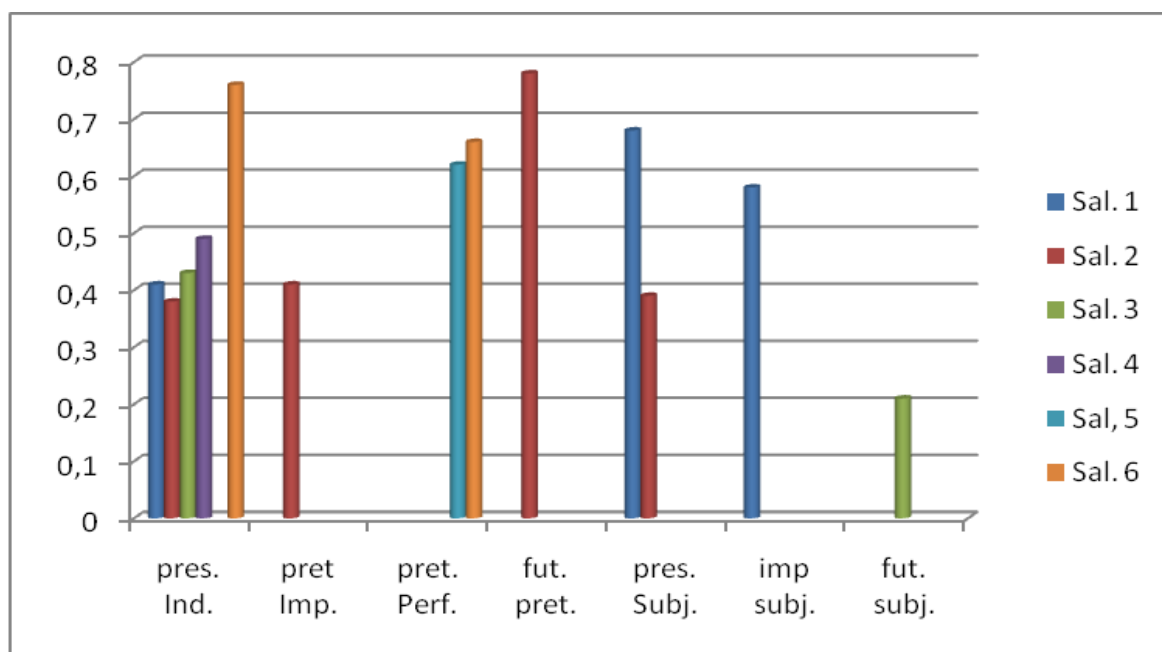
A tabela 20 apresenta os dados relativos ao cruzamento do Tempo Verbal com a Saliência Fônica:

Tempo verbal e Saliência	Freqüência		P. R.
Presente do indicativo x Saliência 1	161 / 271	59%	.41
Presente do indicativo x Saliência 2	400 / 635	62%	.38
Presente do indicativo x Saliência 3	78 / 122	63%	.43
Presente do indicativo x Saliência 4	269 / 377	71%	.49
Presente do indicativo x Saliência 6	342 / 385	88%	.76
Pretérito imperf. do ind. x Saliência 2	613 / 941	65%	.41
Pretérito perfeito x Saliência 5	39 / 58	67%	.62
Pretérito perfeito x Saliência 6	311 / 408	76%	.66
Futuro do pretérito x Saliência 2	20 / 25	80%	.78
Presente do subjuntivo x Saliência 1	25 / 28	89%	.68
Presente do subjuntivo x Saliência 2	36 / 49	71%	.39
Pret. Imperf. do subjuntivo x Saliência 1	29 / 36	80%	.58
Futuro do subjuntivo x Saliência 3	7 / 17	41%	.21
TOTAL	2331 / 3356		69%

Tabela 19 – Concordância Verbal no Cruzamento Tempo Verbal e Saliência Fônica
Significância = .000

O presente do indicativo não apresenta dados para a saliência 5, determinante de formas verbais no pretérito perfeito e os pesos relativos vão gradativamente aumentando de acordo com a saliência das formas verbais, atingindo **(.80)** a saliência 6 (é/são). Na seqüência, podemos observar que cada tempo verbal aumenta a probabilidade de fazer a concordância com seu sujeito à medida que também aumenta a sua saliência. Os dados evidenciam que o tempo verbal é suplantado pela saliência fônica que é mais favorecedora da aplicação da regra de concordância sujeito verbo.

Gráfico 19 – Concordância Verbal no Cruzamento Tempo Verbal e Saliência Fônica



6.2.7 Tipos de verbo

O tipo de verbo está diretamente relacionado com o tipo de argumento selecionado pelo verbo para desempenhar a função de sujeito da oração. Dentro desse grupo de fatores, mereceu destaque o comportamento dos verbos inacusativos (ergativos) que selecionam sujeitos que compartilham propriedades semânticas com os objetos diretos dos verbos transitivos diretos. Espera-se uma menor ocorrência de aplicação da regra de concordância com esse tipo de verbo, uma vez que o falante é levado a interpretar o sujeito da oração como objeto direto, resultando na ausência de concordância. Espera-se, contudo, que os verbos inergativos (intransitivos) favoreçam mais a aplicação da regra de concordância. Segue o gráfico 20 para melhor identificação dos resultados encontrados. Os cruzamentos feitos não demonstraram significância para esclarecimento da análise. A variável Tipos de Verbo foi a oitava a ser selecionada.

Tipos de verbos	Frequência		P. R.
Transitivo	846 / 1239	68%	.48
Intransitivo	508 / 825	61%	.42
Inacusativo	38 / 73	52%	.38
Ligação	632 / 784	80%	.59
Modal	43 / 68	63%	.32
Auxiliar	238 / 340	70%	.55
Auxiliar em passiva	33 / 39	84%	.69
TOTAL	2338 / 3368	69%	

Tabela 20 – Concordância Verbal e Tipos de Verbos
Significância = .016

Exemplos:

- transitivo
 - a) Elas **FAZIAM** perguntas. (H1F42) – variante explícita.
 - b) Também as professoras não **GOSTAVA** de ensinar direito. (H1F47) – variante zero.

- Intransitivo
 - a) Meus amigos de infância **SUMIRAM, FORAM** pra São Paulo.(H1F18) – variante explícita.
 - b) Os caras não **FOI** (à escola) a semana inteira. (H1F47) – variante zero.

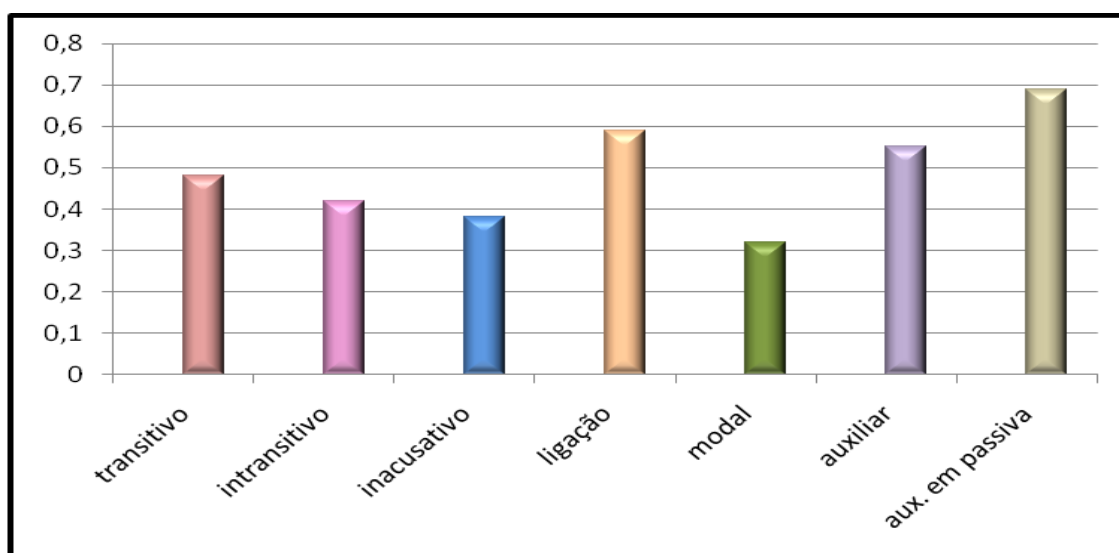
- Inacusativo
 - a) **APARECERAM** meus sete irmãos. (H3U015N) – variante explícita;
 - b) **ACONTECEU** muitos casos de criança morrer. (M1C03) – variante zero.

- ligação
 - a) Aí eles **FIGAM** bravos. (M4F39) – variante explícita.
 - b) Elas **EH** muito encrenqueira. (H1F47) – variante zero.

- modal
 - a) As crianças ficam fazendo muitas coisas que não **DEVERIAM** fazer, (M2C21) – variante explícita.

- b) Eu conheço uma família que via assim: os homens **PODE** tudo. (M2C10) – variante zero.
- auxiliar
 - a) Os irmãos, NE? **ESTÃO** crescendo. (H1F42) – variante explícita.
 - b) Tem muitos que brincando **VAI** destruindo assim, sabe? (M1C02) – variante zero.
 - auxiliar em passiva
 - a) (alunos / na fala do entrevistador) No caso **ERA** incentivado– variante explícita.
 - b) Os outros não **FORAM** criados comigo. (H2F22) – variante zero.

Gráfico 20 – Concordância Verbal e Tipos de Verbos



A variável *Tipos de verbos* apresentou um baixo índice de aplicação da regra de concordância com os verbos inacusativos (**.38**), o que era esperado. No entanto, o baixo índice de concordância com os verbos modais (**.32**) foi inesperado. Os demais tipos de verbo se apresentaram dentro do esperado.

6.2.8 Efeito gatilho

Esperava-se que os informantes fizessem a concordância quando estimulados pelo interlocutor. No entanto isso nem sempre acontecia, a aplicação da regra de concordância está, provavelmente, condicionada a outros fatores, sobretudo à escolaridade e à Posição e Realização do Sujeito, e não ao efeito gatilho.

Os informantes, durante as entrevistas, eram estimulados pelos documentadores a responderem aos questionamentos com a aplicação da regra de concordância.

- Eles obedeciam aos pais? (fala do documentador)
OBEDECIAM. (M4F38) – variante explícita.
- As professoras eram boas? (fala do documentador)
ERA, sim, ERAM boas. (M2C10) – variante zero.

Foram estimulados e responderam positivamente a esses estímulos em 18 casos de um total de 30 ocorrências, perfazendo um total de 60%; não foram estimulados em 3338 vezes e fizeram a concordância verbal em 2320 situações. Os informantes foram muito pouco estimulados e, provavelmente este pode ter sido um dos motivos para a variável não ter sido selecionada.

6.3 RESULTADOS DAS ANÁLISES

A análise dos nossos dados nos levou às seguintes conclusões quanto às variáveis sociais e lingüísticas:

1. A observação da escolaridade comprova o que vem sendo projetado em outros estudos: quanto maior for o tempo de estudo, mais probabilidade existe de se aplicar a regra de concordância.
2. Nota-se com bastante evidência a separação entre cultos e não cultos, ou seja, os que usam uma norma culta e outros que usam uma norma popular,

de acordo com o quadro polarizado que se estabeleceu para a sociedade brasileira em função da sua sócio-história.

3. O estudo do gênero atesta aproximação entre homens e mulheres quanto à concordância, notadamente entre os informantes de escolaridade média que disputam mais fortemente quanto ao mercado de trabalho. Neste caso, as mulheres procuram impor a utilização de uma língua mais próxima do padrão culto para terem maior aceitação social. A distância entre homens e mulheres quanto à aplicação da concordância se concentra mais nas camadas populares situação em que as mulheres, para conquistarem seu espaço e serem respeitadas, buscam uma fala mais apurada que apresente marcas de aplicação da concordância.
4. A variável faixa etária apresentou resultados que caracterizam indícios de mudança lingüística em progresso. Os jovens estão se distanciando cada vez mais dos mais velhos na fala de Salvador com relação à aplicação da regra de concordância verbal. Os primeiros preferindo as formas inovadoras, se distanciando do padrão culto e os mais velhos se mantendo conservadores, utilizando formas mais próximas da língua padrão. Convém lembrar que, com relação à concordância verbal, os mais velhos fazem mais concordância que os mais jovens em todos os níveis de escolaridade. Pode ser apenas uma gradação geracional, os mais jovens podem vir a fazer mais concordância quando ficarem mais velhos e este ciclo vai se repetindo a cada geração. Há necessidade de um estudo em tempo real.
5. A variável mercado lingüístico comprova a necessidade de se usar formas lingüísticas de maior prestígio a depender da atuação profissional do informante na sociedade, embora exista uma certa identificação com a escolaridade. Os falantes de maior escolaridade, diante da sua atuação em empregos melhores, apresentaram maior mercado. O nível fundamental não teve cotação 3 no mercado lingüístico nem os informantes de nível superior tiveram cotação 1.

6. A primeira variável lingüística observada, *Realização e posição do sujeito*, comprova que o sujeito quanto mais próximo estiver do verbo, trará mais chances para este fazer a concordância verbal, exceto nos casos de sujeito posposto em que há inibição da aplicação da concordância.
7. A concordância nominal no sujeito é amplamente favorecedora da aplicação de marcas de plural no verbo, o que se justifica pelo princípio da coesão estrutural, que condiciona a ocorrência de marcas explícitas de plural no verbo se estas também estiverem presentes no sujeito. Desse modo, podem-se condicionar as marcas presentes no sintagma nominal sujeito como probabilidade de também ocorrerem marcas flexionais no sintagma verbal da mesma oração.
8. A indicação de plural no sujeito juntamente com o efeito gatilho foram as variáveis não selecionadas em todas as análises estatísticas, o que significa dizer que esses grupos de fatores não contribuem para o estudo da concordância verbal na fala de Salvador.
9. A caracterização semântica do sujeito atesta que o traço [+humano] dos sujeitos favorece a aplicação da regra de concordância mais que com sujeitos que apresentem o traço [-humano]; mas quando esta variável está cruzada com a faixa etária ou escolaridade, ela não foi determinante para a aplicação da regra, ficando as demais variáveis com o controle da concordância.
10. A saliência fônica foi uma das variáveis mais determinantes na aplicação da concordância verbal. Em todas as rodadas de análises, esta variável foi selecionada, mostrando que as formas verbais mais salientes têm mais probabilidade de fazerem a concordância que as menos salientes.
11. O tempo verbal foi determinante na aplicação da concordância, quando rodado isoladamente, pois quando foi cruzado com a saliência, foi neutralizado por esta que passou a ter o controle da concordância. Na

verdade, o que existe são tempos verbais cuja oposição terceira pessoa do singular/terceira pessoa do plural são naturalmente mais salientes que outras. Logo o tempo verbal só favorece mais a aplicação da concordância nas formas em que é mais saliente.

O português brasileiro passa por várias tendências de mudança com relação ao fenômeno da concordância verbal como atesta Lucchesi (2006), no quadro seguinte, a partir de estudos realizados em diversas variedades do PB:

Tendências de mudança na concordância verbal em diversas variedades do português brasileiro

Variedade do Português brasileiro	Faixa etária	Freqüências	P. R.
	Idosos	Adultos	Jovens
Norma urbana culta (NURC-RJ / GRACIOSA, 1991)	98%	93%	93%
Norma urbana semiculta (PEUL-RJ / SCHERRE e NARO, 1997)	70%	80%	71%
Português popular rural (NINA, 1980)	34%	42%	61%
Comunidades rurais afro-brasileiras (SILVA, 2003)	10%	14%	22%

Figura 23 - Tendências de mudança na concordância verbal em diversas variedades do português brasileiro. (LUCCHESI, 2006, p. 105)

As realidades lingüísticas apresentadas (cultas, semicultas, populares rurais e rurais afrodescendentes) por Lucchesi (2006) apontam as tendências de um cenário de polarização da realidade lingüística brasileira. A essa realidade somam-se os dados da presente pesquisa, que reforçam as afirmações concernentes à concordância verbal. Nos dados do PEPP, os informantes mais velhos (Faixa etária

IV/acima de 65 anos) mostram-se mais conservadores: 82% aplicam a regra de concordância verbal contra a população adulta (Faixa etária III/45 a 55 anos) que figura com 73%. Os informantes adultos (Faixa etária II/25 a 35 anos) fazem 73% de concordância e os mais jovens (Faixa etária I/15 a 24 anos) apresentam 50% de concordância, sinalizando para a perda das desinências verbais.

Conclusão 1: o português brasileiro apresenta uma *norma culta* (NURC) e uma *norma semi-culta* (PEUL e PEPP) que passa por um processo de variação estável, ou um ligeiro declínio de concordância.

Conclusão 2: existe no PB uma *norma popular* com tendência clara à implementação da concordância verbal tanto na variedade rural quanto na afro-brasileira. Confirma-se a polarização do PB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise aqui apresentada estudou a variação da concordância verbal em dados coletados do Projeto NURC e do PEPP, através da análise de quatro variáveis sociais e oito variáveis lingüísticas.

Os processos de variação e mudança por que passa o português brasileiro apontam um panorama sociolingüístico do Brasil de grande complexidade. O estudo da concordância verbal no português popular brasileiro evidencia um quadro social em que a população de maior poder aquisitivo goza de direitos da cidadania e, por esse motivo, possui um elevado grau de escolaridade. A população menos privilegiada é marcada pela ausência desses direitos que se refletem na desvalorização da fala marcada pela ausência de flexões gramaticais, principalmente aquelas que marcam a concordância do verbo com o sujeito. A simplificação na estrutura morfossintática da língua é inibida pela ação normatizadora da escola que atua com bastante pressão para que os falantes adquiram uma língua que exiba essas marcas, sem simplificá-las e não sejam estigmatizados socialmente pela não utilização delas. A população menos privilegiada, situada na base da pirâmide social, demonstra um quadro muito amplo de variação, se opondo à língua dos mais cultos. São os efeitos da polarização da realidade lingüística brasileira, determinando o surgimento de duas normas lingüísticas no português brasileiro: uma culta, para os mais privilegiados economicamente, e outra popular, para os menos privilegiados. Os resultados mais evidentes desse quadro social e, por conseqüência, lingüístico, se mostram claramente na regra de concordância verbal que se caracteriza, hoje, como um marcador social, ao determinar prestígio para quem a usa, estimulando os falantes de segmentos populares que procuram prestígio social a usarem essas regras. Cabe, portanto, à escola esclarecer e orientar os falantes do português, sobretudo os pertencentes às camadas mais pobres, como adquirir uma língua e como usá-la em situações diversificadas sem medo do desprestígio e estigma social. A escola precisa assumir a função de orientar esses falantes, a adquirirem uma maneira de participar da sociedade sem anular sua linguagem de origem e sem se desvalorizar, pois, enquanto não houver uma política de inclusão social que possa garantir à camada da população menos privilegiada participação na sociedade com garantia

de trabalho, moradia e estudo, as diferenças entre os dois pólos sociais vão se acentuar e reforçar as duas realidades sociolingüísticas existentes na cidade de Salvador.

A presente pesquisa comprova a existência de duas normas lingüísticas que seguem trajetórias opostas. Há contextos que propiciam maior aplicação da regra de concordância verbal e há outros que desfavorecem a aplicação dessa regra, sobretudo quando se trata da variável faixa etária. Os falantes mais jovens, mais inovadores, fazem pouca concordância e os mais velhos, mais conservadores, fazem muita concordância, demonstrando um quadro de variação estável no português popular de Salvador.

Ao contribuir para o conhecimento deste quadro sociolingüístico, acredita-se que esta pesquisa atingiu um de seus objetivos, favorecendo o desenvolvimento de uma melhor consciência social em relação à língua e para um melhor posicionamento da escola no que concerne ao ensino da língua materna.

E na busca de realização desses objetivos, novos desdobramentos se colocam para futuras pesquisas, como a possibilidade de fazer um estudo em tempo real de curta duração para aferir se a tendência de mudança em curso verificada na presente pesquisa é real ou aparente, refletindo apenas uma gradação geracional, que se repetirá indefinidamente no devir histórico da língua.

REFERÊNCIAS

ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolingüística. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Ana Cristina. *Introdução à Lingüística*. Vol.1, 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 38 ed., 1992.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática – vocabulário*. São Paulo: HUCITEC/Secretaria da Cultura/Ciência e Tecnologia, 1976

ARENDS, Jacques, MUYSKEN, Pieter & NORVAL, Smith. *Pidgins and Creoles: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995, p. 53-64.

BARBOSA, Jerônimo S. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa ou princípios da Grammatica Geral*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias, 1886.

BARROS, João. *Gramática da lingual portuguesa*. Edição crítica de M. L. BUESCU, Lisboa: Faculdade de Letras, 1540/1971.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. *Processos de pidginização no sistema verbal de um dialeto rural brasileiro*. *Papia*. N.2, 1993.

BAXTER, Alan; LUCCHESI, Dante. *A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil*. *Studos lingüísticos e literários*. Salvador, Universidade Federal da Bahia, (nº especial); 65-68, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa*. Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2003.

BICKERTON, D. *The language Bioprogram Hypothesis*, Behaviorian and Braian Sciences 7.2, 1984.

CALLOU, Dinah e LOPES, Célia. *Contribuições da sociolingüística para o ensino e a pesquisa: a questão da variação e mudança lingüística*. Revista do GELNE, Ano 5, n^{os} 1 e 2, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Que podem/devem conduzir os estudos sobre a diversidade lingüística no Brasil*. In: boletim 19 – ABRALIN, p. 221-231, 1996.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Línguas européias de ultramar: o português do Brasil*. In: Dispersos, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1972, p.71-87.

CASTILHO, Ataliba T. *Português culto falado no Brasil*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1989. (Série Pesquisas).

CEDERGREN, H. J. & SANKOFF, D. *Variables rules: performance a statiscal reflection of competence*. Language, 1974, 50(2), p. 332-55.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da língua portuguesa*. 13^a. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CEREJA, William Roberto e MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Gramática Reflexiva: Texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual Editora, 1999.

COELHO, F. Adolfo. Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América. In: *Estudos lingüísticos crioulos*. Reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de geografia de Lisboa. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

COUTO, Hildo Honório do. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB, 1996.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2^a. ed. 1985.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da Língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FENAME/MEC, 1972.

ELIA, Sílvio. *A unidade lingüística no Brasil: condicionantes geoeconômicos*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora Ltda, 1979.

ELIA, S. *O problema da língua brasileira*. Rio de Janeiro:INL.1961

EMMERICH, Charlote *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. Tese de Doutorado em Lingüística e Filologia apresentada à Faculdade de Letras da UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*.São Paulo:Parábola Editorial, 2005.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSP, 2001.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1981. Dissertation on Linguistics. Mimeo.

GUY, Gregory Riordan. Sobre a natureza e origem do português popular do Brasil (On the nature and origins of popular Brazilian Portuguese). In: *Estúdios sobre Espanhol de América y Lingüística Afroamericana*. Bogotá, p. 226-224. (tradução provisória de Maria Marta Pereira Scherre, fev., 1995).

GUY, Gregory Riordan. Varbrul: análise avançada. Tradução de Ana Maria Sthl Zilles. In: NEUSA, M. (org.) *Cadernos de Tradução*. 2 ed. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, vol 1, p. 27-49, 1998.

GUY, Gregory Riordan e ZILLES, Ana Maria S. *Sociolinguística Quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, Vânia de Fátima. *A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce – MG/BH*. Faculdade de Letras, 2007, Minas Gerais.

GRACIOSA, Diva. *Concordância verbal na fala culta carioca*. Dissertação (Mestrado em Linguística), UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

HALL JR., Robert A. *The life-cycle of pidgin languages*. Festschrift De Groot (Língua II), p. 151-156, 1962.

HOLM, J. Vernacular Brazilian Portuguese: a Semi-Creole. In: D'ANDRADE, E. , KIHM, A. (orgs.). *Actas do Colóquio sobre “crioulos de base lexical portuguesa”*. Lisboa: Colibri, p. 37-66, 1992.

HORA, Dermeval da. Teoria da variação: uma retrospectiva. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, , p. 159-74.

HOUAISS, Antônio. *O português do Brasil*. Rio de Janeiro: Unibrade, 1985.

HUBER, Joseph. *Gramática do português arcaico*. Lisboa: F. C. Gulbenkian, 1986.

KATO, M. e ROBERTS, I. (orgs.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York*. Washington D. C.: Center for Applied Linguistics, 1996.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Building and Empirical foundations*. Pennsylvania: University of Pennsylvania, 1982.

LABOV, William. *The intersection of sex and class in the course of linguistic change*. Cambridge University Press, 1991.

LABOV, William. *Principles of linguistic Change*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1994.

LABOV, William. *The social stratification of the English of New York City*. Washington, D. C.: Center of Applied Linguistics, 1996.

LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos* (tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Scherre e Caroline R. Cardoso). Parábola Editorial: São Paulo, 2008.

LAVANDERA, Beatriz. *Variation y significado*. Buenos Aires, Hachette, 1984.

LEMLE, M. & NARO, A. J. *Competências básicas do Português*. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras MOBREAL e Fundação FORD. Rio de Janeiro. 1977.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Variantes Nacionais do Português: sobre a questão da definição do português do Brasil. In: *Revista internacional de língua portuguesa*. 12, p. 9-16. Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, 1994.

LOPES, Norma da Silva. *A concordância nominal no SN em falantes cultos de Salvador*. Salvador: Ufba, 1997. Mimeo.

LOPES, Norma da Silva. *PEPP, O estudo da fala popular de Salvador*. Rede de Pesquisadores em variação lingüística no Nordeste – Salvador, Bahia. Comunicação apresentada em Mesa Redonda: GELNE, 2000.

LOPES, Norma da Silva. *A posição, os fatores sociais e a concordância nominal na fala culta de Salvador*. Comunicação apresentada no II Congresso Brasileiro da ABRALIN. Florianópolis, 1999. Mimeo.

LOPES, Norma da Silva. *Concordância nominal, contexto lingüístico e sociedade*. Tese (Doutorado em Letras e Lingüística), Salvador, UFBA, 2001.

LOREGIAN, Loremi. *Concordância Verbal com o pronome Tu na fala do sul do Brasil*. Florianópolis, Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. Mimeo., 1996.

LUCCHESI, Dante. *Chave de Transcrição do Projeto Vestígios*. Salvador: UFBA, ms, 1993.

LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, n. 12, p. 17-28, 1994.

LUCCHESI, Dante. Variação, mudança e norma: a questão brasileira: In: CARDOSO, Suzana A. M. (org.) *Diversidade Lingüística e Ensino*. Salvador: EDUFBA, 1996.

LUCCHESI, Dante. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: GROBE, S. & ZIMMERMANN, K. (eds), «*Substandart*» e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM. 1998a.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem: um percurso da lingüística neste século*. Lisboa: Colibri, 1998b.

LUCCHESI, Dante. *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira*: Novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 364 folhas. Mimeo. Tese de Doutorado em Lingüística, 2000.

LUCCHESI, Dante. *As Duas Grandes Vertentes da História Sociolingüística do Brasil (1500-2000)*. In: *DELTA*, São Paulo; no 1, vol.17, 2001, p. 1-174.

LUCCHESI, Dante. Norma lingüística e realidade social. In: *Lingüística da Norma*. Edições Loyola. São Paulo, 2002a, p. 63-90

LUCCHESI, Dante. O contato entre línguas e o conhecimento da linguagem humana. In: *Revista do GELNE, João pessoa. Ano 5, nº 1 e 2, Lingüística da Norma*. Edições Loyola. São Paulo, 2002b.p. 55-62.

LUCCHESI, Dante. *O conceito de transmissão lingüística irregular e o processo de formação do português do Brasil*. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (orgs). *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

LUCCHESI, Dante. Grandes territórios desconhecidos. *Lingüística (ALFAL)*, São Paulo, n. 14, p. 191-222, 2004,

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolingüísticos do português brasileiro. In: *Revista da ABRALIN*, vol.5, 1e 2, p.83-112, dez. de 2006.

LUCCHESI, Dante e ARAÚJO, Silvana.. *A Sociolingüística Variacionista: fundamentos teóricos e metodológicos*. In: www.vertentes.ufba.br, 2004. Acesso em 14.11.2008.

MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 3 ed, Curitiba: HD Livros Editora, 1996.

MATEUS, M. H. M. et alia. *Gramática da Língua Portuguesa*. 3 ed., Lisboa: Caminho, 1989.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Português brasileiro: raízes e trajetórias (para a construção de uma história), *Discursos-Estudos de Língua e Cultura Portuguesa*, Coimbra, Universidade Aberta, 3, 1993.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões, *Boletim da ABRALIN*, 17, 1995.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A concordância verbo-nominal facultativa no período arcaico. In: Actas do IX Congresso Internacional da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, Vol. IV, Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, p. 165-178, 1998.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A propósito das origens do português brasileiro*. Texto apresentado no Congresso da ABRALIN, Mesa Redonda “As origens do português brasileiro”. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social lingüística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português brasileiro. Vol. II, Tomo II – Primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma (Movimento no interior do português brasileiro). In: *Lingüística da Norma*. Edições Loyola. São Paulo, p. 291-316, 2002.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A generalizada difusão da língua portuguesa no território brasileiro. In: MATTOS E SILVA, *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. Vol.II, Tomo II – Primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, p. 91-108, 2004a.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do português brasileiro: em questão o propalado conservadorismo da língua portuguesa no Brasil*. In: MATTOS E SILVA, *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro. Vol.II, Tomo II – Primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FAPESP, p. 133-154, 2004b.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português do Brasil: sua formação na complexidade multilingüística do Brasil colonial e pós-colonial*. In: Cadernos de Letras, v. 1-N.1-2004c.

MATTOSO, Kátia M. de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. 3ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MAURER JR., Theodoro. *Gramática do latim vulgar*. Rio: Acadêmica, 1959.

MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*, 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 1971.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolinguística* (org.) Cadernos Didáticos. UFRJ. 1996.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Influência dos fatores sociais sobre a regência variável do verbo *IR* de movimento. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. de & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, p. 292-293, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. O tratamento das variáveis não lingüísticas. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica, Luiza Braga (orgs.), São Paulo: Contexto, 2003, p.27-32.

MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da Variação* (orgs.), São Paulo: Contexto, 2003.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis*. Mestrado em Linguística – Faculdade de Letras, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva e COELHO, Izete Lehmkuhl. Um estudo da concordância verbal de terceira pessoa em Florianópolis. In: VANDRESSEN, Paulino (org.) 2001 *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002.

MOTA, Erimita C. M.. *Escolarização e variação lingüística. Instituto de Estudos Lingüísticos*, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Dissertação de Mestrado. Mimeo, 124p. 1979.

MOTA, Jacira e ROLLEMBERG, Vera. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de Salvador. Materiais para seu estudo*. Vol. I – Diálogos entre informante e Documentador. UFBA, Instituto de Letras, Salvador, 1994.

MUSSA, Alberto B. N. *O papel das línguas africanas na história do português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of a syntatic change, *Language*, n.57, p.63-98,1981.

NARO, Anthony. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecilia (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: FL/UFRJ, pp. 18-25. (Cadernos Didáticos).1992

NARO, Anthony & SCHERRE, Marta Maria Pereira. Sobre as origens do português popular do Brasil. *DELTA*, vol.9, nº Especial, 1993, p. 437-454.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Marta Maria Pereira. Variable concord in portuguese: The situation in Brasil and Portugal. In: Mc WHORTER, John (ed.) *Language change and language contact in pidgins and Creoles*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2000.

NARO, Anthony Julius & SCHERRE, Marta Maria Pereira. O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturais do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia & ABRAÇADO, Jussara. (orgs.) *Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro:7 Letras, 2003.

NARO, Anthony Julius, SCHERRE, Maria Marta Pereira. SCHERRE (org.) *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica, Luiza Braga (orgs.), São Paulo: Contexto, 2003, p.43-50.

NASCENTES, Antenor. *O idioma Nacional*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Livraria Machado e Alves, 1933.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: EDUNESP, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

NICOLAU, Eunice Maria das Dores. *A ausência de concordância em Português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado em Linguística – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte. 1984

NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. *Concordância Nominal/verbal do analfabeto na Microrregião de Bragantina*. Dissertação (Mestrado em Linguística), PUC-RS, Porto Alegre, 1980.

OLIVEIRA e SILVA, G. M. de & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolinguísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1998.

OLIVEIRA e SILVA, G. M. de & PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora de. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M. de & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.) *Padrões sociolingüísticos: análises de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Departamento de Lingüística e Filologia, UFRJ, 1998.

PAIVA, Maria da Conceição de. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica, Luiza Braga (orgs.), São Paulo: Contexto, 2003. p.33-42.

PAIVA & DUARTE, *Mudança lingüística: observações no tempo real*. In: *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica, Maria Luiza Braga (orgs.). São Paulo: Contexto, 2003. p. 179-190.

PEREIRA, Dulce. *Crioulos de base portuguesa*. Editora Caminho, AS, Lisboa, 2006.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Editora Ática, 3. ed.,1998.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Os falares africanos na interação social do Brasil colônia*. Salvador: UFBA/ Centro de Estudos Baianos, 1980.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A participação das línguas africanas na construção do português do Brasil*. In: Kilombo no. 4, Université Omar Bongo. Libreville, janvier 2008, p.61-68.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *A língua MINA-JEJE no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e culturais, Belo Horizonte, 2002.

POSSENTI, Ciro. *Casos especiais de concordância*. In: Revista Língua Portuguesa, Contraponto p.40-41. ano III, Número 28, 2008.

PINHEIRO LOBATO, Lúcia Maria. *Sobre as origens do português do Brasil: proposta de uma nova abordagem*. Texto apresentado no Congresso Nacional da ABRALIN. Fortaleza, 2001.

PINTIZUK, Susan. *VARBRUL programs*. Tradução de Ivone Isidoro, revisão de Maria Thereza Gomes Fioreti e Maria Marta Pereira Scherre (coord.), 1988.

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RIBEIRO, A *mudança do PB é mudança em relação a que gramática?* Comunicação I Seminário para a história do português brasileiro. Atas, 1997.

RIBEIRO, A *origem do português culto. A escolarização*. Comunicação em Encontro da UNIFACS, Salvador (mimeo), 1999.

ROBINSON, J.S., LAWRENCE, H.R. & TAGLIAMONTE, S.A. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Nova York, 2001.

RODRIGUES, Ângela Maria de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, S. P. Tese de Doutorado, 1987.

RODRIGUES, Aryon. *As línguas gerais sul-americanas*. In: PAPIA 4(2).6-18. 1996.

RODRIGUES, Aryon. *A originalidade das línguas indígenas*. Conferência feita na inauguração do Laboratório de línguas indígenas do Instituto de Letras da UNB, em 8 de julho de 1999.

RODRIGUES, Aryon Dall'Ígna. *Breve história da língua dos índios vistos por Cabral*. In: *Universa*: Brasília, v.8, no. 3, p. 541-552, setembro de 2000.

RODRIGUES, José Honório. A vitória da língua portuguesa. *Humanidades*. Volume I, n. 4, Universidade de Brasília, Julho / Setembro 1983.

ROMAINE, Susane. *Pidgin & Creole Languages*. Londres/Nova York: Longman, p. 154-203, 1988.

ROSSI, N. A realidade lingüística brasileira. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, vol. 22, p. 35-44. 1980.

SANKOFF, D. Variables rules. In: AMMON, U. & DITTMAR, N. MATTHEIER, K. J.(eds.) *Sociolinguistics – An International handbook of the science of language and society*. Berlim/New York: Walter de Gruyter, 1988.

SCHERRE, Maria Marta. Sobre o princípio da atuação da saliência fônica na concordância nominal. In: TARALLO, F. *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: Pontes, 1989, p. 302-332.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. Variação e mudança: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 20, Campinas: Unicamp, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. The serial effect on internal and external variables. *Language variation and change*, 4, 1992, p.1-13.

SCHERRE, Maria Marta. *Introdução ao pacote VARBRULL para microcomputadores*. UFRJ/UnB, 1992/1993. Inédito.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. A concordância de sujeito no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da. (org.) *Diversidade lingüística no Brasil*. João Pessoa, Idéia, 1997. p.93-114.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Pressupostos teóricos e suporte quantitativo. In: SILVA, Giselle Machiline de Oliveira; SCHERRE, Maria Marta (Orgs.) *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*: Tempo Brasileiro, 1998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony J. *Sobre as origens estruturais do português brasileiro: crioulização ou mudança natural?* In: PAPIA 11, p.40-50, 2001.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüístico y pragmática del español*. Georgetown University Press/Washington, D.C., 2001.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal no português afro-brasileiro: um estudo sociolingüístico de três comunidades rurais do Estado da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística), UFBA, Salvador, 2003.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolingüístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*. Tese de doutorado, Salvador, UFBA, 2005.

SILVA, Jorge Augusto Alves da. *Africanos e afro-descendentes na constituição da identidade sociolingüística do português do Brasil: o caso de Cinzento*. Comunicação apresentada no II SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACOLHENDO AS LÍNGUAS AFRICANAS – UNEB (18 a 20 de agosto de 2008).

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis lingüísticas. In: *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. Maria Cecília Mollica, Luiza Braga (orgs.), São Paulo: Contexto, 2003, p.67-72.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da Língua portuguesa no Brasil*. 2ª Ed. Instituto Nacional do Livro – Ministério da Educação e Cultura: Rio de Janeiro, 1963.

SILVA NETO, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. 5ª Ed. Presença: Rio de Janeiro, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Série III – vol. 3, 1960, p.257-261.

SOUZA, Constância Maria Borges de. *A concordância sujeito/verbo num dialeto baiano*. Salvador, UFBA. Dissertação de Mestrado. Mimeo, 1981.

SOUZA, Constância Maria Borges de. *A concordância sujeito/verbo num dialeto baiano*. Salvador, UFBA. Dissertação de Mestrado. Mimeo, 1981.

SOUZA, Constância Maria Borges de. *Presença/ausência de flexão de 3ª pessoa no português falado em Salvador*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional 500 anos da Língua Portuguesa no Brasil. Universidade de Évora/PORTUGAL, 2000.

SOUZA, Constância Maria Borges de. *A concordância verbal: a relevância das variáveis lingüísticas e não lingüísticas*. Comunicação apresentada na XX Jornada Nacional de Estudos Lingüísticos. Universidade Federal da Paraíba, 2004.

SOUZA, Pedro Daniel dos Santos. *A Concordância Verbal em Português: o que nos revela o período arcaico*. Dissertação de Mestrado, UFBA (2005). Orientadora Profa. Dra. Rosa Virgínia Mattos e Silva.

TAGLIAMONTE, Sali A., *Analysing Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press. 2006.

TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1990.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX . In: ROBERTS, I. e KATO, M (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. p.69-106, 1993.

TARALLO, Fernando. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro. In: ROBERTS, I. e KATO, M (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. p.35-68, 1993.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática (Série Princípios), 2002.

TARALLO, Fernando. (org.) *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas, Pontes Editores, 1989.

TERRA, Eranani e NICOLA, José de. *Gramática & Literatura para o 2º grau*. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 1º graus*. São Paulo: Cortez, 5. ed., 2000.

TUFANO, *Estudos de língua portuguesa: GRAMÁTICA*. São Paulo: Editora Moderna, 1995.

WEINREICH, LABOV, HERZOG. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXOS

**ANEXO 1 - Quadro geral dos inquéritos da amostra atual (década de 90)
PEPP (48 inquéritos) / NURC (18 inquéritos) / TOTAL: 66 inquéritos³⁹**

FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	HOMEM	MULHER
Faixa etária I (15 a 24 anos)	Ensino Fundamental (máximo de 5 anos)	PEPP/18	PEPP/05
		PEPP/42	PEPP/43
		PEPP/47	PEPP/44
	Ensino Médio (mínimo de 11 anos)	PEPP/04	PEPP/02
		PEPP/20	PEPP/03
		PEPP/48	PEPP/12
Faixa etária II (25 a 35 anos)	Ensino Fundamental (máximo de 5 anos)	PEPP/09	PEPP/19
		PEPP/22	PEPP/29
		PEPP/40	PEPP/45
	Ensino Médio (mínimo de 11 anos)	PEPP/13	PEPP/10
		PEPP/28	PEPP/21
		PEPP/33	PEPP/23
	Ensino Superior (mínimo de 15 anos)	NURC 006/N	NURC 011/N
		NURC 009/N	NURC 013/N
		NURC 010/N	NURC 014/N
Faixa etária III (45 a 55 anos)	Ensino Fundamental (máximo de 5 anos)	PEPP/30	PEPP/31
		PEPP/32	PEPP/36
		PEPP/37	PEPP/46
	Ensino Médio (mínimo de 11 anos)	PEPP/15	PEPP/07
		PEPP/24	PEPP/08
		PEPP/26	PEPP/17
	Ensino Superior (mínimo de 15 anos)	NURC 002/R	NURC 004/R
		NURC 003/R	NURC 011/R
		NURC 015/N	NURC 012/N
Faixa etária IV (acima de 65 anos)	Ensino Fundamental (máximo de 5 anos)	PEPP/06	PEPP/01
		PEPP/34	PEPP/38
		PEPP/35	PEPP/39
	Ensino Médio (mínimo de 11 anos)	PEPP/11	PEPP/25
		PEPP/14	PEPP/27
		PEPP/16	PEPP/41
	Ensino Superior (mínimo de 15 anos)	NURC 012/R	NURC 005/R
		NURC 006/R	NURC 008/R
		NURC 009/R	NURC 013/R

³⁹ A constituição desse *corpus* compreendeu parte da primeira etapa desta Tese de Doutorado: organização dos dados para a análise do fenômeno da concordância verbal.

ANEXO 2 – Quadro resumo dos dados cadastrais dos informantes PEPP⁴⁰

Cd Inf	Sexo	F Etaria	Escol	Trabalho	Atividade	Outras ativ	Outras Inf
PEPP01	F	4	F	Forum / aposentada	escrevente de cartório		Inquérito realizado no casa do informante
PEPP02	F	1	C	estudante / estagiária da pós-	estágio		Realizado no Instituto de Letras / UFBA.
PEPP03	F	1	C	estudante	cursinho	Atividade da igreja	Inq realizado na casa do doc
PEPP04	M	1	C	estudante	só estuda		Inquérito realizado na casa do documentador
PEPP05	F	1	F	desempregada	não trabalha	não trabalha, é doente	
PEPP06	M	4	F	aposentado	hoje: representante de rolas metálicas	Antes: vendas de filmes cinema, gráf, programador	Inquérito realizado na casa do informante
PEPP07	F	3	C	aposentada	antes: professora prinária	Antes: coord da merenda, coorden administrativa	Inquérito realizado na casa do informante
PEPP08	F	3	C	desempregada	dona de casa	digitador, bancário	Inquérito realizado na casa do informante
PEPP09	M	2	F	COELBA	Auxiliar de serviços gerais	Copeiro e garçon	Conhecimento de poucos meses
PEPP10	F	2	C	H Clínicas	Auxiliar de enfermagem	Atividade da igreja	Conhecido no dia da entrevista
PEPP11	M	4	C	COELBA, apos	aposentado	antes: func pub, militar	Conhecido no dia da entrevista
PEPP12	F	1	C	estudante	estudante	só estuda	
PEPP13	M	2	C	Instituto de Letras da UFBA	porteiro	fotógrafo de eventos	Inquérito realizado na casa do documentador casa do doc
PEPP14	M	4	C	aposentado, controlador de vôo	pinta, faz quadro	pescador, assistente adm em plataforma (antes)	Inq na casa do informante
PEPP15	M	3	C	Localiza Rent a Car	motorista	antes: supervisor, enc de serv	Inquérito realizado na casa do informante

⁴⁰ Os dados cadastrais dos informantes foram organizados da seguinte maneira: para o **código do informante**, foi colocado o número do inquérito; o **gênero** foi identificado com M (para o sexo masculino) e com F (para o sexo feminino); a **faixa etária** recebeu 1 (para os informantes de 15 a 24 anos), 2 (para os informantes de 25 a 35 anos), 3 (para os informantes de 45 a 55 anos) e 4 (para os informantes acima de 65 anos) e a **escolaridade** foi identificada com F (para o nível Fundamental) e C (para o nível Médio ou Colegial). Seguem-se as informações sobre **Trabalho**, **Atividade** desempenhada, **outras atividades** e **outras informações** sobre os informantes.

Cd Inf	Sexo	F Etaria	Escol	Trabalho	Atividade	Outras ativ	Outras Inf
						gerais	
PEPP16	M	4	C	COPEC (aposentado)	antes: supervisor, hoje: boemia, jogo	Petrobrás, Telebahia, pouco tempo antes da COPEC	Inquérito realizado na casa do informante
PEPP17	F	3	C	enfermeira aposentada	participa de grupo de 3ª idade		Inquérito realizado na casa do informante
PEPP18	M	1	F	prédio na Pituba	porteiro	antes foi comerciante	Inquérito realizado na casa do documentador, no prédio onde o informante trabalha.
PEPP19	F	2	F	diversos prédios	faxineira de prédios	faxineira doméstica	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP20	M	1	C	Esp Clube Vitória	jogador de futebol de salão		Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP21	F	2	C	dona de casa	est cursos do SENAC		Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP22	M	2	F	Embasa (Federação)	encanador	serviços gerais	Inquérito realizado na casa do documentador. Conhecimento do informante no dia da entrevista.
PEPP23	F	2	C	free-lance	fotografia e locução	estudo de Radialismo e Cinema	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP24	M	3	C	diversos	contador autônomo		Inquérito realizado na casa do informante
PEPP25	F	4	C	aposentada	prof apos		Conhecimento do informante no dia da entrevista.
PEPP26	M	3	C	Cefet-Ba	Assistente de alunos		Colega dos documentadores
PEPP27	F	4	C		dona de casa, vê televisão, ouve futebol		Conhecimento do informante no dia da entrevista.
PEPP28	M	2	C	Petipreço	Escritório		Freqüenta a Igreja Batista do bairro
PEPP29	F	2	F	Cefet-Ba	Faxineira	faxinas domésticas	Conheceu o documentador na hora
PEPP30	M	3	F	Cefet-Ba	Contínuo		Colega de trabalho do inquiridor
PEPP31	F	3	F	Cefet-Ba (firma de limpeza)	Faxineira		
PEPP32	M	3	F	Cefet-Ba	Inspetor de alunos		Colega de trabalho do inquiridor
PEPP33	M	2	C	Cefet-Ba	Inspetor de alunos		Colega de trabalho do inquiridor
PEPP34	M	4	F	Taboão	Alfaiate	pai de santo	Inquérito realizado na

Cd Inf	Sexo	F Etaria	Escol	Trabalho	Atividade	Outras ativ	Outras Inf
							alfaiataria onde o informante trabalha
PEPP35	M	4	F	Taboão, alfaiataria	Alfaiate	Pai de santo	Inquérito realizado na alfaiataria onde o informante trabalha
PEPP36	F	3	F	Colégio Estadual S do Bonfim	Faxineira	dona de casa	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP37	M	3	F	Taboão, vende cafezinho	vende cafezinho		Gravação feita em uma alfaiataria onde vende café
PEPP38	F	4	F		dona de casa	atividades do candomblé (santo)	Inquérito realizado no terreiro de candomblé
PEPP39	F	4	F	terreiro de Candomblé Cabula	mãe de santo		Inquérito realizado no terreiro de candomblé
PEPP40	M	2	F	H Roberto Santos	Serviços gerais		Inquérito realizado no Hospital Roberto Santos, local de trabalho do informante.
PEPP41	F	4	C	Não trabalha, 1 ano no Comércio	dona de casa		Inquérito realizado na casa do informante..
PEPP42	M	1	F	Diversos	Serviços gerais	Faxineiro, manobrista, jardineiro	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP43	F	1	F	0	Cuida das filhas	Ajuda a mãe	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP44	F	1	F	Condomínios diversos	Faxineira		Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP45	F	1	F	Restaurante no Centro	Ajudante de cozinheira	Faxineira	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP46	F	3	F	CEFET-BA	Limpeza da sala de professores, servir cafezinho		Inquérito realizado na casa do informante.
PEPP47	M	1	F	Patamares	Lavador de carros	Ajudante de limpeza	Inquérito realizado na casa do documentador.
PEPP48	M	1	C	Diversos	Instrutor de informática	Técnico em Informática	Inquérito realizado na casa do documentador.

ANEXO 3 - Quadro resumo dos dados cadastrais dos informantes NURC⁴¹

Cd Inf	Sexo	F Etaria	Escol	Trabalho	Atividade	Outras ativ	Outras Inf
NURC004/R	F	3	U		Professor do ensino médio e superior		Retornado
NURC005/R	F	4	U	UFBa, SEC	Professor universitário	funcionário da SEC, chefe de seção	Retornado
NURC006/R	M	4	U		Professor universitário procurador do estado	antes: locutor esportivo	Retornado
NURC007/R	M	4	U	Univ C Salv, Col L Viana	Juiz	Professor universitário e secundário	Retornado
NURC008/R	F	4	U		artista ceramista	Professor universitário e de integração artística	Retornado
NURC006/N	M	2	U	Clínica Bicho Legal	veterinário		Inquérito realizado na clínica de o informante é sócio
NURC009/N	M	2	U	Cefet-Ba	assistente administrativo	projetos arquitetônicos (trabalho informal)	Inquérito realizado no trabalho do informante
NURC010/N	M	2	U	Cefet-Ba	prof de Eletrônica	gestor	Inquérito realizado no trabalho do informante
NURC011/N	F	2	U	Colégio Núcleo / Nazaré	leciona		Inquérito realizado na casa do informante / Prima de Myr
NURC011/R	F	3	U	UFBa, professora aposentada	Professor de dança	ensino em academia	Participa de grupos de caminhadas. Inquérito realizado na casa da informante.
NURC012/N	F	3	U	Hospital das Clínicas	enfermeira	chefe de enfermaria	Cunhada de um dos documentadores; Inquérito realizado na casa do informante.
NURC012/R	M	4	U	Centro de Aperf do Magistrado	professor e juiz	advogado	Inquérito realizado na casa do informante.
NURC013/N	F	2	U	Fundação	téc assuntos	prof dança	Inquérito realizado

⁴¹ Os dados cadastrais dos informantes NURC seguem a mesma organização aplicada aos informantes PEPP, apenas mudando na coluna **Escolaridade**, onde aparece a identificação U relativa ao Nível Universitário. O PEPP só tem informantes de Nível Fundamental e de Nível Médio.

Cd Inf	Sexo	F Etaria	Escol	Trabalho	Atividade	Outras ativ	Outras Inf
				Cultural	culturais		na casa do documentador.
NURC013/R	F	4	U	Fac de Educação	prof universitária	diretora FACED	Inquérito realizado na casa do informante.
NURC014/N	F	2	U	Colégio Edgar Santos	professora de História	prepara buffet	Inquérito realizado na casa do informante.
NURC015/N	M	3	U	Cefet-Ba	prof de Eletrônica		Ex-colega de trabalho dos documentadores
NURC002/R	M	3	U		engenheiro agrônomo		Retornado
NURC003/R	M	3	U		professor universitário e pesquisador		Retornado

ANEXO 4 – Ficha cadastral⁴² utilizada para preenchimento dos dados dos informantes PEPP e dos informantes NURC novos

<u>FICHA CADASTRAL</u>	
Inf. .Nº _____	Data ___ / ___ / ___
Nome _____	
Local de Nascimento (caso não seja de Salvador, dizer quando mudou para cá) _____	
Data de Nascimento ___ / ___ / ___	
Nome do Pai _____	
Profissão _____	
Naturalidade do Pai (caso não seja de Salvador, dizer quando mudou para cá) _____	
Nome da mãe _____	
Profissão _____ Naturalidade _____ (caso não seja de Salvador, dizer quando mudou para cá)	
Nível de Escolaridade _____ Formação _____ (instituição) _____	
Local de Trabalho _____	
Atividade que desenvolve _____	
Outras Atividades (Tempo) _____	
Com quem mora: Mulher () / Marido () / Mãe () / Filhos () / Outro (especificar) _____	
Se é casado (a), ou tiver companheiro (a), apresentar seus dados:	
Naturalidade (do companheiro) _____ (caso não seja de Salvador, dizer a sua naturalidade e quando mudou para cá) _____	

⁴² A ficha cadastral reúne dados do entrevistado tais como: residência, profissão, tipos de diversão, nível de escolaridade dos amigos mais próximos, viagens, conhecimento de línguas, idade dos filhos, casamentos anteriores.

Nível de Escolaridade _____

Tempo de Convivência _____ Profissão do Companheiro _____

Local de Trabalho _____

Atividade que Desenvolve _____ Tempo _____

Se foi casado antes ou já teve outro companheiro, dizer:

Naturalidade (do antigo companheiro) _____ (caso não seja de Salvador, dizer a sua naturalidade e quando mudou para cá) _____

Nível de Escolaridade _____

Tempo de Convivência _____ Profissão _____

Local de Trabalho _____

Atividade que Desenvolve _____ Tempo _____

Número de Filhos (prenome e escolaridade de cada um)

Amigos mais próximos: a) Nome _____ Escolaridade _____

Profissão _____ Residência _____

Nome _____ Escolaridade _____

Profissão _____ Residência _____

Bairro onde nasceu _____ Bairro que freqüenta (além da residência)

Divertimentos: Numerar de acordo com a preferência e maior freqüência: (do menos (1), para o mais praticado; Marcar com zero aquele(s) que nunca preenche(m) suas horas vagas)

() cinema () viagens para cidades vizinhas (dizer qual ou quais) _____

() teatro () viagens para outros estados (dizer qual ou quais) _____

() televisão () jogar (especificar) _____

() barzinho com amigos () ir ao estádio () outro (s) _____

Viagens Feitas (dizendo duração e finalidade) _____

Conhecimento de Línguas Estrangeiras:

Língua _____ Fala? () / Lê? () / Escreve? ()

Língua _____ Fala? () / Lê? () / Escreve? ()
Forma de aquisição desse conhecimento _____
Residência _____
Telefone Residencial _____ Telefone do Trabalho _____
Grau de intimidade com o inquiridor: () Grande; () Médio; () Pequeno (especificar)
Outras Informações:

ANEXO 5 – Modelo dos questionários utilizados na gravação dos inquéritos PEPP eNURC novos⁴³

GUIA-QUESTIONÁRIO

TEMAS - Escolaridade C⁴⁴ / Faixas etárias II e III

- 1) Comportamento das crianças e dos adultos de anos atrás e de hoje;
- 2) A educação antiga e a moderna;
- 3) Elementos que interferem na atitude de pais e filhos;
- 4) Situação constrangedora vivida quando criança ou adolescente;
- 5) A escola de ontem e de hoje; os professores, os livros, os materiais, as fardas, os horários, os assuntos, a exigência;
- 6) Os castigos das diversas épocas / o castigo que mais marcou;
- 7) O ensino de português (ontem / hoje); preocupações, métodos, resultados; pontos positivos e pontos negativos do antes e do agora; sugestões;
- 8) Orientação dos deveres das crianças e acompanhamento da sua educação.

PERGUNTAS / Escolaridade C - Faixas etárias II e III

- 1) Você acha as crianças hoje muito diferentes de antigamente (alguns anos atrás?)
- 2) E os adultos, como eram?
- 3) A relação entre pais e filhos, na sua opinião, melhorou?
- 4) Tem lembrança da sua primeira professora? O que mais você lembra dela?
- 5) E como era e como é a escola? Os alunos? Os livros? Os materiais? As fardas? Os horários? Os recursos?
- 6) Você tem alguma lembrança de algo interessante do seu tempo de criança na escola? Já foi injustiçado? Pode nos contar?
- 7) Como foi o seu estudo de Português a que você se submeteu nas suas diversas fases escolares?
- 8) O que foi bom? O que foi ruim? O que mudou de lá pra cá?
- 9) Você acha que o ensino de Português deve mudar? Por quê?
- 10) Na sua opinião como deveria ser o ensino de português?
- 11) O que seria , pra você, o português correto ou falar bem?
- 12) Você já passou algum vexame devido ao uso do português? Ou soube de alguém que tenha passado? Conte.
- 13) Na sua opinião, em que as crianças deveriam ser mais estimuladas, hoje? (deveres, estudo em casa, tipos de brincadeiras);
- 14) Que tipos ou tipos de leituras?
- 15) Você acha que definir horário de estudo é bom? Como agir? O que sugerir?

⁴³ Os vários modelos de questionários tinham como objetivo a realização das entrevistas com pessoas de níveis sociais, escolaridade e faixas etárias diferentes.

⁴⁴ Os questionários abordavam o mesmo assunto: **Educação**, no entanto faziam as perguntas de maneira mais direta ou mais explicativa, conforme a escolaridade do entrevistado. Assim, foram elaborados questionários para as escolaridades **A, B e C**, isto é, pouca, média e alta escolaridade, que, no momento da codificação dos dados, foram identificadas como **fundamental, colegial (nível médio) e universitária (nível superior)**.

GUIA-QUESTIONÁRIO

TEMAS / Escolaridades A e B - Faixas etárias II e III

- 1) A vida antiga e a de hoje; a infância vivida;
- 2) Situação constrangedora vivida quando criança ou adolescente;
- 3) A escola de ontem e de hoje; os professores, os livros, os materiais, as fardas, os horários, os assuntos, a exigência;
- 4) Os castigos das diversas épocas / o castigo que mais marcou;
- 5) Comportamentos das crianças hoje;
- 6) Relação com as crianças / filhos, netos, sobrinhos, etc
- 7) Orientação dos deveres das crianças e acompanhamento da sua educação.
- 8) Algum fato interessante na tentativa de educar as crianças.

PERGUNTAS / Escolaridades A e B Faixas etárias II e III

- 1) Você acha as crianças hoje muito diferentes de antigamente (alguns anos atrás?)
- 2) Você foi uma criança pintona, levada?
- 3) Já recebeu muitos castigos? Todos eram merecidos? Conte algum deles, por favor.
- 4) Seus pais conversavam muito com você? Que assuntos eles deixavam você falar? O que era proibido?
- 5) Conte algum fato que você nunca conseguiu esquecer.
- 6) Com quantos anos você foi para a escola? Como foi seu primeiro dia de aula? Conte pra nós.
- 7) Como era a escola, sua primeira professora e seus colegas?
- 8) Você tem alguma lembrança de algo interessante do seu tempo de criança na escola?
- 9) O que foi bom pra você, na escola? O que foi ruim?
- 10) Você acha que a escola mudou de lá prá cá?
- 11) Você gosta de criança? Tem criança? Como são / ou eram suas crianças? São levadas? O que elas fazem ou faziam?
- 12) Como elas são / ou eram na escola?
- 13) Você acha fácil educar? Devemos ser durões com as crianças ou não? Conte alguma coisa sobre a sua experiência
- 14) E os deveres de casa, elas gostam de fazer? Como é em casa para ajudar?

GUIA-QUESTIONÁRIO

TEMAS - Escolaridade C / Faixa etária I

- 1) A sua infância e adolescência;
- 2) A educação antiga e a moderna;
- 3) Situação constrangedora vivida quando criança ou adolescente (castigo, injustiça);

- 4) Elementos que interferem no relacionamento entre pais e filhos;
- 5) A primeira professora / a primeira impressão da escola / relato do primeiro dia ou primeiras experiências;
- 6) A escola de ontem e de hoje; os professores, os livros, os materiais, as fardas, os horários, os assuntos, a exigência;
- 7) Os castigos do seu tempo / o castigo que mais marcou;
- 8) O ensino de português; preocupações, métodos, resultados; pontos positivos e pontos negativos; sugestões.

PERGUNTAS / Escolaridade C - Faixa etária I

- 1) Você foi uma criança muito levada? Como você era? O que aprontava?
- 2) E os adultos, como eram? Perdiam muito a paciência com você? Foi muito castigada? Conte algo marcante.
- 3) A relação entre pais e filhos, na sua opinião, melhorou?
- 4) Tem lembrança da sua primeira professora? O que mais você lembra dela?
- 5) E como era e como é a escola? Os alunos? Os livros? Os materiais? As fardas? Os horários? Os recursos?
- 6) Você tem alguma lembrança de algo interessante do seu tempo de criança na escola? Já foi injustiçado? Pode nos contar?
- 7) Como foi o seu estudo de Português a que você se submeteu nas suas diversas fases escolares?
- 8) O que foi bom? O que foi ruim? O que mudou de lá pra cá?
- 9) Você acha que o ensino de Português deve mudar? Por quê?
- 10) Na sua opinião como deveria ser o ensino de português?
- 11) O que seria , pra você, o português correto ou falar bem?
- 12) Você já passou algum vexame devido ao uso do português? Ou soube de alguém que tenha passado? Conte.
- 13) Na sua opinião, em que as crianças deveriam ser mais estimuladas, hoje? (deveres, estudo em casa, tipos de brincadeiras);
- 14) Que tipos ou tipos de leituras?
- 15) Você acha que definir horário de estudo é bom? Como agir? O que sugerir?

GUIA-QUESTIONÁRIO

TEMAS / Escolaridade A - Faixa etária I

- 1) A infância vivida;
- 2) A adolescência;
- 3) Situação constrangedora vivida quando criança ou adolescente;
- 4) A escola que freqüentou; a primeira professora;
- 5) O castigo que mais marcou;
- 6) Comportamentos das crianças hoje / relação com as crianças / filhos, sobrinhos, etc
- 7) Orientação dos deveres das crianças e acompanhamento da sua educação.
- 8) Algum fato interessante na tentativa de educar as crianças.

PERGUNTAS / Escolaridade A- Faixa etária I

- 1) Você foi uma criança pintona, levada?
- 2) Já recebeu muitos castigos? Todos eram merecidos? Conte algum deles, por favor.
- 3) Como foi o seu período de adolescente, quando começou a querer namorar, houve problemas? Conte.
- 4) Seus pais conversavam muito com você? Que assuntos eles deixavam você falar? O que era proibido?
- 5) Quando mesmo começou a namorar? Foi fácil seus pais consentirem?
- 6) Conte algum fato que você nunca conseguiu esquecer.
- 7) Com quantos anos você foi para a escola? Como foi seu primeiro dia de aula? Conte pra nós.
- 8) Como era a escola, sua primeira professora e seus colegas?
- 9) Você tem alguma lembrança de algo interessante do seu tempo de criança na escola?
- 10) O que foi bom pra você, na escola? O que foi ruim?
- 11) Você acha que a escola mudou de lá pra cá?
- 12) Você gosta de criança? Tem criança? Como são suas crianças, são levadas? O que elas fazem?
- 13) Como elas são na escola?
- 14) E os deveres de casa, elas gostam de fazer? Como é em casa para ajudar?
- 15) Você acha fácil educar? Devemos ser durões com as crianças ou não? Conte alguma coisa sobre a sua experiência.

ANEXO 6 – Chave de codificação utilizada

Variável dependente:

1. Realização da concordância verbal na 3ª pessoa do plural:

- (+) aplicação da regra de concordância
- (-) não aplicação da regra de concordância

Variáveis explanatórias:

2. Realização e posição do sujeito:

- (A) sujeito imediatamente anteposto ao verbo
- (a) sujeito anteposto ao verbo com um ou mais constituintes intervenientes
- (q) sujeito retomado por um pronome relativo
- (o) sujeito não realizado
- (P) sujeito posposto (imediatamente)
- (p) sujeito posposto (separado por um ou mais constituintes)

3. Concordância nominal no sujeito:

- (C) SN com concordância
- (c) SN sem concordância

4. Indicação do plural no SN sujeito:

- (m) mórfica
- (n) com numeral
- (q) quantificador

5. Caracterização semântica do sujeito:

- (H) [+humano]
- (h) [-humano]

6. saliência fônica

- 1 (Come / Comem)
- 2 (Fala / Falam)
- 3 (Faz / Fazem ; Quer / Querem)
- 4 (Dá / Dão; Está / Estão; Falará / Falarão)
- 5 (Sumiu / Sumiram)
- 6 (Deu / Deram; resolveu/resolveram); (É / São; Fez / Fizeram; Falou / Falaram):

7. Efeito gatilho

- (T) com estímulo para a concordância
- (S) sem estímulo para a concordância

8 – Tempo verbal

- a (presente do indicativo)
- b (pretérito imperfeito do indicativo)
- c (pretérito perfeito do indicativo)

- d** (futuro do presente)
- e** (futuro do pretérito)
- f** (presente do subjuntivo)
- g** (pretérito imperfeito do subjuntivo)
- h** (futuro do subjuntivo)

9. Tipos de verbo

- (t)** transitivo
- (i)** intransitivo
- (e)** ergativo
- (g)** ligação
- (d)** modal
- (x)** auxiliar
- (p)** auxiliar em passiva

10 – Gênero:

- H** (*homem*)
- M** (*mulher*)

11 – Faixa etária:

- 1** (15 a 25 anos)
- 2** (25 a 35 anos)
- 3** (45 a 55 anos)
- 4** (acima de 65 anos)

12 – Escolaridade:

- F** (ensino fundamental)
- C** (ensino médio)
- U** (ensino universitário)

13. Mercado Lingüístico

- p** pequeno
- m** médio
- g** grande

ANEXO 7 – Codificação / exemplos de dados codificados

Exemplos de dados codificados:

(-ACmH2biSH1F1	Eles morava la no Centro, eles ESTAVA mais perto de casa. H1F18
(-ACmH6ctSH1F1	Meus colegas ACHOU que foi exagero meu... H1F18
(+ACmH5ciSH1F1	Nao, meus amigos de infancia SUMIRAM , foram pra Sao Paulo, ... H1F18
(+oc/H5ciSH1F1	Nao, meus amigos de infancia sumiram, FORAM pra Sao Paulo, ... H1F18
(-ACnH2aiSH1F1	eu so tenho dois amigos aqui que e pouco tempo, seis anos pra ca eh A... e B..., todos os dois TRABALHA , ... H1F18
(+oc/H1agSH1F1	SAO boas pessoas, e o que sai com a gente, sai comigo direto, pra pagode, essas coisas. H1F18
(-qc/h1aeSH1F1	Mas o pagode que eu vou e, nao e igual a esses que ACONTECE em rua, em show publico. H1F18
(-qc/H4aiSH1F1	De briga? Comigo ja, comigo e esses dois que VAI sempre comigo. H1F18.
(+ACmH1atSH1F1	Foi que o segurança achou que a gente estava procurando briga, ai eu, nao foi eu que estava procurando, foi meus que eles DIZEM que estava procurando. H1F18
(-oc/H2bxSH1F1	eles dizem que ESTAVA procurando. H1F18
(-PCmH1aiSH1F1	E porque a gente levou desvantagem la dentro por causa do segurança e segundo porque nao foi a gente que estava procurando briga ne? assim DIZ os meus colegas, né? porque eu nao vi. H1F18
(-ACmH4aiSH1F1	Ate por, pelos pessoal que a gente brigou mesmo, a gente pode ir pra outro lugar eles TA e querer pegar a gente. H1F18
(+qc/H4aiSH1F1	As vezes o pessoal briga porque gosta e as vezes e porque acontece, tem uns mesmo que VAO pro pagode, ficam bêbado... H1F18
(+oc/H2agSH1F1	FICAM bêbado ou drogado e ai ja vai pra procurar briga com os outros, tem gente que tem um temperamento muito alto nao aguenta ai começa, ai começando uma briga, ai vem varias. H1F18
(-oc/H4axSH1F1	bebado ou drogado e ai ja VAI pra procurar briga com os outros, ... H1F18

ANEXO 8 – Quadro Mercado Lingüístico

ATIVIDADES	MERCADO		
	1	2	3
Veterinário e administrador de clínica			
Assistente administrativo, faz projetos arquitetônicos			
Professor de Eletrônica e gerente administrativo			
Orientador educacional			
Professor de dança			
Chefe de enfermaria			
Professor de Direito e juiz aposentado			
Professora de dança do Rosana e técnica em assuntos culturais			
Professor universitário da Faculdade de Educação			
Professora de História, prepara Buffet			
Professor de Eletrônica			
Engenheiro. Trabalha na área de Agronomia			
Professor universitário, pesquisador			
Professor do ensino médio e universitário. Trabalha com assessoria de currículos			
Professor universitário. Chefia setor na Secretaria de Educação do Estado			
Procurador do estado, professor universitário. Já foi locutor esportivo			
Juiz, professor universitário e secundário			
Artista ceramista. Professor universitário			
Escrevente de cartório. Só teve esse trabalho			
Estudante de cursinho pré-vestibular.			
Estudante de cursinho. Trabalha com crianças na Igreja.			
Estudante de cursinho (Águia)			
Faz faxinas em residências			
Gerente de vendas aposentado, trabalhava com venda de filmes.			
Professora primária e dona de casa			
Dona de casa, bancária e faz digitações			
Auxiliar de serviços gerais, copeiro e garçom			
Auxiliar de enfermagem. Tem algumas atividades na Igreja.			
Funcionário público. Chefe administrativo aposentado.			
Estudante de cursinho pré-vestibular			
Porteiro e fotógrafo de eventos.			
Controlador de vôo aposentado, pescador.			
Motorista; já foi supervisor.			
Chefe de transporte aposentado da Petrobrás.			
Auxiliar de enfermagem aposentada; participa do grupo da 3a idade.			
Porteiro; já foi comerciário			
Faxineira doméstica e de prédios.			

Jogador de futebol de salão			
Estudante de cursos no SENAC			
Trabalha como encanador e faz serviços gerais			
Estudante de Radialismo, faz fotografias e locação.			
É autônomo, trabalha com contabilidade.			
Dona de casa e professora primária aposentada.			
Assistente de alunos e pescador nas horas vagas			
Dona de casa, nunca trabalhou fora.			
Escriturário.			
Faxineira doméstica			
Contínuo, transmissor de recados.			
Trabalha com faxinas e serviços de limpeza.			
Inspetor de alunos.			
Inspetor de alunos.			
Alfaiate e pai de santo			
Alfaiate e pai de santo			
Faxineira e dona de casa.			
Vendedor de cafezinho			
Dona de casa; tem atividade no candomblé			
Mãe de santo e dona de casa			
Trabalha na limpeza e é auxiliar de pastor nas pregações.			
Dona de casa			
Faz serviços gerais, faxineiro e manobrista.			
Dona de casa, ajuda a mãe em faxinas.			
Faxineira			
Ajudante de cozinha e faxineira			
Dona de casa, faz limpeza e serve cafezinho na sala dos professores			
Lavador de carros e ajudante de limpeza			
Instrutor e técnico de informática.			